



31761061846374

Manoel da Silva Mattos
Serrazes

1221

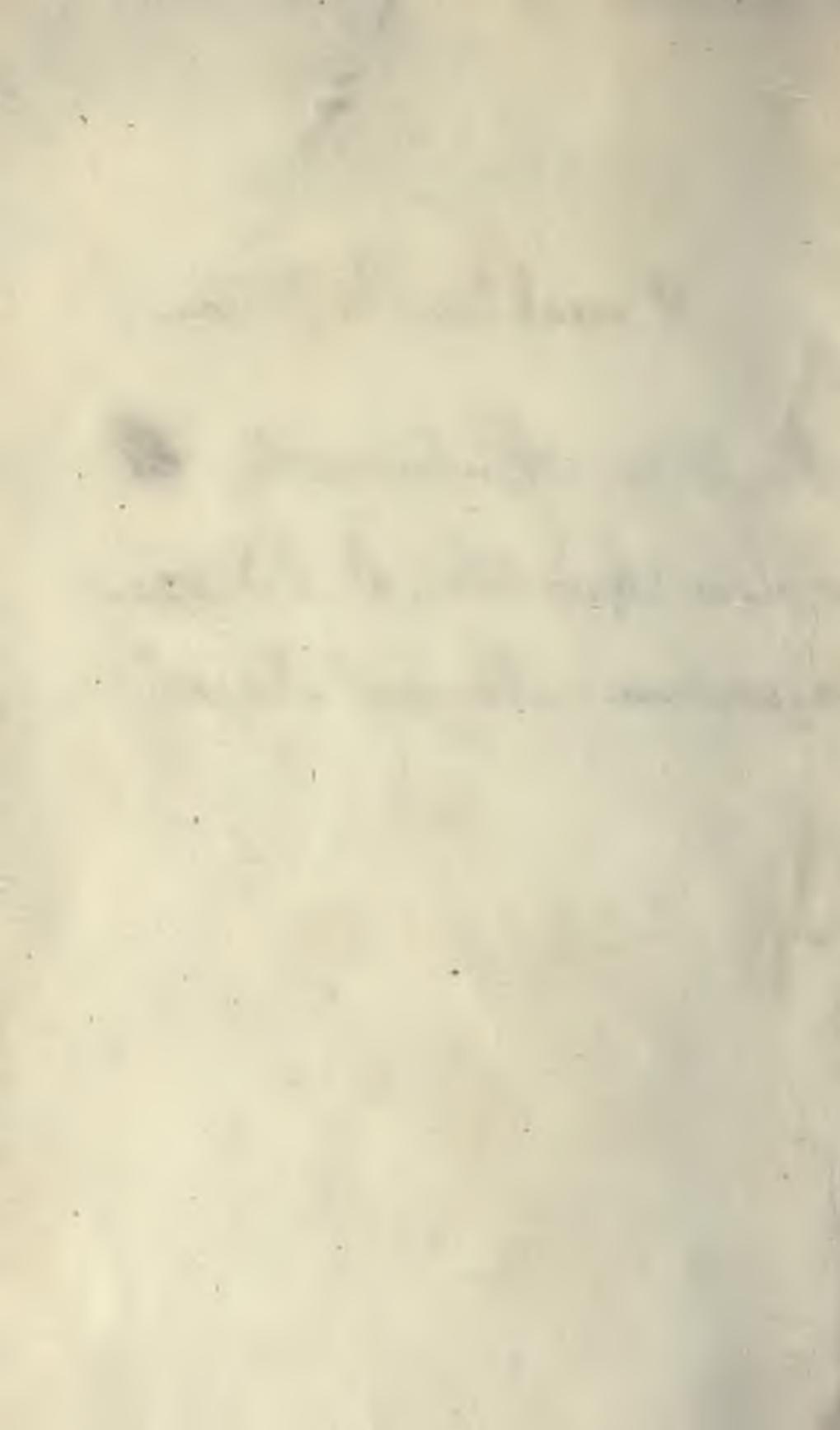
4 obras diferentes.

O mal da Delfina.

Paco de Aljubarrota. 

D Falso Apóstolo. O Bispo.

Quadrado. Miguel Angel.



O MAL DA DELFINA

PARODIA

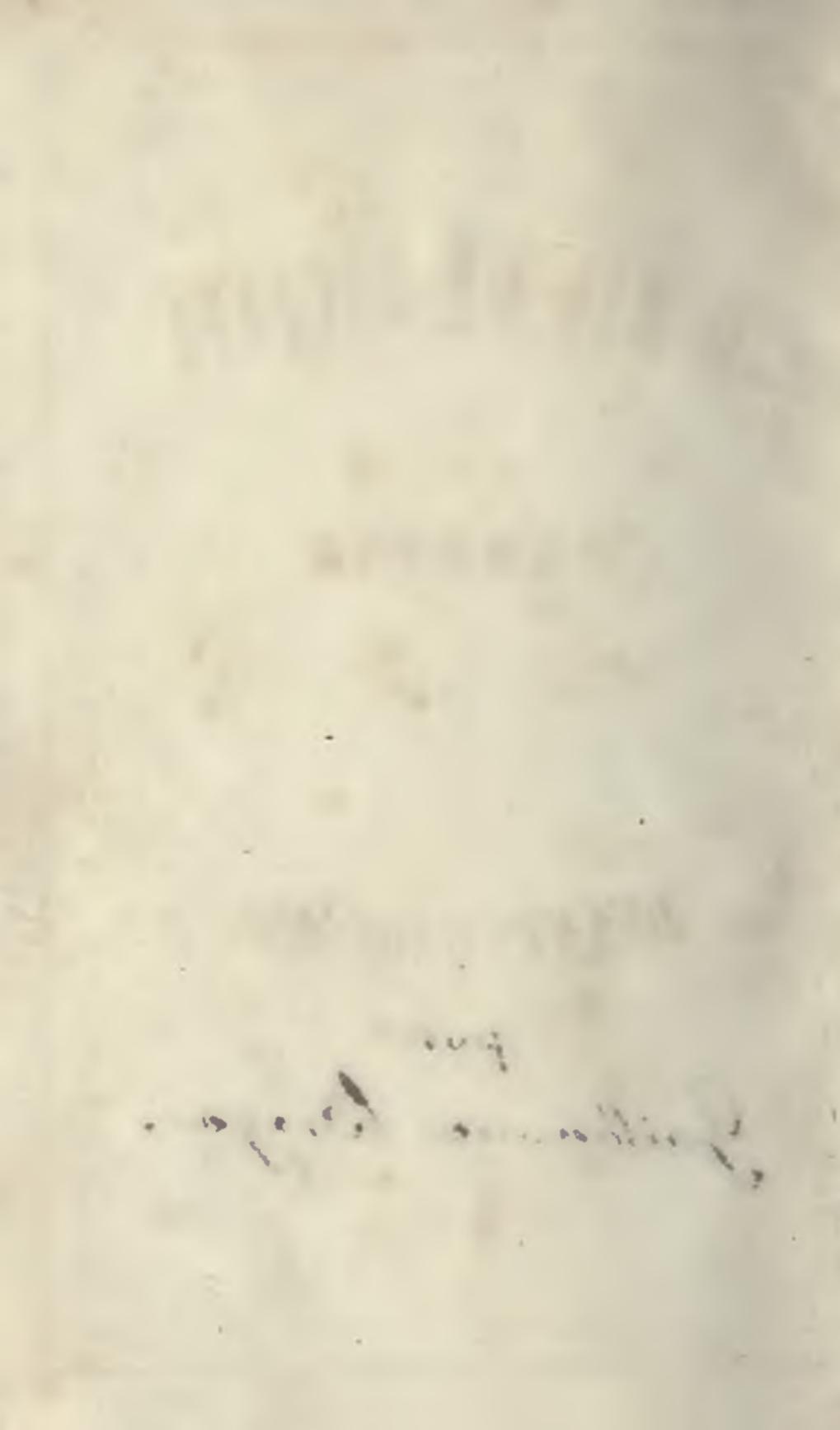
À

DELFINA DO MAL

por

Guilherme Braga.

Canção.



O MAL DA DELFINA



O MAL DA DELFINA

PARÓDIA

À

DELFINA DO MAL

POR

UM HOMEM DE BEM



PORTO
TYPOGRAPHIA LUSITANA — EDITORA
74, rua de Bellomonte, 74
1869.



AO SEU AMIGO

JOÃO PENHA FORTUNA,

EM MEMÓRIA DE PASSADOS TEMPOS,

O.

O auctor.

MEU PRESADO JOÃO:

Espero que virás receber á escada, de capa e batina, em todo o rigor do ceremonial academico, este livro, que eu nomeio embaixador extraordinario da minha sympathia, e ministro plenipotenciario da minha amizade, junto á republica do *espirito*, da *galhofa* e da *vida airada*, república que se estabeleceu em Athenas, na Couraça de Lisboa n.^o 97, e que tem em ti o seu pacifico López.

Recebidas as credenciaes, como é d'estylo em diplomacia, põe de parte todas essas formalidades balofas, e consente que eu te apresente sem mais rodeios, singela e provincianamente, como trabalho litterario, a humilde paródia que vaes lér.

O poema, que eu tentei desenvolver n'este livro, funda-se n'uma grande verdade social. Nenhum dos typos mais salientes, por mim esboçados n'elle, deixa de ser conhecido aos olhos do observador mais attento. Se quizeres evidenciar esta affirmativa, entrouxa a tua roupa á *futrica*, e vem ao Porto; posso apontar-t'os a dedo.

Quanto á accão do romance, bem deves compreender que me apertava um circulo de ferro na obrigaçāo de ser fiel ao modelo. Se é frouxa, troncada, incompleta, a accão do poema parodiado é tambem tudo isso. Conto com a benevolencia do leitor, n'este caso; todavia, se me julgarem réu de similhante crime, por abuso de liberdade poetica, faço como alguns dos nossos mais corajosos libellistas politicos; metto-me em casa e deixo no banco do tribunal o editor responsavel, que é Thomaz Ribeiro.

As scenas principaes da *Delfina do mal* estão escrupulosamente reproduzidas, sob diversissimo aspecto, no *Mal da Delfina*. A *caçada*, se é cópia fiel, no poema, dos usos venatorios da Beira, tambem, na paródia, é fidelissima cópia dos usos venatorios de S. João da Foz. O *soalheiro*, palestra *en plein vent* de todos os coscovilheiros suburbanos, e mesmo assembleia cidadâa em muitas partes do reino, creio eu que não perdeu nada com a nova denominação que lhe dei.

Quem diz *club* não diz *soalheiro* para não aventurar um *pleonasmo* ás zargunchadas da critica. E assim por deante.

O que me parece fóra de duvida, e a ti deve parecer mais que certo, é que os meticulosos aristarchos

de folhetim, que andam sempre a esgaravatar ninharias, se hão de irritar um poucochinho com a mudança por que eu fiz passar os *heroes* do poema; sobretudo quando acharem no logar da leprosa o veterano, e Delfina no de Josephina.

A ideia, que presidiu á estranha metamorphose, vae apparecer agora deante de ti, nua e desataviada, como Venus ao sahir da espuma.

Que papel representa no drama a *Delfina do mal?* O que Thomaz Ribeiro lhe quiz destinar? Não; mas o que as circumstancias lhe impozeram; o de intermedia-
ria d'uns amores extravagantes, inconvenientes, impossíveis. Já vês que se eu désse o mesmo papel a uma heroina, precisava d'ir procurar-lhe o typo n'uma clas-
se da sociedade que repugna á indole menos escrupu-
losa no capitulo da decencia e da moralidade. Por isso,
e com velhaca premeditação, fiz passar o cargo da *Sa-
gucha* para os hombros d'un homem sincero, que inge-
nuamente, e com a boa ignorancia da sua rudeza, pro-
tegesse os amores de Francisco ao abrigo de qualquer
suspeita infamante. Não digas isto a ninguem, porque
podem julgar-me deslocado na época; lê em voz baixa
esta parte da apresentação.

O veterano não é invenção minha; é invenção de uns certos patriotas que tu conheces, boa gente, que deixa morrer no abandono, e ás vezes na taberna, es-
palhando com a embriaguez o pesar da sua miseria, e os desgostos da sua velhice, entre a pipa de torneira aberta e o copo de prodigiosas dimensões, os homens que metteram hombros ao despotismo de ha trinta e

tantos annos e o deixaram de pernas para o ar em mais d'um campo de batalha.

A «*Josephina*» do poema, no dizer de abalisados commentadores, é um modelo de perfeição artistica. A mim me parece quo Thomaz Ribeiro a quiz mais para phantasma de selectos amores que para mulher como as outras, doida por um chapéu da Galliano, por um vestido das Ferin e por umas botas do Manoel Rodrigues. N'este ponto, e assim considerado, o typo de «*Josephina*» está em flagrante contradicção com a tristissima realidade da vida. Que as montanhas da Beira, e os seus valles, eram ninho d'aguias e de rouxinoes, isso já eu o sabia. Ignorava, porém, que fossem couto de anjos e de martyres, como aquella excellente morgada da *Josephina* e aquelle bom rapaz do Albano.

Mas será assim, será. Com este meu entibiamento de fé no amor beirão não percam as soberbissimas mulheres que Thomaz Ribeiro tanto celebra; as

«formosas filhas do Pavia
que são chamadas—bellas—por tão longe.»

O que eu penso, e digo, e hei de pensar e dizer sempre, é que n'esta burgueza cidade, mãe dos comícios e dos *patriotas*, as meninas não orçam nunca pela medida elevadissima do sentimento que o auctor do *D. Jayme* personifica em *Josephina*. Ora, ahi está o *porquê* da minha parodia, chà e singelamente explicado.

Repara bem na minha Delfina. É uma originalidade? Não. É o typo da mulher que tu conheces, que

eu conheço, que todos conhecem. Deixa que eu leve a minha immodestia a ponto de julgar *bello* esse typo; e n'isto obro como um tendeiro do meu bairro que mereceu d'um cidadão imparcial a honra de votar em s. s.^a; esse cidadão foi elle mesmo.

«*Bello?* interrogarás tu; *bello em quê?*» Não te espantes nem dès azo a que os outros se escandalisem. Pensa em Boileau, e repassa pela memoria aquelle proverbial hemistichio: *Rien n'est beau que le vrai.*

A ideia que deu origem á *Delfina do mal* está simples e humildemente reproduzida no *Mal da Delfina*.

Trata-se de debellar com energia a *tendencia crescente para o suicidio*; o suicidio é a doença fatal que nos reune á cabeceira da humanidade, Thomaz Ribeiro como talentoso e experimentado medico, eu como curandeiro.

Feito o horoscopo, de mutuo accôrdo, entramos todavia a embicar um com o outro sobre as causas da enfermidade e sobre o meio de lhe atalhar o andamento.

O medico, theórico sublime, julga o mal procedente do coração, e para ahi dirige os seus cuidados. O curandeiro, humilde prático, suppõe que todas as infelicidades do doente partem da cabeça e trata de lhe atirar á cabeça. O medico opina pela consolação poetica, pelo arrebatado lyrismo para remedio efficaz; o curandeiro limita-se a considerar que esse remedio só pôde trazel-o o ridiculo.

Agora ouve tu as razões do curandeiro, tu que já ouviste as do medico, peza-as na bem aferida balança do teu criterio, e, em junta excepcional, como louvado para desempate, decide conscientiosamente o pleito scien-tifico.

A geração actual, herdeira legitima de todos os vicios das gerações passadas, mas não da mais insignificante das suas virtudes, esclarecida por uns celebres *materialões* que inauguraram no orbe terraueo a propaganda do *brillat-savarinismo*, religião da cosinha, e do *faublasismo*, religião da alcova, abatida e desalentada pelo choque ininterrompido das realidades, das cousas positivas, do que não pôde ser refutado, porque é palpavel, e visivel, e muito para satisfazer o maior Thomé apostolo; a geração actual, dizia eu, dividindo toda a sua crença em partes eguaes entre a meza e o *boudoir*, entre um prato de chouriça com ovos e os labios de uma mulher rasoavel, olhou em si, e sentiu que lhe era impossivel resistir á torrente caudal do materialismo, que levava consigo todos os espiritos, ou antes todos os corpos.

N'estas circumstancias a mocidade entrou de *envelhecer* aos vinte annos. A voluptuosidade, esse egoismo dos sentidos, como lhe chama Lamartine, substituindo o verdadeiro amor, arrastou apoz si todas as imaginações juvenis, crestou-as no fogo das paixões violentas e n'elle as consumiu com a prodigiosa rapidez das grandes commoções.

Um dos symptomas mais caracteristicos d'esta febre é a mania do suicidio, apostasia intoleravel da vi-

da, que mais revela insensatez do que coragem, porque não pôde ser coragem a maior das cobardias conhecidas.

Ora, entre o sem-numero de existencias aniquiladas voluntariamente, muitas, para não dizer a maior parte, eram existencias rasoaveis, que não tinham jus a queixarem-se de Deus, porque nem sempre reflectiam a infelicidade, a deshonra, ou qualquer outro motivo forte que exigisse uma reparação d'aquellea ordem. Se dous suicidas resgatavam justissimamente o corpo de torturas insupportaveis, e depunham no cemiterio um faro que os esmagaria por força no caso de teimarem em trazel-o, noventa e oito acabavam comsigo por futilidades inadmissiveis, e incumbiam o seu enterro não só ao esquecimento, mas tambem ao escarneo.

Quer-me parecer que em similhantes apuros o remedio não é muito caro. A enfermidade, combatida homœopathicamente, não resiste aos esforços da scien-cia, e a logica manda que se opponha ao ridiculo o ridiculo, para que enfermidade e remedio possam lutar com armas eguaes.

Lê tu o meu poema e dize-me se não pensas assim. Repara bem n'aquelle Francisco Rego, fecha depois os olhos, procura evocar das sombras do tumulo os muitos suicidas que deves ter conhecido, e medita a fundo nas minhas ideias: é impossivel que não encontres um, dous, seis, vinte Regos, poetas ou não poetas, que só por fatalissima influencia d'amores ridiculos se lembraram de pôr termo á vida.

Não legislo para o passado, mas tento legislar pa-

ra o futuro. Aos que se mataram já não acudo... porque é tarde; mas quem sabe se *acudirei* aos que pensarem no suicidio de abril de 1869 em deante?

Eis a razão porque este livro devêra correr mundo vertido em todos os idiomas; vê tu se m'o traduzes pelo menos em latim, e se o empurras a todas as escholas conhecidas, para uso dos parvos e exemplificação dos insensatos. Seríamos quatro a ganhar; eu, tu, os nossos editores... e a humanidade!

Os janotas meus conterraneos, imparcialmente descriptos no primeiro e no quarto canto da parodia, hão-de abespinhar-se talvez commigo pela severidade com que lhes fustigo os costumes.

A esse respeito sinto eu na consciencia a tranquillidade, que resulta da justiça, e o contentamento que lhe trazem as boas acções.

Na verdade não ha nada mais inutil, mais pequeno e mais credor de remoques galhofeiros do que o janota portuense, typo *sui generis*, que se estréma de todos os outros janotas pela peior das qualidades humanas; a de não ter nenhuma que preste.

Um dos nossos mais espirituosos escriptores disse do janota portuense o que vai lér-se para justificação da minha severidade:

«O janota portuense, o puro, o legitimo, o estreme janota, não faz mais do que vestir-se e despir-se.

«Descobrir o meio de passar a existencia inteira entre estas duas operações é achar o segredo de ser janota.

«É preciso para isso ter uma cabeça privilegiada, dura, persistente, e sobretudo completamente vasia de quaesquer outros pensamentos e cogitações. A cabeça do janota deve pertencer livre, inteira e exclusivamente ao chapéu do Maia e Silva, e ao pente do Cruz ou do Pereira cabelleireiro. O janota abdica da sua dignidade no momento em que permite a qualquer outra cousa que não seja o pente ou o chapéu a honra de lhe entrar no casco.

«O tubo negro de castor, que tem o geito d'um obelisco, é verdadeiramente para elle um mausóléo. Dentro está o vacuo horrivel e mysterioso das campas sem epitaphio.

• •

«Em outras terras, onde os trajes sécios fazem apenas a reputação dos bonifrates, ser janota importa um certo numero de obrigações. O *gentleman* de Londres, e o *gandin* de Pariz lêem os melhores livros, e conhecem os melhores quadros. O elegante de Londres é sempre um perfeito cavalleiro, e um grande nadador; o elegante de Pariz é um mestre d'armas; o elegante de Lisboa é um toireiro; o janota do Porto... é um janota.

«Não lê; não escreve; não desenha; não pinta; não joga as armas; não monta a cavallo ou monta mal, e em cavallos pacatos como elle; não sabe musica; não

sabe *gymnastica*; não viaja, nem lhe sabem das viagens; se alguma vez lhe succede ir a Mathosinhos anda por lá com saudades da Praça Nova e do largo da Batalha.

«Os elegantes das outras terras abusam ordinariamente dos corrosivos prazeres da mesa e dos dilacerantes prazeres do *boudoir*. O janota portucense não cahe nunca em tão funestos excessos. Em honra d'elle se diga que é sobrio como um camélo e casto como um Abailard depois do namoro de Eloïsa.»

Com esses traços, minuciosos e verdadeiros, está definido o janota... do Porto. Nem mais, nem menos; é isso o que ahí fica, sem tirar nem pôr. A photographia não reproduz com tanta fidelidade, nem o espelho retrata com mais esmero. Por isso me socorri do valioso auxilio, o que me obriga a dar os parabens a mim mesmo.

No tocante ao *Club*, affianço-te que seria flagrante injustiça acusar de excessivo o rigor com que eu trato aquella assembleia.

Alli diz-se mal por costume, por vicio, por necessidade. No momento em que se exigisse do *Club* uma noite de silencio com relação á maledicencia, o *Club* fecharia as suas portas, despediria os seus escudeiros, e assentaria sobre as suas ruinas, Jerusalem da *má lingua*, a estatua do mais fallador dos seus socios!

Alguem escreveu do *Club*:

«Eu não posso fartar-me de repetir esta verdade; no *Club* diz-se mal por habito e por prazer.

«Quando aquella gente se levanta, fica sempre no

chão da *fashionable* assembleia, confundida com as pontas dos charutos, alguma reputação retalhada.»

Este conceito merece-o o capitolio da elegância macha do Porto, não só ao auctor das citadas palavras, não só a mim, não só a toda a gente que não forma parte do *Club*, mas tambem a muitos dos que por lá vão para observar e para rir.

Nas scenas que servem de accessorios á principal acção do poema, busquei empregar como indispensável a *cór local* que tanto caracterisa os nossos costumes. N'isso parodiei tambem, porque um dos merecimentos da *Delfina do mal* é, sem duvida, a exactidão com que n'ella se descrevem as mais notaveis peripecias da vida beirôa.

Tenho que observar aos que me censurarem por isso, que o meu poema nasceu d'uma ideia e que só renegando d'essa ideia elle poderia escapar-se das mal entendidas censuras. Para não ser renegado, vaidosamente se sujeita a ellas.

Creio ter sufficientemente explicado, no decursó do poema, o caracter dos personagens. Como não supponho que julguem a paródia sem haverem lido o original, abstengo-me agora de largas considerações sobre o assumpto.

Não sei se fiz bem em substituir o nobre D. Gastão de Mello, legitimo representante de velha fidalguia provinciana, que anda atrazada dois seculos nas coisas d'esta vida, por um burguez aristocratisado pelo dinheiro, d'estes com quem a gente esbarra de cara ao dobrar qualquer esquina; por um homem que, apesar

da distancia que o separa de D. Gastão, e da diversidade do sangue d'ambos, parece identificar-se com o illustre ascendente da morgada de Santo Estevão na maneira porque se habilita a procurar um genro condigno.

O fidalgo quer pergaminhos; o burguez quer dinheiro. O fidalgo fareja o rastro dos antepassados de cada um, a vêr se encontra para sua filha um noivo que valha cento e quarenta e cinco avós, escorreitos, e limpos de sangue plebeu; o burguez contenta-se com espiolhar na secretaria dos namoros da filha uns titulos... que valham cento e quarenta e cinco contos de reis. Um quer *boa nota*... de genealogia; o outro quer *boas notas*... de Banco. Estão, por tanto, quasi de par; e o quasi resume-o uma pequenina diferença: é que o burguez tem mais juizo e está mais no espirito da época. Vê-se que é *progressista*.

A substituição de Josephina por Delfina, é consequencia necessaria da substituição precedente. Delfina é a segunda edição do pae; edição em papel *velino* e typo novo, mas sempre igual á primeira nas ideias e nas doutrinas.

Póde alguem desgostar-se com o typo de Francisco Rego? «Póde, dirás tu. Não se tratam assim os poetas!»

Perdão, mas Rego não é poeta, na bella accepção d'esta nobre palavra.

O poeta, o verdadeiro poeta, morreu.

A maré crescente da prosa foi subindo, subindo, subindo... até cobrir as arvores d'onde levou comsigo

o ninho d'esse rouxinol. O ninho flutua, hoje, á tona das aguas, disperso e desfeito: o rouxinol, como o de Bernardim Ribeiro, arrastado pela corrente, morto, sem voz nem alento... desappareceu, sumiu-se!

Rego é a caricatura d'un grande vulto, que pertence á historia; mais nada.

— «Mas, observarás tu, a tentativa de suicidio nobilita o amante de Delfina.»

Não ha tal; o amante de Delfina é que ridicularisa o suicidio. N'isso mesmo ha caricatura, e talvez seja esse um dos traços mais grutescos da paródia.

Porque tenta Albano matar-se? Porque Josephina endoudeceu. Grande e sublime apotheose do coração humano! Mas porque deixa Albano cahir o revolwer e se arrepende da criminosa ideia que lhe allucinava o espirito? Porque viu que

«Offerecendo a Deus a sua máqua,

 Domingas abraçada co'a Sagucha
 vinha do rio co' uma bilha d'agua !»

Pequena e miseravel ironia do destino! Dize-me tu agora que elevada alma era aquella de Albano? uma alma que se contenta com o infortunio dos outros como uma creança com um dôce! Pois era exactamente na dôr que eu quizera que todos fossemos egoistas!

Francisco, ao menos, se metteu no bolso a navalha, não perdeu a mania sinistra. Espaçou-lhe apenas o resultado, optando por meios menos penosos.

N'ista obrou de accôrdo com Alfredo de Musset, que entrou na sepultura pela porta das orgias, e com Alvares de Azevedo, que bebia cognac com a intenção de quem bebe acido prussico.

— «Mas, no epilogo, Francisco Rego desiste do seu proposito, emenda-se, e cása. Como se entende, pois, similhante embroglio?»

Se és tu que fazes a pergunta, respondo-te democritamente. Se é o publico... tiro-lhe respeitosamente o chapéu, e pergunto-lhe com muita ingenuidade se o anno de 1869 não é este que vai correndo.

Pois que outra cousa esperavam vossas excellencias, minhas queridas senhoras? O suicidio, hoje, nas leis da actualidade, já não é a modâ allemâ contemporanea de Goethe. Os Werthers e as Carlotas da boa sociedade seguem presentemente um systema muito diverso, de que resulta muitas vezes que os filhos das Carlotas em nada se pareçam com os paes.

Muito moral é o meu epilogo, que, longe de seguir a moda, descambou para a santidade do casamento. Outro fosse eu... e nós veríamos!

E não julgues que me contradigo, nem opponhas ao que dito fica dos Werthers contemporaneos o que eu affirmei sobre as tendencias da geração actual para o suicidio.

O suicidio, a que me referi n'outra passagem d'esta carta, não tem a sua origem no amor desattendido, ou impossivel. Ahi o considerei eu como consequencia de ridiculas decepções, e mais como filho da indifferença do que da desgraça; do cansaço da libertinagem

do que da febre da amargura; da cinza do que da chamma!

Não sei se o epilogo achará de boa sombra os meus criticos. Talvez sim e talvez não, consoante elles o encararem.

Classifical-o-hão de imperdoavel ousadia, ou de necessidade absoluta? Será virtude ou crime?

Pousemos o charuto á borda do einzeiro e meditemos a fundo sobre este problema litterario.

A *Delfina do mal*, na opinião de juizes rectos, e de todo o ponto insuspeitos, acaba muito precipitadamente. Urgia narrar com mais vagar o destino dos diversos personagens, para que o leitor se interessasse tanto por elles no fim, como no principio.

Ricardo desapparece de scena, como um actor subitamente fulminado por uma apoplexia. É que o pobre diabo tanto andou n'uma dobadora, durante os primeiros actos, que o sangue lhe subiu á cabeça antes de acabar o ultimo.

A Delfina do mal, a boa e ascorosa Delfina; essa nem ao menos se despede do leitor, já abraçada a sua filha. Vêmola, ao descer do panno, atravessar ao longe os caminhos tortuosos da montanha, com Domingas por moleta, e figurando a Providencia que vem salvar Albano.

Albano fica embasbacado deante d'ella, e da sua escrava, e a gente, por mais que se dê a perros para adivinhar-lhe o destino, balda todos os seus esforços e não consegue nunca indicar ao menos o rumo que levou o poeta.

A comedia, como paródia do drama, incorreu na obrigação de terminar da mesma forma. Silverio desaparece como Ricardo ; o veterano e o sapateiro apenas se nos mostram, tambem de passagem, pela ultima vez, e Francisco Rego, que não quiz ficar á beira do abyssmo, ficou á porta da taberna. Alguem desconfia que não, e teima em que o viu entrar. Se entrou, porém, foi depois de cahir o panno.

Resultou da prolongada meditação em que enfronhei o espirito sobre o final do drama, a ideia d'acrescentar á comedia um epilogo ; e como a execução dos grandes pensamentos deve de ser rapida e momentanea, escrevi d'um folego o ultimo canto d'este livro, que o leitor me agradecerá como espero, e é de lei e de justiça.

Achada a *incognita* do problema, pégo outra vez no charuto, e sigo na palestra com a intima alegria de um Œdipo que acaba de interpretar uma sphinge.

Sabes que nem todos consideram a paródia como genero litterario merecedor de cuidadoso cultivo? — «L'esprit s'encailla dans ces imitations — escreveu Lamartine. Lamartine foi injusto n'esta sentença (Deus lhe perdôe) porque não viu que a paródia é a caricatura litteraria, e que todos, até os mais habcios e sérios pintores academicos, podem ter um momento de boa alegria em que lhes dê o engenho para esboçar caricaturas.

Gustavo Doré *illustrou* as «*Fabulas*» de La Fontaine e os «*Eccos das montanhas*», de Zorrilla. Folheia as duas bellas edições e aposto em como o *Lobo tornado*

pastor, o rato cidadão e o rato campestre, ou qualquer outra das caricaturas das «Fabulas» te não merecerá um conceito inferior áquelle em que tens as magnificas gravuras dos «Eccos.»

Eu bem sei que ainda mesmo que a *paródia* desacreditasse, não me faria isso móssa, porque nunca posui, nem possuo, nem possuirei, uma nesgasinha de credito litterario. Mas, dando de barato que a vaidade me desvairasse o bom senso, eu teria muita gente commigo na grilheta a que nos condemnassesem por havermos parodiado alguma coisa. João de Lemos e Xavier Cordeiro parodiaram, na *Cábula*, o Camões de Garrett. Escuso procurar mais exemplos. Com estes dois nomes já eu achato a censura.

Apesar de tudo, a *paródia* para mim fica sendo como Cascaes para o povo. Uma vez... e nunca mais!

Quando me lembro de que escrevi este livro, imagino que tomei um suadouro. Deus queira que tu, quando te lembras de que o lêste, não penses nunca que tomaste um narcótico. Ha plantas que, preparadas em certo deluto, fazem suar e dormir.

Estou esfalfado, e falta-me dizer muito. Não digo, todavia. O que me salta aos bicos da penna é a confissão ingenua de que não disse nada, do muitissimo que devera escrever ácerca da *philosophia* d'este poema, do veterano, do papel que elle representa, e da idéia principal que tive em vista.

A tua prodigiosa facilidade de comprehensão, e á tua muita intelligencia, deixo o encargo de preencher a lacuna. A quem der uns tantos reis por este livro,

lastimo-o devéras pelo mau emprego do seu dinheiro e sinto que partisse de mim a causa da sua prodigalidade.

Ponho fecho a estas semsaborias com uma declaração franca e leal. A paródia é má, o prologo pessimo; todavia, que remedio hei-de eu dar-lhes, agora que deve ter acabado a impressão da primeira, e começado a do segundo?

O que está escripto, está escripto...

Porto, abril de 1809.

O auctor.



O MÄL DÄ DELFINA

INTRODUÇÃO

Meu caro Ambrosio, os tempos de ventura
deixam dentro de nós saudade viva;
tu eras sachristão em miniatura;
eu menino do côro... em prospectiva!
quando os largos botins do padre cura
engraixava á janella a moça esquiva,
emquanto eu lhe piscava, a furto, um olho,
tu na cozinha ias lambendo o mólho.

Por traz da egreja, á sombra da videira,
 quanta vez o peão jogamos juntos !
 quanta vez, na atulhada salgadeira,
 nós cortámos fatias aos presuntos !
 Accusou-nos, um dia, a cozinheira
 e arrenegou-se o padre e foi-te aos untos
 não nos dando em tal mez (*grata memoria!*)
 ceia, almoço, ou jantar... sem palmatoria !

—*—

Inda me lembra o Bernabé da Preza,
 o Francisco do Moinho, o Zé das Mattas;
 soldados todos, que gentil proesa
 julgavam elles... o fugir de gatas !
 Era a calva do mestre a fortaleza
 e ballas... as chupadas pataratas
 que a nossa artilheria, em rude salva,
 chover fazia sobre a lisa calva !

—*—

Quando havia na egreja um baptisado,
 quando um enterro havia, um casamento,
 como eu subia ás torres denodado,
 os pés descalços, o cabello ao vento !
 Só quando o bronze estava fatigado
 descançavamos nós, por um momento,
 eu montado nos sinos a cavallo,
 tu por baixo... suspenso do badalo !

Depois, quando, ao sol posto, o bom do abbade
 fechar do nosso quarto a porta vinha,
 sem julgar que da moça a caridade
 nos abria a que dava p'r'á cozinha,
 como tu, com sublime heroicidade,
 ias fazer namoro a uma vizinha !
 como eu, da moça aos pés, sentia allivio,
 por me haver escapado ao *Tito Livio!*

—*—

Na eschola, onde o latim nos torturava,
 tinhamos sempre uma molestia *ad hoc* ;
 se o mestre o *rosa rosæ*, declinava
 levava-te eu nas salas a reboque ;
 e em quanto o rapazio atrapalhava
 aquella trapalhada do *hic*, *hæ*, *hoc*,
 eu fazia ablativo... de jornada
 pelo quintal, ás uvas da ramada.

—*—

Inda ás vezes me rio co'a lembrança
 do *cura*, que tornava as barbas pretas
 não sei com que elixir que vem de França
 e que trouxe elogios nas gazetas !
 Era muito de vêr a desconfiança
 com que elle punha os olhos nas gallhetas
 quando, alto, lia a missa, e, mais baixinho,
 te dizia, ao passar : « Deita mais vinho » !

Lembra-me inda o *cavaco* que tu déste
e o ferro qne sentiste, tão violento,
por ver, n'um dia atroz de vento leste,
junto da tua Anninhas... um sargento !
De tantos episodios como este,
resultados fataes d'aquelle vento,
é muito de suppôr que rindo estejas.
Ai ! quem nos déra o tempo das cerejas !

—*—

Tudo lá vae, tudo cahiu no papo
do tempo que alegrias não respeita ;
eu era um moco esbelto, um moço guapo,
branca e pequena mão, perna bem feita.
Hoje estou feio e gordo como um sapo ;
mal co' a barriga o corpo se me ageita,
e só digo, ao chorar gosos extintos :
ai ! quem me dera ter... saúde e pintos !

—*—

Tudo acabou : o jogo avaro e cego
os *cobres* nos levou do migalheiro !
Eu já puz o relogio alli... no *prégo*,
tu vendeste a casaca a um adelleiro.
Hoje estamos sem *mosca*, e sem socego,
eu, cabo de policia ; tu, bombeiro ;
e a tal moça do abbade, a minha amada,
vende agora pasteis e limonada !

*Não somos velhos, não! mas, como os velhos,
gostamos de palrar do tempo antigo.
Lembranças são os unicos espelhos
a que se pôde ver, meu caro amigo,
quem tem gota nos trémulos joelhos...
Ambrosio, anda d'ahi, vem ter commigo;
deixando est'alma passear á toa,
vou fallar-te de muita cousa boa!*

—*—

Noites de ceia em casa d'um solteiro :
dois bifes com cebôla, um frango assado ;
pão de ha tres dias que o boçal tendeiro
por extremo favor vendeu... fiado ; ¹
vinho que tem quinze annos... no letreiro
e inda estava na vide o anno passado !
muitos contos sem geito ; immensas petas !
Oh ! como se está bem junto das pretas !

¹ O Nicolau Tolentino já disse isto, pouco mais ou menos. Queiram desculpar.

Senta-se no seu throno de alfaite
 —velha e rota cadeira de palhinha—
 emquanto faz um môlho de tomate,
 meu thio, o voluntario da Rainha !
 meu avô, que é propenso ao disparate,
 biforca-se n'um môcho da cozinha,
 escondendo a careca em vil marrafa,
 e affagando no collo... uma garrafa.



Para a noite, a final, ser mais completa
 vamos *parar*, depois, emquanto chove,
 a casa d'um ratao que foi *calceta*
 e que hoje as cartas com *sciencia* move.
 Ha alli tainbem um panno da *rolêta*
 onde eu ponho uns tostões no *vinte e nove*...
 fica mesmo na esquina da *Trindade*...
 para tal jogo escusas d'ir a *Bade*.



Mas antes de sahir talvez vos diga
 o que é feito da filha do tendeiro,
 d'aquelle tão galante rapariga
 cujo *mal*... era a falta de dinheiro ;
mal a que poz um termo a sorte amiga
 co' os *bens* d'um volumoso brazilciero.
 A historia é muito fresca e não serôdia.
 Preparac seis tostões e eis a parodia.



CANTO I



A CALÇADA



CANTO I

A CACADA

Não ha *leões* assanhados
nas frescas margens do Douro ;
não ! por mal dos meus peccados
leões no Porto não ha !
São dos *leões* o desdouro
estes janotas de cá ...
São *bichos* domesticados
que a natura, em seus caprichos,
deixa andar tão disfarçados

que alguns... nem parecem *bichos!*
Não ha *leões...* mas ha *patos*
de mil diversos feitios,
guarda-livros, litteratos,
barões, medicos, vadios ;
sugeitos que a sociedade
recebe com muita festa
e a quem, por toda a cidade,
ninguem doux pintos empresta !
Corações... de frioleiras !
cabeças... de figurino !
pessoas cujo destino
(se acaso destino têm)
é conversar co'as luveiras,
ou seguir as costureiras
da *Guichard* e das *Ferin* !
Almas balôfas e fatuas
que só nas modas tem fé...
de dia, tezas estatuas
junto á porta da *More*...
de noite, heroes da *má-lingua*,
em chochas semsaborias
gastando as horas, á mingoa
de sal que a «palestra» adube,
depois de um chá sem fatias,
nas longas salas do *Club*...

O janota é massador;
a tudo entorta os narizes;

rei vaidoso das platéas,
tyranno do bastidor,
sabe apenas das actrizes
se são bonitas ou feias...
e só pensa na conquista
d'uma empoada corista
para quem o seu anor
apenas tem o valor,
d'uma *nota*... paga á vista.
nem outra causa lhe agrada,
nem ouve o que lhe revela
do coração nos conselhos
uma voz... já constipada !
tem um amor— a farpella !
tem um encanto— os espelhos !
uma familia— o cavallo
se tem cavallo de casa !
e por bens, para adoral-o
ca das lagrimas no val,
as Lucrecias de dedal
a quem elle arrasta a aza !

.....
.....
.....
.....

Vestir calças tão esguias !
as vossas pernas selectas
mettidas n'essas enguias
não são pernas, são baquetas !

Trajar tão curto *veston*
que faz sorrir as jaquetas,
e dizer que andaes vestidos
como vos manda o *bom tom!*
por isso estão arruinadas
as fabricas de tecidos !
Em vez d'aquelle *tromblon*
das vossas eras passadas
que no bojo iimenso e vão
levava algumas canadas,
pôr na cabeça um casquinho
chapeu de duas pollegadas,
d'abinhas arrebitadas
e que mal leva... um quartilho !
Que moda tão indecente !
O exquisitas figuras !
e mostraes vaidosamente
as vossas caricaturas ? !

.....
.....
.....

Para dar curso ao valor
herdado de seus avós,
estando a banhos na Foz
o janota é caçador !
Com sobre humana ousadia
depois de ter feito *lastro*
co'as iguarias do almoço,
deixa o leito ao meio dia;
prende uma fita de nastro

dos magros cães ao pescoço;
implora ao anjo da guarda
que o leve por bom caminho;
como quem veste uma farda
para entrar n'uma batalha,
eil-o enfia o polvorinho
e a triste bolsa de malha;
com sublime desassombro
toma nas mãos a espingarda
e, pondo a espingarda ao hombro,
sae de casa, sem abalos,
co'as apparencias augustas
d'um caçador que tem callos
e que traz as botas justas!

Inda usaes de botas d'essas!...
nem que os pés fossem borracha!...
Emblemas d'um despotismo
que se chama o janotismo!
Debalde a fôrma e a tarraxa
se fatigam nas tripeças!
Manquejar, bem sei que é feio,
mas que remedio, janotas?
se tem dous palmos as botas
e os pés... dous palmos e meio?

— 6 —

Vai no monte da *Luz* a immensa grita,
o barulho infernal d'uma cacada.

Rapazes da *Moré*, bando catita
 de risca ao meio e luva pespontada !
 de dia, herocs de explendidas conquistas
 na praia, onde assestacs vossa luneta
 nas alegres banhistas,
 Venus de cuia e nymphas... de baeta !
 á noite, orgulho, em bailes e *soirées*,
 das meninas com pernas de gaivotas !
 correi, voac, fugí, lascae os pés,
 eia, filhos do Porto ! eia, janotas !
 Prosegui sem temer, zombae dos riscos ;
 hoje o dia é feliz... feliz de mais !
 já na sacca levaes uns quatro piscos,
 já vos pendem do cinto alguns pardaes !

A matilha, arquejante... de lazeira,
 persegue uma gallinha
 que fugiu, d'uma casa alli visinha,
 ás mãos da cozinheira,
 e atraz d'ella, que a fome lhe adivinha,
 lá vae ás cambalhotas !
 O' delirio ! ó caçada ! ó meus janotas !

Olhae ! vêde os meus guapos caçadores !
 e ha inda quem lhes chame gente fraca ?
 um d'elles, o mais velho,
 mostrando vem, com certo orgulho, a sacca
 a sacca triumphante onde um coelho

entrou—*furtado...*
 a um lavrador que o tinha pendurado,
 já morto d'um pinheiro.
 Outro, que pouco vê mas que é certeiro
 na pontaria, e nunca, em vão, emprega
 um unico chumbeiro,
 todo radiante, aos seus amigos diz
 que fez cahir na horta uma perdiz!
 o alegre bando alvorocoado chega
 ao sitio onde a perdiz cahiu na horta
 e só encontra chamuscada e morta...
 uma coive gallega!

Um tiro parte... errou!... segundo tiro!...
 errou!... terceiro!... errou!.. e quarto!.. e quinto!..
 sexto!... setimo!... oitavo!... nono!... erraram!...
 mas nenhum dos papalvos que atiraram
 deixa de ser um caçador distinco!

— «Acima, abaixo, cães!... cães e cadellas!»
 (e á voz seguia o sibilar do apito)
 — «Vamos, *Norma!* *Pimpão!* *Joli!* *Farrusca!*»
 — «Se teimas, *Benoiton*, vou-te ás costellas!»
 — «Tu, minha *Pompadour*, fareja, busca!...»
 — «Eu não conheço!»
 — «É passaro exquisito!»

— «É gaivota!

— «Não é!»

— «É tordo!»

— «É pisco!»

— «Lá vai junto ao *Pharol!*»

— «Quem m'o *chamusca?*»

— «Francisco! vai ferido! olá, Francisco!
aponta! fogo!... assim!...»

Ouviu-se um tiro
e tudo se calou. Apoz momentos
ouviu-se alguem dizer, dando um suspiro:
— «Deixa vér o que é; dá cá, *Farrusca!*»

Cercam todos Francisco Antonio Rego
que lhes mostra o cadaver d'um morcego!

— «Recebe, ó Chico, os nossos comprimentos.
Ninguem que pouse o dedo n'um gatilho
atira como tu.... sem trocadilho.»

— «Creio que não, Silverio.»

— «Inda ha bocado,
pois minh'à lingoa o manda e é meu destino
quanto sei revelar-te e quanto penso,
temi que disparasses, tresloucado,
em vez de um tiro... um verso á *Rosalino*,
que, embora irregular... de pé quebrado,
te fizesse levar vasio o lenço
onde o morcego tens tão embrulhado.»

—«Olha quem vem fallar... olha o refugo
do bando caçador...»

—«Haja socego!»

—«De certo inda era vivo este morcego
Se o caçador não fosse um Victor Hugo
d'albums e beneficios. Que me entenda
quem me sabe entender.»

—«Francisco Rego,
que pensas fazer tu d'essa caçada?»

—«Põe-na á venda!»

—«Espera! adivinhei! a phrasc emenda!
Tregoas á gargalhada!
Esta peça de caça, este morcego
é bicho de museu...
e o bom do Chico vai-o dar de prenda
ao Luso do Lyceu!»

Silverio, o palrador, julgæ-o embora um tolo
mas não, não lhe negueis a graça, o chiste, o sal;
quantas vezes alguem que soffre do miolo
dá grande, exímio apreço á *Historia natural*?

Silverio partiu e o Chico
sobre as rochas se estendeu;
tirou do bolso um charuto
que d'outro á ponta accendeu,
e ficou a vér nas pedras
como o sol lhe desenhava
a sombra do seu chapeu.

Fumava...

Pousando a arma no chão
 pôz-se a brincar co'a vareta;
 em vaga meditação,
 fincou n'um olho a luneta
 que eu não sei se tinha gráu
 ou se era objecto de luxo,
 e o triste olhar de cachuxo
 pregou, de certa maneira,
 n'uma barraca de páu
 que lhe ficava fronteira.
 Sacou do peito uma carta
 e, com grande commoção,
 tremendo, a lia e relia,
 e murmurava:

— «Meu anjo !
 o teu pae é um beberrão !
 e o Macario, o 3 da 5.^a,
 o teu namoro, um marmanjo !...
 um patife e companhia !
 Ai ! pobre, pobre Jacintha !
 que desditosa paixão !»

Que via o Francisco Rego
 n'aquella humilde barraca
 por uma esteira coberta,
 segura por uma estaca ?

Via um trémulo velhinho
 maneta... e creio que manco !

o crespo bigode... branco!
 os olhos... piscos de vinho!
 sujos, sebentos os fatos!
 o pescoço... cor da amóra!
 e os pés... nos rôtos sapatos
 já com as unhas de fóra!...
 E chama o povo magano
 (Homem, que és tu senão barro?)
 ao solitario borracho
 por graça—o *Tripas de sarro!*
 por alcunha—o *Bota abaixo!*

O pobresinho é vet'rano!

Via, por traz da barraca,
 estreito becco deserto,
 caminho de trambolhões,
 que estava todo coberto
 de cascas de mexilhões.

Pôz-se a scismar nos abalos
 que por alli sentiria
 nas cascas roçando os callos
 e... pareceu-lhe que via
 estrellas ao meio-dia!

Cuidou vér... e viu de certo
 defronte, ao pé do *Pharol*,
 sinistro, um vulto encoberto
 debaixo d'um guarda-sol.

Sería um contrabandista
que alli, d'aquella mancira,
andasse fugindo á vista
d'heroico guarda-barreira?

Seria um ponto infeliz
que, no monte incerto e vario,
perdesse, além, na *Assemblea*,
p'ra cima de libra e meia,
e, escondido a testemunhas,
andasse roendo as unhas
por não ter uma de X?!

Nada d'isso.—Era Macario.

Via, no sitio que d'antes
se chamava *Açougue velho*,
rancho alegre de creadas
co'as saias arregaçadas,
a lavar, nas aguas lisas
como a face d'um espelho,
ceroulas, meias, camisas,
cousas caras e baratas,
calças com sua rendinha,
collêtes, lençoes, gravatas
e alguns pannos da cozinha.

Todas fazem muita *cera*,
só uma trabalha alli !
todas lavam para os outros
e ella... só lava p'ra si !

Não é branca, nem trigueira,
nem de jaspe, nem de bronze ;
é uma d'estas carinhas
que estão entre as dez e as onze.

E todas a rir, eantando,
só ella rindo... a cantar!...
E o Chico de bôca aberta!...
E eu sempre a parodiar!...

—*—
Côro das criadas

— «Lavae, raparigas ! fallae, desalmadas,
contae-nos a vida do vosso patrão ;
dizei se a patrôa vos paga as *soldadas*
que os tempos d'agora bicudos estão!...»

Jacintha

— «*Bicudos*, sim ! N'estas eras
tudo bebe; o pobre e o rico !
Se até meu pae é *bicudo*
por tomar sempre o seu *bico* !»

Côro das criadas

— «Paraes, raparigas, que a poça está suja !
ninguem n'estas aguas já pôde lavar !
maldito o silencio que a lingua enferruja !
maldito o systema de vêr.... e calar !»

Jacintha

— «Meu pae já fez com que eu deva
dois tostões á taberneira;
quer sempre que eu lhe dê vinho...
ai ! nem que eu fôsse videira !»

Côro das criadas

— «Fallae, raparigas ! ó tolo quem poupa
segredos dos amos, se os pôde contar !
Deixaes que descance nos cestos a roupa
e em casa a menina que faça o jantar !»

Jacintha

— «Quando em Arouca, ha vinte annos,
minha avó foi abbadessa
tudo o que estava na adega
lhe passou para a cabeça...

Côro das criadas

— «Batei, raparigas, batei, desalmadas,
batei sem piedade co'as roupas no chão.
Se as vossas patrões vos devem soldadas,
pagai-vos dos juros, vendendo o sabão !

Jacintha

— «Por isso meu pai te imita,
santa freirinha d'Arouca...
não só te imita nos *habitos*,
mas tambem uza de *touca!*»

Quereis saber o nome á timida *soprano*
que tanto erguia a voz n'aquellas solidões?
Jacintha d'Oliveira! é filha do vet'rano!
é quem lhe compra o vinho aos meios quartcioletos.

Ia bem longe a caçada
 pelos desertos da Foz,
 mas isto, aqui entre nós,
 já vae cheirando a massada.
 Francisco ergueu a cabeça
 e, ageitando os colleirinhos,
 emquanto á volta lhe ladra
 o *Benoiton* aos saltinhos,
 poz-se a pé e muito á pressa
 desceu do monte os caminhos...

Diz bem agora uma quadra
 composta só de pontinhos...

.

E os explendores da tarde
 apagava a escuridão;
 ao longe, na *Cantareira*,
 surgia a illuminação
 onde o azeite de purgueira,
 dentro em cada lampeão,
 prova a civilisação
 d'este feliz Portugal,
 que o progresso intende assim:
 no *Palacio de Crystal*
 gravado, escripto em latim,

com gorda letra dourada;
e alli, na tão concorrida
praia da nossa elegancia,
tendo por luz... a substancia
aos figados extrahida
da sardinha e da pescada !

—*—

— «Pae, meu pae! acabou-se o teu fadario ;
diz adeus á pobreza !
vae ter roupa lavada e catre e meza,
vae transformar-se em *mel* nosso trovisco;
sabes quem vi lá fóra?»

— «Eu não.»

— «Macario
na companhia do senhor Francisco!...»

— «Macario! oh! Deus! oh! providencia eterna!
que assim me restitues n'um genro um filho !
Jacintha... meu amor... corre á taberna ;
pega lá tres vintens... traz-me um quartilho !

.....
.....
.....
.....

— «Se eu soubesse minha filha...
 (mas o vinho é tolo e cego!)
 nem tu punhas a mantilha
 nem eu a farda... no *prégo*!

Olha a tua dobádoura;
 põe-n'a a um canto, tataranha!
 toma nas mãos a vassoura,
 varre essas teias de aranha!

E o meu pantalão, tão velho,
 no joelho rôto! Que importa?...
 é que tambem o meu joelho
 recebe o teu noivo à porta...

Veste a tua saia nova;
 co'as mãos alisa o cabêllo;
 a velha farda m'escova
 mas vê que não caia o pêllo...»

Tossia, ao perto, o mar, girando na resaca;
 dava espilros sem termo o constipado vento...
 No entanto o bom do Chico, ao lado da barraca,
 fallava a meia voz; Macario ouvia attento.

— «Que amor te espera, bréjeiro,
em dois peitos que são teus!
mas, se já tens migalheiro,
bem podes dizer-lhe adeus!

Se o pae gasta quanto pilha
em vinho, que mal te vae!
pois matando a *sêde* á filha
matarás a *sêde* ao pae!

Comtudo, olha lá, Macario,
não lhes sejas desleal!
eu conheço o *commissario*
e tu depois passas mal!»

— «Não me insulteis, por favor;
quereis vir tomar um bife?
o *hotel* é perto, senhor...
vinde!...»

— «Está bom, meu patife.

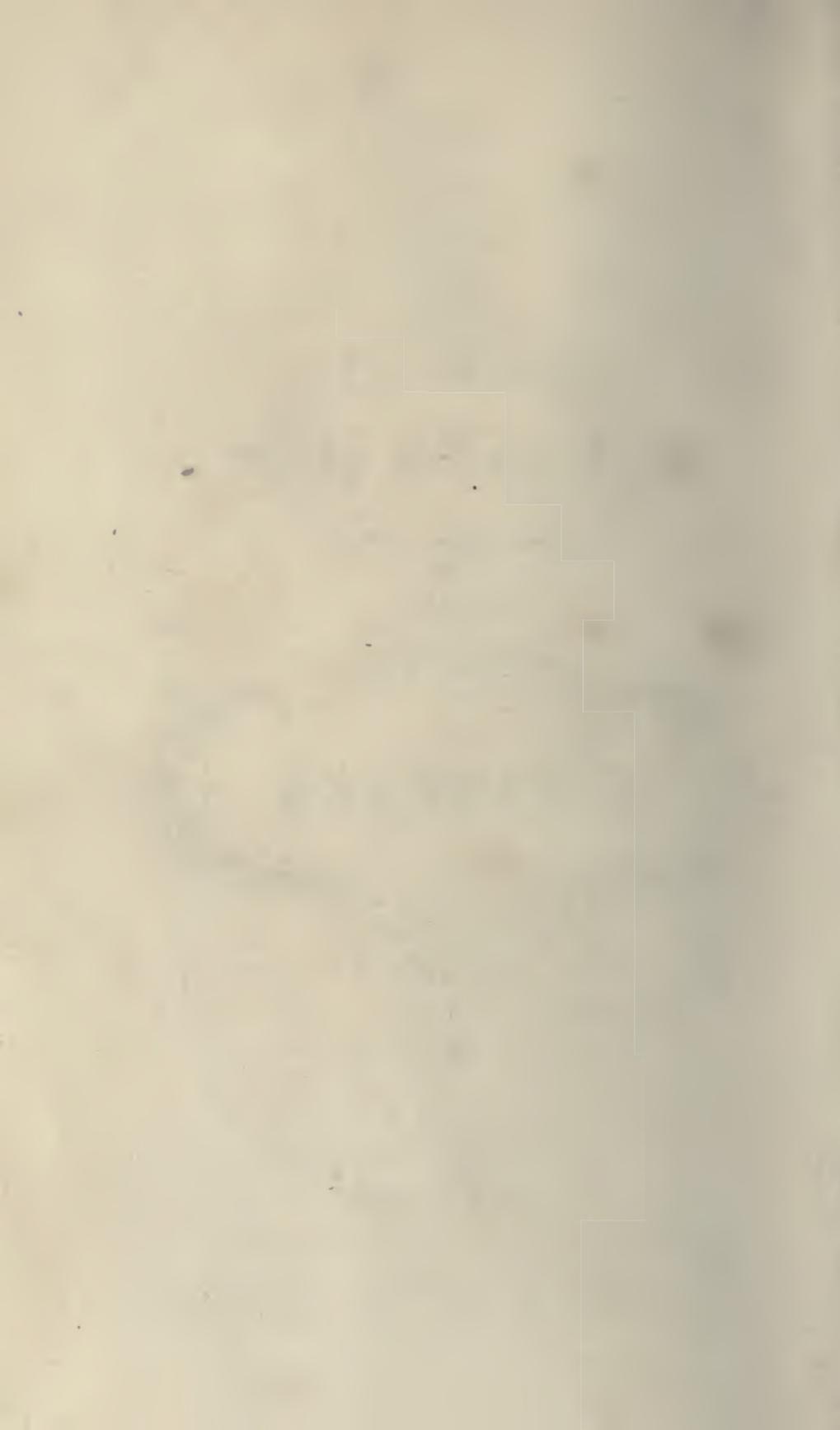
Já vês que tua malicia
contra mim valor não tem;
olha lá! lembra-te bem
dos agentes de policia!»



CANTO II



A BARRAGA



CANTO II

A BARRAGA

Burguezes da cidade, hoje é domingo!
não ha negocio algum que vos impeça;
sumiram-se os freguezes...
a estrada é larga e bella! Eia, burguezes!
ao castello do Queijo, á Foz, a Leça!
Na immunda Porta Nobre
não faltam passageiros!
présas aos *char-à-bancs* magras parelhas
ás quaes aguça a phtysica as orelhas
chamam por vós d'alli... Vamos, caixeiros!

Á Foz! á Foz! a estrada é pittoresca!
 logo ao sahir, da alfandega moderna
 se vos depara a ossada gigantesca,
 vasto sepulchro, enorme sorvedouro
 dos milhões do paiz!—memoria eterna...
 em quanto a não levar comsigo o Douro!
 Adiante, a *Fundição de Massarellos*;
 o *Estaleiro*: o *Gazómetro* e o seu cano
 (podeis lér *chaminé*) erguido a prumo,
 d'emtorno ao qual remuínha, em mil novellos,
 sempre uma nuvem de cheiroso fumo!
 Defronte, em verdes margens tão garridas,
 o palacio feudal do Anthero Albano!...
 Lá surge a *Cantareira* e o *Salva-vidas*
 que a triste *vida salva*, a vêr navios...
 cá de longe, da praia. Eis o *Castello*
 gloria e padräo... do nosso desmazello!
 tres guardas coxos, dois canhões vasios
 é tudo o que alli ha! Força tamanha
 basta a pôr medo aos batalhões da Hespanha!

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

Ao chegardes á praia dos Inglezes,
 cautéla, se levaes a bolsa cheia,
 cautéla co'a *Assemblêa*!...
 não entreis lá, meus timidos burguezes,

passae avante! Emfim, somos chegados
da *Senhora da Luz* ao alto monte:
sentae-vos nos rochedos escalvados
e ponde-vos a olhar... para defronte.

Eis aqui a *Barraca*.



Ha mais d'um anno
que do albergue escondido e solitario
se escapulio a filha do vet'rano
desmaiada nos braços de Macario.

Junto da porta, assentado
n'uma cadeira de pinho,
vê-se o espectro do soldado
que os brandos olhos embica
já com seu ar de *canjica*...
triste bode expiatorio
da loucura e do erro alheio!
E é n'esse combate inglorio
que tu afogas no seio
a mágoa, em ondas de vinho?



Sobre uma orelha pendido
tem um bonet muito velho
que já mostra descozido
o sujo galão vermelho.

Aos hombros... tem um capote
que pôde escapar ao *gancho*;
com mil nódoas apanhadas
sobre as panellas do *rancho*...
uns farrapos de burel
de quem muita gente pensa
que andam fóra com licença
das fabricas de papel...

Nos pés, cambados e chatos,
(ninguem se importa com isso !)
tem inda os mesmos sapatos
com que entrou para o serviço...
Tão fortes eram, tão rijos
que, afóra cordões e ilhós,
inda hoje estão como entraram
no cerco de Badajoz!
A mais de que uma batalha
viram seu dono assistir...
e, agora, que o dono chóra,
é que elles se estão a rir!...

A farda

..... Quem me diz de que era a farda?
(Provavelmente a farda era de panno...)
Era amarella, azul, vermelha ou parda?

Era nada!... era tudo!

Era um traje de mascara de entrudo
representando a farda d'um vet'rano!
Remendado padrão da accêsa *bulha*
que nos trouxe envolvidos n'um combate!
legenda escripta... com retroz e agulha
pelo alfaiate!

A farda era o brasão da velha guarda
.d'esses tempos heroicos,
em que uma duzia de varões estoicos
dos esquadrões marchava na vanguarda!

A farda... era uma farda!

Alli, cada pedaço era um buraco
por onde entrava a briza
. e sahia a camisa!

A farda... Era um casaco
de gola tesa, enorme!
explendido uniforme
dos corpos do «Pataco»!

Eis, pois, o «Tripas de sarro»
á sua porta assentado
saboreando um cigarro
de mau tabaco picado.

Vêde-o... Meu Deus, que tremura!
parece que está com frio...

pelas faces do vet'rano
correm lagrimas em fio...

Murmura!...

Ouvrages

«Ai! seinda me vivesse o meu querido Bento
havíamos de vê-lo em posição distinta:
senão morresse cabo, agora... era sargento...
viria consolar-me! Embora tu, Jacintha,
cega por paixões tão falsas,
paixões tão feias!
me deixasses, sem cuidares
das minhas calças,
das minhas meias,
dos meus jantares,
das minhas ceias!

Foge, Macario! serpente!
tentador! biltre! vesouro!

minha alma está quasi morta,
mettida n'esta caverna,
vendo a dous passos da gente
um verde ramo de louro,
simples brasão, posto á porta
da bem sortida taberna!

morrer aqui n'um cantinho
só, deserto ! Horror ! horror !
não ter quem vá, por favor,
buscar-me um copo de vinho !

· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·

Ai Jacintha !

isto não é tão bom como se pinta !

— «Bota abaixo, perdão ; mas tu, pobre soldado,
precisas de jantar, precisas de comer !
eu trago uma do bom, do bom... do engarrafado !
que o não saiba meu pae... e o mais toca a beber !»

Quem disse estas cousas por traz da cortina ?
Quem veiu á barraca trazer um follar ?
Foi uma fidalga ! foi D. Delfina
que estava em *Carreiros*, a banhos do mar !

Delfina, meus caros, é um anjo... sem azas,
seu pae um sujeito chamado Falcão,
que tem na cidade tres duzias de casas !...
estupido e rico ! futuro barão !

Inda o sol, na despedida,
viu, co'a luz já triste e fraca,
que na descrita barraca
havia calor e vida.

E a formosa fidalginha?
a virgem pallida e loura?
sem ter nojo da vassoura
andou varrendo a cozinha!

Tudo eram festejos, cuidados, canseira!
fugia a pobreza, tão livida e má!
chiava a panella na humilde lareira
cosendo uma posta de carne da pá!

—*—

Pouco depois, o soldado
já contente e alegre, canta
ao sentir pela garganta
correr o licor sagrado:

—«Bemdito, ó deus das ramadas
bemdito, Senhor, que velas
pelos que tem as guelas
mais sêccas do que molhadas ! »—

CANTO III

COISAS...

GANTO III

COISAS...

Ó solidão, és semsabor! não prestas !
Quando da Foz nas íngremes calçadas
inorre do dia a susurrante bulha ;
quando nem lá se escutam as passadas
tristes, municipaes, d'uma patrulha ;
nem grita e zune o vento, em noite d'estas,
no pomar, no quintal, com tristes vozes,
lançando pelo chão maçãs ou nozes...
éss seinsabor, ó solidão! não prestas !

Canta o pobre do veterano,
o aposentado guerreiro,
que só tem por companhia
a ponta do seu *bréjeiro*,
e uma garrafa vasia
á qual por vezes envia
um olhar cheio de pranto...
Se o leitor ouvisse o canto,
aposto que adormecia?

— «Tomei-lhe o gosto: bebi-a!
não tem uma gotta já!
diz o papel: *malvasia*....
bem vasia é que ella está.
Ah!... ah!...

Pois se esta foi a primeira,
também ultima será?
Em voltando á garrafeira,
ó Delfininha, anda cá.
Ah!... ah!...

Tinha guardada uma palma
no valle de Josaphat!
Morreu: Deus lhe falle n'alma...
atraz d'ella outra virá.
Ah!... ah!...»

Interrompeu-se o velho. Um canto ao longe
quebra a mudez dos solitarios bêccos;
treme o vet'rano e alvorocado escuta
como o tímido rato que pre-sente
do gato as unhas a raspar no fôrro.

Dizia o cysne que grasnava ao longe :

—«Debalde foges, Maria,
com modos tão exquisitos !
Sou como as moscas de dia,
de noite como os mosquitos !»

—«A voz canta nos matos da morgada
—o vet'rano rosnou;—algum janota
que vae vêr o namôro!... Deus permitta
que os ladrões lhe não palpem a algibeira...»
E tornou a cantar, n'um tom mais alto,
como quem quer dizer:—«ó tu, que passas,
falla, ao menos, á gente !»

—«Tomei-lhe o gosto, bebi-a!
não tem uma gotta já !
diz o papel: *malvasia...*
bem vasia é que ella está.
Ah!... ah!...»

De novo o canto ao longe e mais distinto:

— «És como as rãs: tens por uso
fugir ao rumor mais brando;
eu sou como o parafuso:
tanto ando como desando.»

— «*O canto desce monte abaixo!....* Ó canto,
olha lá que não vás quebrar as pernas!

Senhora Dona Delfina
trazei-me outra para cá;
mas ai! cautéla, menina...
não desconfie o papá.
Ah!... ah!....»

Ninguem lhe respondeu. Forte insolente
era o tal cysne que grasnava ao longe!

— «Quando á bôca d'um gargallo
cóollo meus labios, não ha
não ha susto nem abalo
que m'os desprégue de lá...
Ah!... ah!....»

— «Ha ou não ha, meu velhote?»
 Desmaia o *Tripas de sarro!*
 dos hombros cae-lhe o capote,
 de traz da orelha o cigarro!

Fica de testa franzida,
 pallido, ancioso, de pé!
 mas a voz é conhecida,
 é de Silverio, não é?
 É, é!...

— «*Bon soir, meu general*» e entrava a porta
 Silverio, o palrador.

Se dão licença

vou censurar-lhe agora um mau discurso
 que elle fez sobre os reis, que andam de noite
 jogando o murro, ás vezes com lacaios,
 para entrar no portal d'uma condessa.
 Isto de reis é cousa muito séria;
 nem se deve fallar dos que estão vivos
 nem dos que estão a fabricar tijôlo!
 Quando o poeta da *Marion Delorme*
 quiz mostrar ao seu povo o typo *esbelto*
 d'aquelle bom rapaz do Luiz XVIII,
 Carlos X, a sorrir, disse:— «Ó poeta!»
 Vertida a phraze em phraze mais humilde
 pôde entender-se assim: «não sejas doido!»

Os reis são reis, não homens; como o Papa tem seu *quê* de divinos. Mal parece andar, como Silverio, a dar á lingua por casa dos vet'ranos, contra a c'roa! que tem que um pobre rei persiga as freiras, quando a rainha faz namôro aos frades? Aposto que o leitor é um homem grave que já foi camarista ou que é visconde: Ora diga-me lá: não acha feio morder na magestade?

—«O que é bonito —me responde o leitor—é ter eu gasto seis tostões co'a parodia, e andar ás moscas sem que você me explique esta embrulhada!»

Sim, senhor; tem rasão, mas, com franqueza, na «Delfina do mal» tambem ha d'isto. Vamos ao resto. O palrador Silverio, depois de ter fallado um quarto d'hora calou-se; encostou á parede o guarda-chuva, foi pôr-lhe no castão chapéu e manta, tirou do bolso a ponta d'un charuto e sentou-se a fumar.

(Não ha rimas em *ar*, mas na «Delfina» tambem não ha tacs rimas n'este ponto...)

lembra-me isto uma quadra muito antiga
que eu ouvi não sei onde e que resava:

Dispuz no meu quintalsinho
um ramo de folhas verdes
e nasceu-me um pé de burro
c'uma candêa na mão!)

—«Do Rego que sabes?»

—Nada.»

—«Que triste sorte mofina!

mas sabe d'elle a Delfina?»

— «Creio que não!»

— «Malfadada!»

— «E ella é tão boa menina!

Não ha ninguem que não sinta,
sendo bom, mágoas e dôres!...

A minha infeliz Jacintha,
senhor, tambem era boa!»

Dizem que vive em Lisboa...

mas onde, não o sei cu

no Porto sei que viveu

na rua dos Mercadores!

Não ha maior desaforo!

fugir uma filha ao pae,

trocal-o por um namoro

Ai!

.....

Vinheis saber do Chico?
se prometteu que vinha é porque vem,
mas se o pae de Delfina é bruto e rico
que falsa esp'rança o desgraçado tem!»

—«É tarde, e ha pouco, além, na hospedaria,
com mais uns doux ou tres o vi entrar...
O poeta esqueceu-se da poesia
no prosaico prazer de um bom jantar!»

—«Não! Francisco não falta ao que promette.
Demais, faz annos, ámanhã, Delfina...»
—«Quantos faz? vinte e seis ou vinte e sete?»
—«Estaes a caçoar?...—

—«É que a ladina
sempre na cara põe tanto alvaiade
que logo denuncia á gente fina
querer pintar... a certidão d'idade!

Fallemos d'outra coisa...
são longas estas horas.
Porém, que vejo? é sonho?
tremes, desmaiias, choras?

Acaso te recordaste
d'alguma tristeza? Diz...
que grossa lagrima escorre
ao longo do teu nariz!

Talvez queiras que eu irrompa
n'um rasgo sentimental?
isso é bom para Francisco,
p'ra mim, não, que me faz mal!

Jantei bem; comi dous bifes
com rodas de salpicão...
se entrasse a chorar agora
atrasava a digestão...»

Houve um longo silencio em que Silverio
fingiu não vêr os prantos do vet'rano,
retorcendo o bigode em cujas guias
se empastava, co'as lagrimas, a cêra.
Lagrimas n'um janota?

Ha certa gente
que depois de jantar chora sem custo
e facilmente se enternece.

O velho
começou, já sem pranto, a narrativa:

— «Ides ouvir, senhor, cortada de revezes
á historia d'um heroe do tempo dos franceses.
A patria é grande em tudo! até no galardão
que paga ao filho seu, que a serve... por paixão,
voltando, como eu vim, rachitico e mancta!
De menos, um pernil; demais, uma muleta,
eu, que dei que entender aos planos do Junot,
foi tudo o que arrangei? Senhor, isto faz dó!»

Vibrava-lhe na voz o esforço do passado!
relampagos no olhar! no gesto... um deputado!

— «Bem moço me casei; vinte annos tinha só.
Houve dança na bôda, e vinho, e pão de ló;
do jubilo em signal, aos pés da minha Joanna,
que *bico* eu não tomei! que immensa carraspana!
aquillo era bailar, cantar, brincar, sorrir,
beber... beber... beber... beber até cair!
a noiva, o sacristão, padrinhos, convidados,
andavam n'uma *felga*, involtos, misturados,
de sorte que eu, depois de estar tambem no chão,
quiz dar um beijo á noiva... e dei-o ao sacristão!
Tinha a boa da esposa um genio extravagante...
o corpo, d'*anainha*; a lingua... de gigante.
Foi isso o que a perdeu! Na minha boa fé,
depois de ella ter dado á luz o seu *né-né*,
um dia eu fui sahir... Costumes de borracho!
quando cheguei a casa estava como um cacho.

Zangou-se; eu não gostei. Grunhio... deixei grunhir;
 julguei proceder bem levando o caso a rir;
 no entanto, ella abusou chamando-me bréjeiro!
 eu via atraz da cama um pau de marmeleiro...
 quiz inda ser prudente, inda escondêl-o quiz,
 mas tinha-me subido a polvora ao nariz;
 dei-lhe a primeira vez... dei-lhe, perdendo o tino,
 e, a julgar pela amostra, o panno era do fino!
 Depois, vós bem sabeis que n'isto de *tosar*,
 o mau é dar o exemplo; o mau é começar!
 Por fim (tinha o meu Bento um anno, um mez Jacintha)
 lá veiu um dia aziago....—Ó minha esposa extincta,
 perdôa! eu sinto agora uma profunda dôr!
 D'essa vez... foi de vez! Espanto-vos, senhor?
 Bater n'uma mulher! bater-lhe c'uma estaca
 a ponto de a obrigar, saindo d'uma maca,
 a entrar para um *caixão*! Meu Deus, como eu lhe puz
 os ossos em molháda! Horror! horror! Jesus!
 E o tempo foi passando!

Era homem o meu Bento;
 era um bello rapaz; namorador, bulhento,
 audacioso, pimpão! Nas festas e arraiaes
 das moças estimado, odiado dos rivaes;
 tanto elle um beijo dava á filha mais guardada,
 como ao pae, que a seguia, um murro, uma paulada!
 Forte scisma era aquella!

Um dia, no Pilar,
 houve grande arraial; nós fomos lá jantar;
 eu 'stava ao pé da Egreja, e ouvi grande restolho
 e vi chegar-se a mim, já f'rido ao pé d'un olho,

e gritar-me: «Acudi! senhor, vinde, correi!
vosso filho anda lá! Jesus! aqui d'el-rei!»
um nobre furriel do mesmo regimento
onde já era cabo o meu querido Bento...
corri! minto: voei! Por entre um pinheiral
sentia-se alli perto um barulho infernal...

Depois tudo o que vi foi mal distinto:
ergueu-se d'entre o mato um vulto! e outro!
e mais! e mais!
paus que tinham argolas!
cacetes já com sangue!
e entre si se crusavam... sem respeito...
enxadas... e sacholas!
eu assistia exangue...
a tudo...
mudo!
procurando o meu Bento que não via!
De repente...
ouço um tambôr
por entre aquella gente!
era o rufo do Zé-P'reira
atraz do amigo regedor!
erguem-se os cabos das enxadas!
e eu sósinho, a tremer, a tremer!
procurando o meu Bento e sem o ver
no meio de tão feias *embrulhadas*...
e ouvi um brado atroz, feroz, e, logo após,
assim como uma voz que diz: «Resae por nós!

—«Mata! mata! —

Prende! agarra! tem mão! guerra ao manata!»
e vi-o!

era elle, era o meu Bento! um calafrio
me correu pela espinha!
nem eu sei o que tinha!

Berrei-lhe... não me lembra o que berrava...
o que sei é que o vi, e que fugia
da chusma que o seguia,
e ás costas lhe atirava
cascas de melancia!
de encontro a uma canastra
ei-lo esbarrar-se vae!
d'ovos o chão alastrá!
pára! escorrega!... cás!...
uma algazarra immensa!... uma paulada!... um ai!

Achei, tornando a mim d'atroz fanico,
Jacintha ao lado meu chorando em vão!
Depois... vim para o Porto
dentro d'um carroção!»

—*—

Finda aqui este canto e por signal
melhor do que outro igual
na «Delfina do mal»!

Diga o leitor se não acha
no modo porque o outro fecha
que pôde pôr-se uma pecha
nas consoantes de *tarraxa*?
O meu estro não capricha
em cantar á *troxa mocha*,
pois teme a crítica chocha
que ficou como uma bicha
por vêr como a rima pucha
atraz da *Ucha* a *Sagucha*!



CANTO IV

O CUB

À noite, *sucia* em casa de Delfina.
Do pac nada sabeis? e eu nada, ou pouco;
sabemos só que é hoje o anniversario
da rica herdeira d'um tendeiro bruto.
Sabemos que é formosa o quanto pôde
ser formosa a mulher que tinge as faces;
que tem uns olhos insensiveis, mudos,
como os olhos de vidro das bonecas
ou dos *meninos de chiar*. Seu corpo
lembra talvez a estatua d'uma Venus

que sahiu do esculptor co'as pernas tortas !
Ao vél-a, um Raphael tapára o rosto,
e um Canova... fugira horrorisado !
Abaixo das esguias, curtas saias,
que tem por molde as saias dos tapuyas,
avulta o pé maior que eu tenho visto !
um pé, que sem favor, ganhára o premio
n'alguma exposição de pés ingleses...
inglezes mesino ! A bôca *melindrosa*
quando se entr'abre deixa vê... os dentes.
Tanta innocencia lhe bafeja o seio
que, no collegio ainda, entre os compendios
escondia as cartinhas dos namôros !
Por ter lido os romances do Camillo
e apanhado umas phrases empoladas
imagina-se a Stael do seu bairro !
côme pouco e sómente exquisitices
da franceza cozinha estima e préza !
Finge-se *aéria*, pensativa, extatica,
diante d'un ratão que faça versos,
mas diante do pae, e d'uns sugeitos
que frequentam a casa onde mal cabem
por causa dos abdomens, falla em juros,
na guerra do Brazil, nos altos cambios,
e em coisas graves, sérias, d'importancia !
poucas amigas tem, mas d'essas mesmas
nenhuma poupa quando está co'as outras ;
saias, fitas, chapéus, tudo escarnece,
de tudo zomba e ri, discute as modas,
revolve os gavetões, mostra, uma a uma,

quantas coisas possue, vestidos, rendas,
 alfinetes, *fichous*, pulseiras, leques,
 adornos fatuos de cabeças ôcas,
 que são capazes de trocar um noivo,
 um noivo ou dez—por um chapéu de *toule*!

Feliz! oh! bem feliz Francisco Rego
 se fôr Adão... decente, Adão... vestido
 n'aquelle Eden onde é maçã... Delfina!

D'esse pobre rapaz sabemos todos
 que tem olhos azues, bigode louro,
 corridio o cabello e tão crescido
 que estraga sempre a golla dos casacos!
 É d'estes microscopicos talentos
 cujo vigor se exhaure em chochos versos
 rimados pelo centro, ás donzelinhas
 das suas relações, em dia d'annos!
 versos que ficam bem... sobre algum *quéque*,
 em bom papel de recortadas beiras,
 com pombinha em relêvo á esquerda margem;
 é d'estes genios cujo vôo *altivo*
 se expande em albums, arruinando as azas!
 Vive na roda *fina* e *aristocratica*
 das seis familias que no Porto formam
 da *bôa sociedade* a nata, a *gêma*!

Observa o figurino, uza luneta,
 vae ao *Beauvais* e ao *Cruz* de quando em quando,
 na *Maria Martins* conversa, ás tardes,
 de manhã, na *Moreá*, no *Club* á noite.

.....

—No *Club* á noite—disse eu?...
 Que pensamento exquisito!
 porém se disse... está dito!
 Leitor, ponha o seu chapéu,
 dê-me o braço e vamos lá!
 quero que veja esse gremio
 dos *elegantes* de cá,
 onde tem gloria e tem premio
 lingua que prime em ser má;
 onde apenas brilha e cabe
 quem no *epigramma* é feliz;
 quem sempre diz o que sabe,
 mas nunca sabe o que diz!

Minhas senhoras, perdão...
 chegando ao *Club*, quem ha de
 deixar de subir? eu, não;
 vinde vós tambem ao *Club*!
 é tão pertinho a *Trindade*!...

vinde: eu quero apresentar-vos
no forum do janotismo,
no parlamento dos parvos,
no museu do pedantismo!

Nem vós sabcís quanto é nobre
este senado imponente
onde um bando maldizente,
com liberrimo alvedrio,
faz andar n'um rodopio
a vida de toda a gente!

Póde um temporal desfeito
assolar, varrer o Porto,
tornando o torto direito,
tornando o direito torto ;
póde, no Corpo da Guarda,
preparar-se uma *bernarda*
á voz d'eximios patriotas ;
ninguem no Porto receia,
embora se agite o mundo,
que morram, que vão ao fundo,
tanto o *Club* dos janotas
como a pacata *Assembleia* !

Não ha jornaes na cidade
como aquelles dous jornaes !

Um é todo seriedade,
letras, acções, inscripções,
artigos commerciaes.
Redigem-n'o alguns barões,
tendeiros aposentados,
e uns dous ou tres deputados
de typo todo burguez,
que mandam pôr luminarias
no dia das eleições;
que dizem: *eu foi, eu fez,*
nas discussões camararias !
e que, n'esse *eu fez, eu foi,*
julgam mostrar seu talento
e provar ao parlamento
que já não são *pés de boi!*
O outro é jocoso, e mais vário ;
revue de modes local,
com folhetim, noticiario,
e uma palestra theatral !
só tem por fim *dizer mal*
(fim de todos os jornaes)
e demonstrar, nas bravatas
dos seus artigos de fundo,
que dão que fazer ao mundo...
co'os erros grammaticaes !
Redigem-n'o uns pataratas
de luva côn de canario,
que não tem modo de vida
mas que herdaram de seus paes
alguns... a massa fallida;

outros o mais necessario
para a despeza sabida,
roupa, theatro, charutos,
o que, com economia,
apenas demanda a verba
de quinze tostões por dia!

O primeiro é partidario
de todos os ministerios
onde só entram sujeitos
como elle graves e sérios,
que reduzem os *direitos*,
que estudam a fundo as *pautas*,
que dão protecção aos *bancos*
de que possuem accções,
e que sempre, á quinta-feira,
na assignatura real,
dão de mais a Portugal
meia duzia de barões,
e dos barões á fileira
novas condecorações!

O segundo quer medidas
tendentes ao bem geral;
subsídio á lyrica empreza,
e muitos pratos na meza
do orçamento nacional!

Seguem diversa politica,
 por isso andam sempre às bulhas !
 chama o segundo ao primeiro
 —*casa de cerdos—palheiro*—
 e este, aos socios do segundo,
 —*vadios—corja de grulhas!*—

Leitores, vamos ao Club !
 se não será de valia
 a discussão, boa e fina,
 sendo a vida de Delfina
 dada para ordem do dia ? !

Vae a sessão tumultuosa
 e, entre o fumo do tabaco,
 na longa sala espaçosa
 corre animado o *cavaco*.
 Ouçamos : tem a palavra
 um *doutor* :

— «Pois é verdade !
 diz-se por toda a cidade
 que o pae tem mais de cem contos!...»
 — «Ora, adeus !»

— «Abre a janella
 e deixa passar a peta !
 Nem que nós fossemos tontos !»
 — «Cem contos !»
 — «Quem tem cem contos ?

(pergunta da meza do *whiste*
um *dandy*, pondo a luneta,
e alisando a cabelleira)—
talvez o pae de Delfina?

quem disse tamanha asneira?»

— «Fui eu, que ouvi dizer isso
ao guarda-livros da casa.»

— «Para mim, que ando á *divina*
era um bom dote!...»

— «Petisco!

bem sabes que amor a abraza
pelo doido do Francisco!»

— «O pae detesta o namôro;
inda antes d'hontem á noite
houve uma scena de chôro!»

— «Entre quem? Entre ella e o pae?»

— «Creio que sim...»

— «Mas o Rego

inda persiste?»

— «Eu sei lá!

Elle inda ás vezes lá vae
e é certo ás horas do chá,
segundo diz o gallego
que a serve...»

— «Pois eu sei mais!

sei que na Foz o namôro
tocou nos ultimos dias
as raias do desafôro!»

— «Tem a palavra o Moraes
para contar essa historia.»

— «Não vale a pena, meus caros;
prescindo de tanta gloria,
e estes factos não são raros
da Foz nos velhos annaes...»

— «Mas conta...

— «Chusma de vandalous
só quereis reputações
para destruir!»

— «Pois sim,
mas não queremos sermões!»

— «E assim me julgaes, a mim,
chronica viva d'escandalos?»

— «Vamos á historia!»

— «Delfina,
sabeis, morava em Carreiros,
e a apaixonada menina,
p'ra fugir aos brazileiros
amigos do pae, que á tarde
iam sempre visital-o,
sáhia só, pretextando
que lhe esquecêra o regalo
em casa da prima Anninhas;
que deixára uma pulseira
na praia, entregue á banheira;
que perdêra o guarda-sol;
que ia apanhar *concharinhas*
(era como ella dizia)
e ia... não sei se adivinhas
onde ella ia!...

— «Ia talvez, ao murmúrio
das verdes ondas do oceano,
lêr os versinhos do Rego?»

— «Qual! ia até ao Pharol
onde entre as rochas destaca
uma barraca

— habitação d'um yet'rano
que servia de *Mercurio*
áquelle amor soberano!
depois...

lá se encontravam os dois,
em bocólico remanso,
ás horas em que o sol tomba,
como dizem os poetas,
do mar nas vagas inquietas;
Delfina como uma pomba,
o trovador... como um ganço.»

(Festeja da phraze o sal
uma risada geral)

— «Peço a palavra...»

— «O barão!

se lh'a dão quero sahir...»

— «Ninguem deseja dormir!
'stá levantada a sessão!»

Quem era o vulto imponente
que desejava fallar?
barão lhe chamam ! barão !
barão quer dizer—alvar !
Engano ! funesta idéa !
leitor, o barão do *Club*
não é o barão da *Assembleia*!
Um é baixo, obeso, mōno,
pesado como o dinheiro ;
chama capacho ao tapete,
cordinado ao reposteiro ;
tem menos pé que joanete ;
é d'estes bons cidadãos
que nunca usaram de luvas
porque lhes suam as mãos....
sóimente em dias de gala
a casaca se lhe vê !
na linguagem que elle falla
tudo se escreve com *B.*
serve a todos de *palito*,
faz sempre rir toda a gente !
barão—barão, finalmente ;
barão propriamente dito !
O outro é bem feito, elegante,
de fronte larga, espaçosa,
typo soberbo e radiante
que a todos diz: «Eu cá vou»
no andar, que infunde respeito,
no colleirinho direito,
no branco botão de rosa

que o namôro lhe offertou
e que o barão traz ao peito !
Fraque de grandes lapellas,
inveja dos mais janotas !
calça a alargar nas canellas
e a cahir bem sobre as botas !
chapéu no excesso da moda,
luva esticada e tão lisa
como os punhos de bretanha,
como o peito da camisa :
emfim, um typo elegante,
uma pessoa catita,
que tem feito andar á roda
muita cabeça bonita ;
que esteve em Pariz e em Londres
nas grandes exposições ;
que diz, como *dilletante*,
que detesta a voz cançada
d'um cantor que desafinc,
mas que não dá pateada
p'ra não quebrar a badine,
p'ra não cambar os tacões !

A apparencia é o grande abysmo,
profundo, immenso, fatal,
que separa os dous barões.

Voltemos ao *clubicismo*,
á sciencia de *dizer mal*.

«—Vamos, barão; desembucha,
se não fallas... arrebentas !»

—«É que eu sei da pequerruxa
coisas que vós não sabeis;
sei que o Francisco a namora
só pelos contos de reis;
sei que ella affronta as tormentas
que lá por casa lhe vão
só por gostar d'esses transes
que tem lido nos romances...»

(Não falla mal o barão)

«—Acabaste?

—«Eu não acabo
tão depressa o meu discurso.»

—«Este barão é o diabo;
falla sempre, e sempre bem;
esquadrinha e sabe tudo.

—«Bem se vê que tem o curso
cá do lyceu da má lingua...»

—«Só nas camaras é mudo!...»

—«Por modestia ou por desdem?...»

—«Por uma cousa e por outra,
ou por que terá quesilia
ao pariato....»

—«Isso não tem !

Quando faz conta á familia,
 quando aos *parentes* convém,
 então quer elle ser *parente*
mui util, devoto
dos santos deuses do lar,
que sabe dar o seu voto
*a quem tambem *sabe dar!*...»*

— «E o resto da historia?»

— «És bruto!

não lembres tal, que é massada!»

— «Tens tu ahi um charuto?

— «Não tenho.»

— «Nem eu...»

— «Nem eu!»

— «Posso dar-te um *gran parada*
 se me deixares fallar!»

— «Bravo, barão!»

— «Falla, falla!

acaba o discurso teu!

eu por mim não me consumo
 e aproveito no contracto;
 fecho os ouvidos e fumo!»

— «Attenção!»

Entrou na sala,
 com andar *sonso* e *pacato*,
 um homem de nariz rubro,

de testa quasi escaldada,
 que toda a gente proclama
 a lingua mais afiada
 d'entre as que tem maior fama...
 a testa não, mas o homem...
 (haja respeito á grammatica !)

— «Attenção ! Tem a palavra,
 como aqui é d'uzo e practica,
 o recem-vindo !

— «Pois não !
 mas quero saber primeiro
 sobre que vérsa a questão...»
 — «Sobre o namôro do Rego
 com a filha do Falcão.»
 — «Muito bem. O assumpto é vasto...
 Dizem que a tal rapariga
 de rapaz se veste ás vezes
 e apparece entre os freguezes
 d'algumas *casas de pasto*
 com... não sei se vol'o diga...»

— «Ora, adeus !»
 — «Isso é peta !»
 — «Isso é mentira !»
 — «Isso não, não pôde ser !»
 — «Bando ignáro de sandeus,
 que não sabeis que a mulher
 é catavento que vira
 ao menor sôpro do vento !»

— «Catavento!

Catavento é quem lh'o chama;
quem punha as mãos na fogueira
por essa formosa dama
se fosse namoradeira,

se a todos désse *cavaco*...»

— «*Cavaco* dás tu, velhaco,
porque, *si vera est fama*,
já lhe rondaste a jancella...»

— «Má lingua!»

— «Pedaço d'asno!»

— «Então, rapazes, que é isso?
não vale tanto a donzella,
nem ella, nem o derriço!
Icis bater-vos, socar-vos?
sabeis que mais? sois uns parvos!»

— «Aqui 'stou eu, que lhe não quero mal
mas que outro dia, na *Cancella Velha*
pude ver que Delfina anda com *telha*
e que o namôro, n'ella, é já mania.»

— «Que foi, Gustavo?»

— «Conta!»

— «Que seria?»

— «Além, no *Laranjal*,
uma noite em que eu ia aqui do *Club*,

senti que uma jumenta desferrada
 corria atraz de mim á desfilada;
 voltei-me, e vi Delfina em cima d'ella,
 tranquilla e socegada,
 como se aquillo não valesse nada.
 Andava no passeio uma patrulha
 que não gostou da bulha
 e quiz prender jumenta e cavalleira.
 A burra era matreira
 e pespegou-lhe um couce...
 Delfina atrapalhou-se,
 a jumenta empinou-se e contra a esquina
 cahiu sobre Delfina...
 Ora, se ella não fosse assim tão lesta
 não tinha um gallo, como tem, na testa,
 mas anda sempre nas regiões da lua
 por causa do poeta que namora,
 e assim, a toda a hora,
 faz d'estas scenas! Que vergonha a sua!»

.

— «Lá que ella traz voltada a cabecinha
 sem tino e sem socego,
 isso traz, eu por isso apôsto a minha!»

— «E então por boa *rolha*!
 pelo tolo do Rego!»

— «Com dez maridos á escolha
todos homens de dinheiro!
é demais!»

— Pois eu não juro,
mas creio que de futuro
Delfina se ha de emendar,
por causa d'um brazileiro
que a porta lhe anda a rondar...
Aqui, no Porto, as mais bellas
mais *tentadoras* donzellias
são nossas... só nas janellas!
dos brazileiros... no altar...»

— «E dizes bem, meu chocarreiro,
já duas vezes, por signal,
eu tenho visto o brazileiro
da Delfininha no quintal!
Ella esvoaça como um tôrdo;
elle atraç d'ella se rebola!
ella tão magra! elle tão gordo!
ella um caniço! elle uma bola!»

— «Meus amigos, são horas. A *partida*
deve estar animada...»

— «Eu vou só co'o sentido na risada...»

— «E eu na explendida ceia promettida!»

— «E eu não ponho lá o pé!»

— «Mas a tua familia é convidada?»

— «Isso tambem a minha!»

— «E não vaes? Eis que chega o meu coupé
tens um logar alli...»

— «Muito obrigado
mas estou combinado
com meu tio que ha de ir de carroçao...»

— «Já sei; vaes co'a priminha!»

— «E eu vou de cadeirinha!»

— «Que ratão!»

— «Ha de estar boa gente. Isso é verdade:
conhece a flôr da nossa sociedade
o bruto do Falcão...»

(Ihi! forte admiraçao !)

— «Pois, meus caros, é preciso
preparar para as quadrilhas
e, quem tem alguns vintens,
para fugir ás guerrilhas
commandadas pelas mães,
combinadas com as filhas;
uma palavra, um sorriso,
embora tragam consolo,
consolo do paraíso,
bem sabeis... são armadilhas!»

(Não é difficult ser tolo!
difficult é ter juizo!)

• • • • • • • • •

Poupe o démo estas almas de palhaço,
n'aquelle tão ridiculo proscenio;
que a vingança da musa, o seu mau genio,
taes pigmeus, por emquanto, não derrube.
É bom que tudo occupe algum espaço;
tem o gallego a esquina; a aranha, a teia;
os *Catões* a *Aguia*; os *Cresus* a *Assembleia*...
fique aos papalvos... o salão do *Club*!

CANTO V

PRENTA D'ANNOS

CANTO V

PRENDA D'ANNOS

Hoje é toda fulgor, toda fragrancia e musica,
toda alegria e *brodio*, a casa do Falcão !
vê-se, logo ao entrar, do baile a amostra explendida :
tres jarras no portal, na escada um lampeão !

Sorri d'almo prazer, janotas cadavericos !
diaphanas houris, ó pleiade gentil !
no fim ha grande ceia; alegrem-se os estomagos !
a dança abre o appetite; a dança é perrexil !

Fartae-vos de valsar, ó bonifrates nómadas !
 não tarda o taboleiro, os doces, e o licor !
 vencei, ó capitães do feminino exercito !
 dae fogo, olhos—canhões do exercito do amor !

A vida é boa assim... comer, beber com jubilo !
 eu cá detesto o pranto, embirro de chorar...
 só me agradam a mim de *Christo* as doces *lagrimas*...
 d'essas não me incomoda um lago, um rio, um mar !

Sões da nocturna festa, amortecidas lampadas,
 na valsa o vosso brilho as almas nos seduz,
 mas quando em torno á meza a gente empunha os calices
 ninguem no pisco olhar supporta a vossa luz !

Depois que finda a ceia, as castas virgens pallidas
 disputam primasia aos gomos da romã...
 e os *dandys* mais gentis da *roda aristocratica*
 despertam sob a meza... ás nove da manhã !

A dança é febre, excita!... e após, como remedio,
 um copo de licor, que é balsamo do céo !
 Que importa á sociedade o abutre do ridiculo,
 se, presa a enorme pipa, imita Prometheu ?

Virgens, seguræ bem na mão, inda não trémula,
a taça de crystal que o nectar innundou !
se a fronte vos ourar, tres gottas d'amoníaco
n'um copo d'agua fresca... e o mal logo passou !

Quando, acabada a festa, ao leito ameno e flacido
volverdes, a dar vida aos sonhos virginæs,
não veja a moça entrar, em convulsões e em vomitos,
os paes atraç da filha, o filho atraç dos paes!

Hoje é toda prazer, toda fragrancia e musica,
toda alegria e brodio a casa do Falcão :
tomou-se agora o chá; leitor sem ceremonia !
pôde subir tambem... Não ha guarda-portão !

No salão, comprido e largo,
que circundam bambinellas,
como doira as nossas bellas
dos seis lustres o fulgor !
como as damas se consolam
d'escutar seus namorados
que parecem rebuçados
derretidos pelo amor !

Como a esposa do ricasso
que inda, á noite, engana a vista,
se regala em ser conquista
dos ridiculos heróes !
como a touca se lhe ajusta,
com mil rosas, com mil folhas,
do cabello aos saca-rolhas,
aos postiços caracóes !

E os *blasés* inda sem buço
que se agrupam junto á porta,
como quem já não se importa
de valsar, de namorar !
mas que vão ás outras salas
porque é lá que os escudeiros
pousam sempre os taboleiros
que elles tratam de assaltar !

E os barões ! como elles berram
no affastado gabinete,
onde ao whiste e ao voltarete
vão largando algum tostão !
e as meninas, que os espreitam
por de traz do reposteiro,
ao tinir do seu dinheiro,
palpitante o coração !

Vêde agora os pataratas
dos politicos da moda,
todos juntos n'uma *roda*
que a nação ha de salvar!
teve Roma um Bruto apenas,
e, por mal de seus peccados,
tantos brutos deputados
Portugal tem de archivar!

Tudo é festa e riso e jubilo,
tudo encanto e pasmaceira,
nos salões da rica herdeira
que não vê, não tem rivaes !
tudo á volta lhe murmura
saudações d'amantes peitos,
tudo presta mil respeitos...
á fortuna de seus paes !

Vinte annos conta a púdica Delfina,
e toda a gente lhe consagra festas;
quem sempre n'este mundo anda á *divina*
nunca despréza uma fortuna d'estas!

Nas ruas do quintal
illuminado a giorno

com toquinhos de cebo em globos de papel,
 os moços e moças, em grande tropel,
 imitam dos amos o ardor festival,
 e todos alli tem
 alguma boa prenda,
 comprada n'uma tenda,
 tirada d'um armario,
 p'ra saudar da menina o anniversario,
 e, quando ella vier tomar a fresca,
 em scena burlesca
 depôr-lh'a nos braços,
 e receber as *c'roas* fulgurantes
 em paga dos thesouros, que adivinha
 no portal, na cocheira, ou na cozinha,
 aquella grande sucia de mandraços !

—*—

Além, ao pé do tanque,
 junto ao caramanchão,
 pára uma cadeirinha e d'ella um vulto
 sae, n'um capote occulto !
 Quem será ?
 Dos criados a alegre multidão
 caminha para lá,
 e a gallega parelha inquire em vão !
 de Vigo o cidadão

ou por ter consciencia, ou por ter medo
não diz nada a ninguem... guarda segredo!

.....

.....

Voltemos aos salões febricitantes
onde o mundo janota a fronte inclina
quando passa por elle uma menina
cheia de vidros... a fingir brilhantes!

Abri passagem á rainha,
ó pataratas dos salões!
quando a riqueza se avisinha
rendem-se logo os corações.

Como é formosa!... uma condessa
da idade-média!... uma vestal!
no collo... *arroz!* e na cabeça...
vasto *chignon* monumental!

Se as damas soubessem que encantos distintos
lhes fulgem nos pintos qne alguem lhes supoz,
por muito vermelhas que fossem da cara
nenhuma arranjára... branura d'*arroz!*

Que importa a belleza que os rostos esmalta
se o dote vos falta, donzellias gentis!
não ha namorado (chorae de tristeza!)
que ao pé da pobreza não torça o nariz!

Ninguem, das meninas *sem eira nem beira*
na immensa fileira, procura mulher!
enfeites e rendas, pulseiras e *contas*,
não pagam as contas, não dão de comer.

Enlucta a mizeria grandezas fingidas,
grandezas mentidas quem ha de estimar?
só tu, boa herdeira d'um pae rico e sério,
conquistas imperio que pôde durar!

Delfina vae cantar... O pae zangado
por causa d'uns burguezes
que alto e bom som discutem, d'elle ao lado,
se o Lopes está bem fortificado...
bate as palmas tres vezes.

Calam-se os typos.

Magoadas queixas
sahem do piano em musica divina...
dos labios de Delfina

brotam, como da rosa o olor se exala,
as seguintes, dulcissimas endeixas,
todas frescura e amor...
Ninguem se mexe... e só no corredor
se ouve o ranger das apertadas botas
d'um bando de janotas
que em biquinhos de pés entram na sala...

—«Tenho um bicho cá por dentro
que me roe e vae roendo...
quanto mais affago o bicho
mais o bicho vae crescendo!»

Ó Chico, pára, escuta
a voz da tua amada !
que bicho á desgraçada
inspira esta allusão ?
Áquella dôr sublime
presta amorosa venia...
Meu Deus ! tavez a *tenia*
lhe morda o coração !

—«São cousinhas minhas !
são peccados meus !
não me mate o bicho
pelo amor de Deus !»

É certo ! a meiga virgem,
 no amor tão pouco varia,
 d'enorme *solitaria*
 sente a pressão feroz !
 No entanto, que frescura,
 que puro sentimento,
 n'aquelle brando accento,
 n'aquelle doce voz !

E o Rego, como a escuta,
 sem medo, ou nojo, ou tédio,
 fazendo-lhe um remedio
 da luz do seu olhar!...
 A *tenia*, em casos d'estes,
 foge ao medicamento
 e só no casamento
 se cura aos pés do altar !

Terminado o bello canto
 tudo applaude e bate as palmas ;
 sahe da boca, está nas almas
 a ovação que alli se faz !
 Ouve o Chico o immenso côro
 que saúda o seu namôro
 e elle não ! Pobre rapaz !

Elle não, porque tem medo
de mostrar quanta paixão
lhe rumina o coração
inda anonyma, em segredo!
Delfina comprehende tudo
porque tem um vivo engenho,
e diz ao primo Fulgencio:

— «Se o meu Francisco está mudo,
a mórvovação que eu tenho
resume-a áquelle silencio,
cheio d'encantos e assombros,
em que eu me revejo e animo!...»

Abre a bôca o bom do primo
e, em resposta, encolhe os hombros!

—*—

O grupo dos brasileiros

— «Que boa moça, só José Falcão!
eu lhe dava com gosto a minha mão
se a minina quizesse...»

— «Em vendo a ella,
logo o meu peito se enche de paixão»

— «Se eu fosse *impérador* dava-lhe o império !»

— «Vamos lá, *sô Villaça...* *vito serio!*
não se faça pedante aos pés da bella...».«
Este Villaça é bem portado e rico
Falcão sorria de contente. O Chico
chega no entanto e diz :

— «Peço perdão

mas aqui não se ajusta uma donzella,
como se ajusta arroz, cravo, ou canella,
pimenta ou bacalhau !
mandioca, macarrão, café, batatas
ou farinha de páu !
demais a mais, as damas litteratas
não podem ter esposo analphabeto,
como um *Villaça*, um *Pinto*, um *Epifanio*,
um *Antunes*, um *Lobo*, um *Anacleto*,
que em vez de pés tem patas
e côco em vez de craneo...»

(isto não é com vossas senhorias!)

pois, nos primeiros dias,
a lua que é de mel, sem gran milagre,
se tornaria em lua de vinagre,
e, adubada com o cebo do vestunto
do marido boçal, seria então
lua de caldo e brôa, ou de presunto...»

Fez duas cortezias
e saiu do salão !

O grupo dos janotas em volta d'ella

—«Que bem! Que lindo capricho
do seu estro musical!

Vossencia não leva a mal
que lhe diga o meu defeito?
Ai! quem me dera ser bicho
para andar dentro em seu peito!»

—«Bravo! soberbo conceito!»

—«É tão fina e pura a essencia
do amor, que n'alma lhe lavra,
que na mais breve palavra
o quer revelar *vossencia*!

O bicho de que dizia

que a roía

era a paixão! pois não era?»

—«*Vossencia* não diz que não
e assim quem cala, consente!
A paixão! louca chimera!
bicho, sim... talvez panthera,
leopardo, tigre, ou leão!»

—«Sendo assim,
o Senhor me livre a mim
de estar no caso do Chico!»

—«Imprudente! Abrindo o bico,
dizes logo uma sandice!»

(Delfina está distrahida!
já nem sabe o que lhe disse
a malta dos *dandys*! não!
pobre florinha pendida
ao perpassar do tufão!)

—*—

Grupo de senhoras

Alto

— «Muito bem, e com muito sentimento!»

Entre si

- «Voz de canna rachada... insupportavel!»
- «Mas como tudo se lhe mostra amavel!
- Olha o Paulo! que grande comprimento!»
- «E o Garcia, não vés? Que namorado!»
- «Todos são de bom lote!»
- «Tu bem sabes porquê! se é tão pesado
da Delfininha o dote!»

—*—

Silverio e um amigo, ao fundo

— «Olha! as mulheres raivaram!»
 — «E os brazileiros... não vês?
 O Falcão anda zangado...
 já se vingou n'um criado
 dando-lhe dous pontapés!»

—*—

N'isto o piano, interrompendo o dialogo
 dos analysadores,
 soltou brando murmurio, uns sons *angelicos*,
 uns timidos rumores!
 Tarde era já; da lua o bello disco
 desmaiava no céo... cada bocejo
 era, em cada conviva austero e môno,
 uma prova... de sonno!
 Delfina mesmo estava enfastiada...
 Vae recitar Francisco
 e a donzella acompanha em lento harpejo
 os versos d'uma valsa apaixonada:

«Era no outono, quando á meza tua
 grande perúa esvoaçando vi!
 quiz acaçal-a, segurei-lhe uma aza,
 e andar a casa em derredor senti!

Vendo-te fresca, donairosa, altiva,
 cada conviva te brindava então,
 e inda teu rosto com prazer saudava,
 se vacillava, se cahia ao chão!»

.....

E a mal tocada musica
 voejava no teclado,
 como a andorinha profuga
 em cima d'um telhado.

.....

«Quando pousaste a tua mão na minha
 mal te continha virginal pudor;
 —É certo, é certo—eu resmungava absorto—
 que o velho *Porto* nos inspira amor!

O velho *Porto*! o genuino! o puro!
 ao seio obscuro d'infeliz rapaz
 dá nova luz... d'inspirações um cento,
 e grande alento ao coração lhe traz.»

.....

E o mystico dialogo
 dos *versos* e das *notas*,
 fazia rir d'escarneo
 as damas e os janotas!

.....
— «Era debalde que o licor bebia;
mais me acendia o delirante amor,
mais de relance teu olhar buscava
se me affogava no jovial licor!

Louco, sem tino, quiz pedir-te um beijo,
e fui-me ao queijo que em teu pranto vi,
e, imaginando mastigar-te o rosto,
com muito gosto o queijo teu comi!»

.....
Falcão espreita-os avido,
com olho de velhaco!
e a turba a rir do escandalo,
e elles sem dar cavaco!

.....
— «Era no outono, quando á meza tua
grande *periá* esvoaçava então!
tu no meu collo reclinaste a frente
e meigamente me roubaste o pão!»

Depois de novo o baile, o turbilhão, as danças!
após lenta quadrilha, eis principia a ceia...
dê-se descanso aos pés, dê-se alimento ás panças!
valsa a gente melhor com a barriga cheia!

Quem passeia ao pé do tanque
no quintal illuminado?
algum dandy *incommodado*
que foge á luz dos salões,
para vir tomar a fresca
de tanto defluxo origem,
por causa d'uma *vertigem*
que o trazia aos trambolhões!

E ápos um *dandy*, outro *dandy*,
e ápos um par, outro desce;
Deus queira que algum tropece
na escada, ao pé do quintal,
porque o poço é d'ali perto
e, em seu profundo alvoroço,
póde cahir dentro ao poço
e um banho não lhe faz mal !



A turba dos criados e criadas
cerca Delfina, e lhe festeja os annos
com mil *bonitas* prēndas, comparadas
ás que se dão no dia dos enganos.

—«Como eu vos agradeço estas lembranças
que nunca hei de atirar da rua ao cisco!
só me falta uma prenda (e tarda tanto!)
d'aquelle ingrato do senhor Francisco...»

—«Senhora, a vossa festa
não podia esquecer-me ao coração,
salvo se eu tenho aqui um T na testa !
a minha pobre prenda, por modesta,
foi esconder-se no caramanchão.

Eis a turba se atropella,
passa, irrompe de roldão,
este rasgando a farpella,
aquele beijando o chão,
um entre as moças mettido
tropeçando n'um vestido,
outro soffrendo o revez
de ter pés e, n'um momento,
ficar privado dos pés!
Reina immensa confusão;
é grande o contentamento;
todos querem n'um instante
chegar ao caramanchão,
que avulta ao longe, brilhante
co'a sua illuminação!

Ao descobrir-lhe o centro
dão grandes gargalhadas!
um quadro singular viam lá dentro!

Montado n'um pipo de fórmas bisarras,
coberto de parras,
com ramos de louro, de um bello verdor,
o velho vet'rano sorrindo chorava
e o pipo furava,
nas mãos aparando do pipo o licor!

Da surpresa a menina recobrada,
chega-se ao velho e diz-lhe:
— «O teu amigo
fez isto por desdem, por caçoada,
para se rir, para brincar comigo!
pois andou muito bem, muito obrigada,
mas eu não gosto d'isto e vou-me embora.
Se vem meu pae... adeus! temos paulada!
ai! nem eu sei como elle inda não veiu...
Bebe um copazio agora
e põe-te já lá fóra...»

E disse o pobre a estremecer-lhe o seio:

« Ó menina, se eu percebo...
 cebo...
 mas estou aqui tão bem!
 sahindo agora... constipo!
 pedi ao Pedro a verruma
 fiz uma brecha no pipo
 e mais uma,
 mais duas, e vinte, e cem,
 de fórmā que mal eu pucho
 os trapos, com que as tapei,
 torna-se o pipo um repuxo...
 que nem eu sei!
 Sem pensar que havia p'rigo,
 scismava ha pouco comigo:
 —que é isto? pois quem sou eu?
 de certo me engano!
 um homem que não bebeu
 vinho d'este ha mais d'um anno!—
 e de repente,
 eu que tinha os pés na cova,
 frio o corpo e a vista cega,
 acordo com luz!... e quente!...
 e n'uma adega!...
 muito contente
 por estar co'a farda nova! »

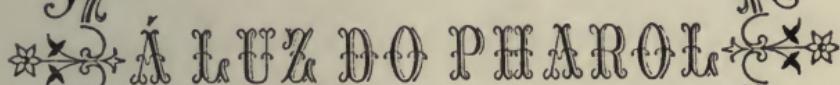
Delfina chama á parte o louco bardo
e baixinho lhe diz:—

—«N'outra não cáias!
meu pae não tarda ahi, em febre eu ardo!
antes que elle entre, será bom que sáias!»

.....
Eis as chalaças
de que ás vezes na vida dos amantes
se originam paixões, lucto, e desgraças!



CANTO VI



À LUZ DO PHAROL



CANTO VI

À LUZ DO PHAROL...

Começa o ponto mau! volta-se o bico ao prégo!
eis entra em scena a prosa aos murros á poesia!
torna-se fel da terra o amor, essa ambrosia!
Delfina está perdida, está perdido o Rego!

É meio dia. Em casa de Silverio
entra o Chico infeliz, nos olhos baços
mostrando a insomnia da velada noite!
Desalinhada a gaforina, as roupas,

lemboram n'elle um dos typos muito em voga
aqui no Porto ha boa duzia d'annos!
Silverio está na cama; entre bocejos
ao subito rumor que faz o amigo
coça a hirsuta cabeça, esfrega os olhos,
e emfim os crava no infeliz amante!

— «Madrugaste, rapaz! Cousas d'amores!
nova conquista á luz da aurora, apósto!
e deixaste os lençoes e os cobertores
por algum anjo de chupado rosto?»

— «Lê...»

— «Que queres que eu leia? Aparta, aparta
de mim teus versos... de dormir prescindo!...»

— «Ai! não rias, Silverio! olha esta carta,
morte affrontosa d'um futuro lindo!

Lê, Silverio!»

— «Vou lér:

— Senhor Francisco;

eu sei que estou correndo o grave risco
de perder minha filha, e é desafôro
que você lhe aconselhe accão tão feia!

Julgo, portanto, preciso
que me guarde mais decório,
que mostre ter mais juizo,
que ponha um termo ao namôro,
senão... mette-o na cadeia,
ou mando por meus creados
pôr-lhe as costellas n'um feixe,

dar-lhe uma boa tarefa!
 e depois ninguem se queixe
 de extremos tão desgraçados!
 Receba, mudo, a lição
 e não se me faça fino,
 do contrario, perco o tino,
 eu mesmo lhe vou á cara;
 e, se chego a pôr-lhe a mão,
 a historia fica-lhe cára;
 vamos ter semsaboria,
 e é minha toda a razão.
 Nada mais.

*José Maria
 de Souza Antunes Falcão.—*

Este mesmo final tinha eu previsto!...
 Que lhe respondes tu?»

—«Respondo-lhe isto:

—Senhor José Falcão. Merece indulto
 o velho que por tonto me injuria...
 se d'outro homem partisse a grosseria,
 no sangue d'elle lavaria o insulto! .
 Assim, causa-me dó! sinto piedade
 de ver como a loucura ataca a edade!
 Bem sei que ante a fortuna hoje se humilha
 a fronte mais audaz, nobre e sublime!
 bem sei que é honra o que eu julgava um crime:

pôr um pae em leilão a propria filha!
 tomar um genro qual se toma um sócio!
 Para um tendeiro vil... tudo é negocio !...
 Quanto ás suas bravatas de Quichote
 se as repetir, senhor, perco o socego,
 vou procura-lo e dou-lhe c'um chicote !
 Seu creado

Francisco Antonio Rego.—»

—«*C'est trop fort*, meu amigo... O que eu receio
 é que tu lh'a não mandes...»

—«Fallas sério ?

Vou deital-a, hoje mesmo, no correio
 e tu verás quão forte eu sou, Silverio !»

—«Pois bem ! põe-te lá fóra;
 deixa-me reflectir:
 os grandes pensamentos
 encontram-se, a dormir,
 nos sonhos turbulentos.
 Vae passcar, Francisco,
 refresca essa cabeça...
 embora te pareça
 que estás n'un grande risco,
 isto não vale nada ;
 é fructo sem caroço...
 Adeus! dize á creada
 que espero pelo almoço !»

Francisco apertou-lhe a mão
e saiu...

Silverio, confrangido o coração
por quanto viu e ouviu,
ficou, tal como agora a metrificação,
perdido, atrapalhado, em grande confusão!

—*—

O Chico, asabumbado,
saiu do Porto e foi direito á Foz;
co'as salsas brisas refrescando a fronte,
da *Senhora da Luz* subiu ao monte,
e foi sentar-se n'um rochedo, a sós,
mostrando assim ao mar dormente e quedo
em cima d'um penedo... outro penedo!

Escutae! falla baixo e inda na mão
tem a maldita carta do Falcão:

— «Ao fogo ardente que me abraza o peito
eu sopro em vão, nunca se apaga a febre
que o peito me commove...
No *trinta e um* do amor tinha um bom *ponto*:
uma figura veio! estou *ficado*...
fiquei-me a *vinte e nove*!»

Mal haja o pae da minha bella amada !
 Adeus, contos de reis! adeus, fortuna
 que eu tinha quasi certa !
 mal haja o vil sandeu, o bruto avaro
 que o pobre coração, sem dó, sem pena,
 c'uma tenaz me aperta !

Vou atirar-me ás ondas, campa immensa
 onde o cadaver nú, gelado, informe,
 sobre a espuma volteia,
 até que a sorte lhe depare abrigo
 do gordo tubarão no inchado ventre,
 nas fauces da balêa !...

Vou atirar-me ás ondas! Do suicida,
 como eterno remorso, ha de a memoria
 castigar o tendeiro!
 como espectro de Banquo hei de surgir-lhe
 do barrete, das botas, das terrinas,
 das saccas do dinheiro !

Se Delfina casar depois de eu morto
 por alta noite lhe entrarei no quarto,
 e, á luz da lamparina,
 rasgando o cortinado ao leito infame,
 eu pousarei meus labios de caveira
 nos labios de Delfina !

Sendo o Villaça o noivo (idéa horrenda!)
n'elle, audaz, cevarei toda esta furia
que o peito me trespassa;
e, como a pança no Villaça é tudo,
meu punhal vingador fará mil brechas
na pança do Villaça!

Mas não! quero viver! quero fartar-me
d'amarguras e dôr! Serei corsario,
traficante negreiro!
Da America longinquâ alguem me acena!
vou dirigir-me lá, vou ter venturas
no Rio de Janeiro!»

—*—

N'isto Delfina apparece
junto á capella, sósinha,
e a medo, a furto, caminha
na direcção do namôro...
vai causar-lhe uma surpreza,
cantar-lhe uma aria da «Martha»,
mas vê-lhe nas mãos a carta
e rompe em ondas de chôro.

Volta-se o Chico, assustado,
vê Delfina, a carta esconde,
e a taes lagrimas responde

com grande atrapalhação:

— «Tu aqui, banhada em pranto ?
por Deus, acaba com isso !
bem sabes que este derriço
causa a nossa perdição ! »

— «Que fazias n'estes ermos? »

— «Esperava-te... »

— «Obrigada:
e a carta que tens no bolso?...
é d'alguma namorada? »

— «No bolso... não tenho nada,
filha do meu coração !
Acredita o que eu te digo...
não trago nada comigo
e o bolso... só tem *cotão*! »

— «Deixa vêr. »

— «Delfina, escuta !
Teu pae não quer que me adores,
e embrarra tanto com isto
que eu não teimo, eu não resisto,
e vou pôr um termo á lucta !
No entanto, filha, não chores,
que o pranto faz mal á vista,
e eu não desejo encontrar-te
no armazem d'um oculista !

Tem fé no amor do teu vate,
que está fóra do combate,
mas cujo peito inda bate
d'amor por ti, só por ti! »

Delfina, agora, sorri
e esquece a carta maldita.

— «Tambem meu seio palpita
d'affecto por um ingrato,
que me arranha... como um gato,
como uma cousa exquisita!
Ha dias que não socégo,
e tu não sabes porque?

Olha, Rego,
o amor é nada sem fé
e sem esp'rança!
Minh'alma ha já muito tempo
que não descança!

Assusto-me de tudo,
(mania absurda e tosca !)
de quem me fita mudo,
das azas d'uma mosca,
do riso de meu pae,
riso amarello e baço;
dos pés e do cachaço
d'un homem que lá vae,

que zomba dos janotas,
que chama aos trovadores
patetas, idiotas!

das minhas flores,
do meu arbusto !
das grandes botas
do tio Augusto!
Será tolice
mas tenho medo;
ninguem m'o disse,
porém supponho
que o teu segredo,
mais que medonho,
nosso futuro
d'amor sem par,
d'amor tão puro
vem degollar !

Oh ! sim !

tu escondeste de mim
uma carta, eu bem a vi !
já de magoas ando farta,
já muito e muito soffri !
ou deixa vêr essa carta
ou sahe d'aqui ! »

Francisco ajoelha aos pés da sua amada,
beijando a mão, que a dama lhe estendia...
e o empregado honesto e todo prosa
que o *pharol* acendia,

ao deparar co'a scena escandalosa,
olhava-os... e sorria !

Passou a nuvem. De Delfina aos olhos
volta a alegria! a flor d'entre os abrolhos !

— «Perdoa esta loucura!»

— «Minha querida!»

— «Meu amor!»

E o Chico

entre os braços recebe a virgem pura,
e diz-lhe a soluçar:— «Logo te explico
a historia d'esta carta, horrenda, escura!»

— «Lembras-te, Chico, do passado? Eu lembro!
quantos protestos de affeição eterna!
A flor do nosso amor nunca sentia
falta de seiva, de perfume e côres!

Não era como outras flores;
em abril, como em dezembro,
sempre aos olhos formosa nos sorria!
Mas quantos maus agouros! que presagios
de morte breve em cada breve dia!
Quando eu morava em *Santa Catharina*,
um cão parava sempre junto á esquina
da capella das Almas,
e da noite soturna ás horas calmas

uivava tanto e tanto,
que me causava susto, horror e espanto !
Depois, quando mudei p'r'a *Ferraria...*

não te lembras, meu Rego ?
sempre ás trindades, ao morrer do dia
um mocho me apparecia !
não sei bem se era mocho ou se morcego !
Vês? sempre o agouro infausto !
sempre o fatal destino !
mas não ouves ao longe a voz d'um sino ? »
— « Espera... é fogo ! »

— « Um fogo é sempre mau !
Augur tambem será de infausta sorte ?

dirá desgraça ou morte
nas chamas ateadas ?
Ó Chico, vae contando as badalladas... »

— « É em S. Nicolau ! »
— « Bem ! já não tremo por meu pae; no entanto
aquele som vem desfazer-me em pranto ! »

E de repente, erguendo-se
com gesto de possessa :

— « Ó Chico, exclama, enganas-me !
diz-me: que carta é essa ?
mentiste ! atraiçoaste
o amor que te dedico !
Vamos, de mim te aparta,
não mais te veja, ó Chico !

Que é isto? ficas mudo!
 mas... ah!... no *sobretudo*
 foi que eu t'a vi guardar!
 ei-la, a maldita carta! »
 —«Não leias, desgraçada!
 se lês, vaes desmaiar
 e aqui, n'este logar,
 seria trapalhada
 muito para contar...»

.....

Debalde clama! é já tarde!
 Delfina rompe em soluços,
 comprime a carta entre os dedos,
 e cahe por terra de bruços;
 e, ao cahir, pallida, exangue,
 dá co'o nariz nos rochedos,
 e assim fica essa infeliz
 toda coberta de sangue
 do nariz!

—«Jesus! brada o pobre Chico—
 Que bonita entallação!
 nada... aqui é que eu não fico...
 mas... ah!... Delfina!... o fanico!...
 Villaça!... o baile!... o Falcão!...»

Desvairado o amante bardo
fita o olhar pasmado n'ella
e encara a fria donzella
como quem, de força exhausto,
calcula o pezo d'um fardo,
e fica na indecisão,
entre as ideias oppostas
de pegar no fardo ás costas
ou de deixal-o no chão...

— «Como hei de eu levar a cabo
a empreza de reanimal-a?
se perdeu a luz e a falla?
Esta só pelo diabo!
sobre a vergonha e o desdouro
tanta amargura e afflição!

E ninguem que me acuda! estou na Foz do Douro
e parece que estou na adusta Patagónia!

Ninguem! ninguem! debalde aos montes *grimpo!*
O meu sangue, que é limpo,
por uma gotta d'agoa de Colonia!»

.....

Depois... silencio... e soluços !
Em baixo, na estrada plana,
passam doux cavallos ruços
tirando uma americana...
Grita o poeta ao cocheiro
mostra, off'rece-lhe dinheiro
— tudo o que tinha — uma c'roa...

mas o cocheiro, assustado,
receia ser attacado,
e erguendo o longo chicote
(É o demo quem o aconselha)
mette os cavallos a trote
e a leve e *fina* parelha
não foge, não corre... vôa !

Passa um coupé em seguida,
e o Chico torna a gritar,
mas do coupé na vidraça
vê-se uma enorme caraça
d'estas que só por chalaça
Deus pôde um dia criar.
Jesus ! é elle!... é o Villaça !
já não ha que duvidar !
E Delfina inda estendida
e o Chico sem atinar
com boa e nobre sahida...
Só, elle e a sua desgraça,
o pharol, Delfina... e o mar !
Só não ! Lá da morada do vet'rano
alguem parte a correr...

— «Silverio ! amigo !

vê tu se me libertas d'este p'rigo
com auxilio profundo e sobre-humano ! »

— «Que vejo ? D. Delfina ! »

— «Cahiu... deu-lhe um fanico... uma vertigem...
de que a maldita carta foi a origem !... »

- «Entendo bem. Não são raras
taes vertigens na menina
que namora um bardo, um tolo!»
- «Silverio... por quem és, dá-me um consolo...
ajuda-me a sahir d'esta camisa
que tem mais do que onze varas!»
- «Espera... ouço rumor! talvez a brisa
nas franças do pinheiral...
mas não; é gente!»
- «É gente? ó lei fatal!»

Surge em tumulto um bando de criados,
de cacetes na mão, d'olhos ferozes,
ameaçadores, pallidos, suados,
buscando o grupo ao brilho d'um archote
que um d'elles traz na mão!

O grupo vêem... param! desnorteados
os paus erguem ao ar!

José Falcão,
mordendo os beiços, a fingir socego,
perfil-a-se com o Rego
e diz-lhe, a gaguejar:

— «Que é o do chicote
que você me indicou? su farrapilha,
su bréjeiro, que é d'elle?
Ponha já para aqui a minha filha
que você me roubou... e mais aquelle...
Vamos, já e sem demora
que para isso é que eu venho

de noite, por aqui fóra !
 nem sei como me contengo
 que o não desfaço... Vadio!»
 — «Senhor!»

— «Olá ! nem um pio,
 pois se você me dá troco,
 n'este immenso desvario,
 posso arrumar-lhe um tal sôcco
 que você vae ter ao rio...
 digo, ao mar...»

Delfina acórda,
 fita o pae, o Rego, os moços,
 e assim, d'esse abysmo à borda,
 sente do peito na corda
 do infortunio os alvoroços!
 — «Meu pae ! Por quem é, não tussa
 para fingir-se zangado!...»
 — «Qual pae... nem qual carapuça!
 o teu pae, como era honrado,
 já não tem filha!...»

— «Senhor !»
 — «Meu pae ! meu pae, que me mata !
 tire-me d'este embaraço !
 dê-me o seu braço
 e vamos para casa... Eu lá lhe explico...
 peço-lh'o por favor !»
 — «Sei o que vaes dizer-me. Um homem rico
 tem sempre quem lhe adore a bella herdeira,
 porque, a final, um dote de cem contos
 não é nenhuma asneira.

Pois bem. Eu ponho já nos *ii* os *pontos...*
e deixa-te d'andar no céu, na lua...

Que o teu noivo gentil, dentro em dez annos,
arranje uma fortuna igual á tua,

e, como agora é tenro,
depois será maduro,

receios não dará do teu futuro...

e eu então te darei a permissão
de casares com elle... e, *mão por mão,*
os *continhos* tambem se casarão...

Antes... não!»

Ouviu-se um immenso grito.

Filha da noite, ó virgem, que passeas
na avenida do espaço ás horas mortas,
não! não queiras tu vêr scenas tão feias!
mette-te em casa, ó lua, e fecha as portas!

Astros do céu, padrecas lá de cima,
vós, que traajes a estola do infinito,
rezae por vossa irmã... (irmã ou prima?)
que a eterna dôr... resume-a aquelle grito!



A decorative floral ornament consisting of a central flower with four petals, surrounded by symmetrical scrollwork and small floral motifs.

CANTO VII



A decorative floral border in the shape of a horizontal oval. It features intricate scrollwork, small flowers, and two larger floral corner pieces. The word "PARENTHESIS" is centered within this border.

PARENTHESIS

CANTO VII

PARENTHESIS

Posso, enfim, respirar ! Da estreita jaula
que se chama = parodia = as grades quebro
e vou por um momento andar á tuna.

Ó La Varrère dos leões do genio,
critica de *cafés*, que altiva domas
os litterarios monstros... não te zangues !

Da «Delfina do mal» que *mal* não dizem !
Porque rasão, meu Deus ?

Se é frouxo o enredo,
a forma irregular, a accião partida,
extravagante a ideia, o auctor confessa
toda a culpa que teve, e após, reagindo,
contra o dominio atroz das leis d'Horacio,
republicano audaz, lhe insulta o *methodo* !

Quem censura a ousadia ? Eu não, por certo,
porque eu tambem, na sombra onde me agacho,
conspiro e luto e sou republicano !
No poema, a heroina é uma leprosa ;
na parodia, um vet'rano o heroe... supplente.
Se pouco faz em scena... é que está bebado
e eu, por decencia, lhe prohibo a entrada.
Mudei os nomes, não mudei os typos.
Delfina é Josefina, o Chico, Albano
mais á feição do tempo e da verdade.
Falcão e D. Gastão — d'oppostas classes
inimigas, rivaes, mostram, no interesse,
nos sentimentos vis, o vil contacto.
Do fidalgo ao tendeiro immenso abysmo
vae, na apparencia ; um prejuizo eterno
da basofia social os dous separa...
no entanto, são iguaes ; junta-os a infamia
que esmaga um coração, que o perde e o mata
para salvar um dote, a bolsa, as libras !
De Silverio a Ricardo apenas deixo

a distancia que vae d'um parvo a um sceptico...
 Jacintha, e o seductor Macario, o grupo
 mal esboçado no primeiro canto,
 hão de appar'cer mais tarde.

Eu não admitto

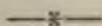
que me julguem obscuro, e que aos meus versos
 lancem baldões que não merecem nunca.
 D'esta comedia a principal figura
 é Delfina, a Delfina dos namoros,
 não a *das chagas*; não a velha; a nova!
 o nome d'ella é que baptisa o livro.
 O enredo facil, natural, não cede
 aos caprichos do genio, ao vôo immenso
 que sustém pelo espaço, em luz involta,
 a aguia da *Estrella*, o cysne do *Pavia*!
 Eu chamo pão ao pão e queijo ao queijo;
 quanto a metro, isso lá não é comigo;
 d'ahi lavo eu as mãos, como Pilatos.

A esfaimada censura os dentes crava
 na fórmula do poema... e da parodia?
 faz ella muito bem; que Deus lh'o pague.
 Todavia, eu não sei porque motivo
 se ha dizer que é feio um verso curto,
 dissonante, sem geito um verso longo
 porque juntos estão; que é falta d'arte
 encaixar entre doux alexandrinos,
 papudos, nobres, fanfarrões, soberbos,

um verso de tres syllabas — um verso
que lembra um pobre anão, carcunda e vesgo,
que vae prêso entre doux porta-machados !
Que tem isso ? A naçao desprende aos ventos
o estandarte immortal da economia !
Estamos n'um momento em que é preciso
poupar, sempre poupar, e tudo é pouco !
A revol'ção, no seu programma altivo,
indicou a refôrma, e, na tribuna
do *Postigo do Sol*, berram doutores
que só da economia a patria espera
provavel salvação ; salve-se a patria !
Cedam todos ao menos dez por cento
aos Possidonios crûs, que a nau do estado
vão dirigindo ao porto e ás ondas lançam
toda a carga... dos outros, o que é justo
por que salvam a sua... e a nau... e a patria !
Que tem, pois, que um poeta abrace a ideia
da santa economia e córte aos versos
como corta um ministro aos varios ramos
do serviço, que assim fica mais leve ?
Oito, dez, treze syllabas... é muito !
siga-se a lei geral, comam-se quatro
ou cinco, ou seis, da patria em beneficio —
Creio mesmo que os homens de Janeiro
hão impôr esse córte aos litteratos,
e que um dia um volume ha de imprimir-se
só com titulo e dacta, alguns pontinhos,
duas fracções d'um verso, umas erratas
e mais trezentas paginas... em branco !

Foi meditando em tal que na parodia
 versos cortei por minha conta e risco ;
 foi meditando em tal que no poema
 Thomaz Ribeiro, mutilando versos,
 prestou sincero culto aos bons principios !

Podia aqui provar-vos muita cousa
 co'a celeste geodésia,
 e co'as suas pyramides... podia
 fallar-vos de maneira a que ficasseis
 de boca aberta, e d'olho arregalado !
 Não quero, porque sei que vos massava.



No fim da rua *Firmeza*,
 perto do *Poço das Patas*,
 uma casa d'azulejo
 dá na vista aos pataratas...
 É lá que mora o Falcão.
 Ninguem nas janellas vejo...
 não se ouvem passos na escada !
 Tudo silencio e tristeza,
 pacatez e solidão !
 Um tocador de realejo
 que anda a mostrar um macaco
 quando alli parava, d'antes,
 levava sempre um pataco,

e um sorriso da creada
que o fitava dos mirantes...
Hoje, a soturna morada
lembra aos raros caminhantes
sepulchro que se tapou,
ou casa de devedores
que a mão fatal dos credores
varreu, fechou... e sellou.

Medeia distancia curta
entre a casa de Delfina
e outra da rua da *Murta*
que ameaça completa ruina.
As portas com graves furos,
as janellas sem vidraças —
a cal com pontos escuros
parece estar com bexigas...
e de tanto encorrilhada
lembra um cacho d'uvas passas !
Na mudez, na soledade,
tudo aquillo inspira dó !
a verdura da humidade,
o amontoado do pó,
dão-lhe um aspecto sombrio !
em decembro, como em julho,
aquella casa... faz frio !
Preza inerme do tortulho,
dá causa a lendas estranhas,
e no int'rior com certeza

contém um mundo d'aranhas,
 um cahos de ratos velhos,
 que, pelo forro, horas mortas,
 andam correndo e chiando,
 e lembram almas penadas
 que, de traz d'aquellas portas,
 se estivessem lastimando
 das suas penas magoadas !

Quem vive n'este edificio,
 n'esta morada sinistra
 que o nosso bom municipio
 finge não vê... por favor,
 ou então, (isto é mais certo)
 por não morar d'alli perto
 nenhum amigo cleitor ?
 Ai ! no profundo socego
 d'esta casa solitaria
 morava o Francisco Rego !

.....
 Entremos ! entrae commigo
 na solitaria morada !
 vêde : está aberta a cancella
 e franca a todos a escada...
 Subámos, se bem que ha p'rigo
 talvez em subir por ella !

eis o quarto de Francisco...
 puf ! como cheira a môfo !
 como está cheio de pó !
 como aqui se junta o cisco !
 Bem se vê que é d'homem só,
 que nunca teve familia...
 Inventariemos agora
 a mal fadada mobilia :
 uma cadeira de estofo
 velho, surrado, aos pedaços,
 cadeira que sem moleta
 não se segura ; cadeira
 que teve em tempo dous braços
 e, como o Sá da Bandeira,
 perdeu um... ficou maneta !
 perto, uma meza de pinho
 com papeis, livros, tinteiro...
 ao lado, para um cantinho,
 um, já lascado, lanceiro
 com dous casacos pendentes
 e um par de calças de cõr ;
 junto da porta uma cama
 sem lençol nem travesseiro,
 e só tendo um cobertor
 fazendo as vezes dos tres...
 da isolada cama aos pés
 uma *donzella*... d'escada,
 um traste d'estimação !
 da *donzella* no degrau
 um castiçal de latão

com alguns lumes de pau !
 ao fundo, uns restos d'armario...
 Finalmente eu não prosigo
 n'este penoso inventario
 porque o leitor vem commigo...

.....

Ó triste solidão, triste de quem te habita,
 se nunca á sorte grande ousado se habilita !
 E aqui a vida arrasta, e morre de paixão
 o Francisco — *Romeu*... da *Julietta* — Falcão !
 Não sei como alguém pôde, entre maguas tamanhas,
 viver inda por cima a olhar para as aranhas !
 mas tudo está perdido ! ai ! sim, tudo assim vae !

.....

Esperaveis talvez ouvir agora um ai ?...
 um grito de quem chora !...
 Ora !

—*—

Inda não conhecéis o sápateiro
 que mora no portal d'aquelle predio,
 o amigo, o amparo, o auxilio, o companheiro
 do infeliz trovador ? Rotundo e nedio,
 grande barriga, açafroado rosto,
 nariz chato e vermelho, e todo em pingos
 desfazendo o rapé no antro das ventas...
 cis o mestre Doiningos !

um velho mal trajado e bem disposto,
que dá dinheiro a juros... Mau, sovina
para todos... mas não para o Ariosto
da rica, bella, e candida Delfina...

Sentado na tripeça
medita o sapateiro
e pende-lhe a cabeça
no meditar fatal...
sovela e fôrmas larga,
trautea extranhas coplas;
occultam-lhe as manoplas
os bolsos do avental !

Os oculos de lata
erguêra para a calva !
que furia lhe dilata
as azas do nariz ?
prêsa ás disformes azas
que um pingo alaga e inunda
a penca rubicunda
não vôa... por um triz !

Em voz soturna e rouca
falla comsigo mesmo.
Parece ter na bôca

a chamma dos vulcões...
 Nem o leão o imita
 no matagal silvestre !
 Ouçamos o que o mestre
 dizia aos seus botões :

— « Sahiu ao romper do dia
 e não voltou !... que seria ?
 Talvez, deitado na rua,
 co'as azas d'uma *perúa*
 esconda a fronte sombria !

— Mestre Domingos... saúde ! —
 me disse elle... e eu já não pude
 livral-o da negra ideia...
 Ai ! pobre moeda e meia
 que Deus te ponha a virtude !

O destino é bem caturra !
 vejai como elle me impurra
 me cança e desassocega,
 e a cada instante me préga
 d'estes sopapos na *burra* !

Não sou rico feito á pressa...
 ganhei-o aqui na tripeça
 sempre entre sollas mettido...
 se o juro é forte e subido
 quem não quer... que m'o não peça !

Mas o Chico, o pobre moço
 que está inda sem almoço
 nem jantar, talvez, nem ceia !
 E a minha moeda e meia !...
 custa a roer um tal osso !

Nem penhor, nem garantia !
 É bem tolo quem se fia,
 n'este tempo, em gente d'esta !
 quem o seu dinheiro empresta
 por ordem... da *sympathia* !...

E não me larga esta ideia
 pesada, medonha e feia !
 Que funda magua que eu sinto
 de largar, pinto por pinto,
 aquella moeda e meia !»

Assim se queixava Domingos Saraiva
 nos fôrtes impulsos de grande sovina !

seus dentes, já raros, rangiam de raiva...
fungava-lhe a penca felpúda e ferina !

E um passo apressado soou no passeio,
parou ante a porta... Profundo mysterio !
Levanta-se o mestre com grave receio...
passados momentos entrava Silverio !

Que susto elle mostra no rosto sinistro !
na fronte o cabello revolto se empasta !
De queixo caido parece um ministro
que viu, em S. Bento, roubarem-lhe a pasta !

— « Cá 'stou eu, mestre Domingos !
venho a suar, a suar !
são tantos, tantos os pingos
que nem mettido no mar
tão alagado estaria !»

— « Trazeis noticias ? »

— « Pois não !

fresquinhas, mesmo a saltar !
andei sempre e todo o dia
sem descansar, nem parar,
a vêr se alguem me dizia
onde estava o maganão...»

— « E a final ? »

— « Trago uma carta ! »

— « Fugiu ? »

— « Não... foi dar um gyro... »

— « Por onde ? »

— « Minha alma pecca

se occulta o que sabe a alguem...

Foi talvez por Séca, e Méca,
e olivaes de Santarem !

Passou nas ruas de Sparta
matando pardaes a tiro !

Entrou em Roma, sósinho,
montado no seu garrano,
só para provar o vinho
das tascas do Vaticano !

Sobre o jazigo de Bruto
foi sacudir, altas horas,
a cinza do seu charuto !

Como se Deus lhe désse azas
entrando em terreno grego
voou, tranquillo, em socego,
da pyra ás ardentes brazas
e fez-se Cupido... velho !

Foi gravar = Francisco Rego =
na campa d'Epaminondas...

*Andou por cima das ondas
como nós por nossas casas
(e n'isso fez como Ulysses !)
nas aguas do mar vermelho,
mais vermelho que a tulipa,
em cima d'immensa pipa
mandando aos eccos do espaço*

o rumor das estroinices !
 Tal como ao Judeu precito
 ninguem conseguiu sustal-o !
 ninguem lhe causou abalo !
 e apôsto que a estas horas
 podieis ir encontra-lo
 talvez montado a cavallo
 nas pyramides do Egypto,
 ou nos espaços aérios
 vago, no vago horizonte,
 fumando cinza d'imperios
 que foi apanhar ao limbo,
 no craneo d'um mastodonte
 que lhe serve de cachimbo ?»

— «Meu Deus ! meu Deus ! é pois certo
 que o destino o moço empalma
 e que, n'estes *labirinthos*
 fico eu sem os quinze pintos !
 quinze pintos da minh'alma ! »

.....

— «Tendes razão, Domingos. Esse ingrato
 não devia partir...»

— «E a carta ?...»

— «Lêde.»

— «Não posso !»

— «Eu tambem não. A voz me treme,

tremem-me as pernas... o nariz dilato
mas em vão ; não respiro !»

— «Oh ! leia, leia !...

Encoste-se à parede...
aqui tem a candeia !

Vamos a vêr se o Chico ao ir-se embora
se lembrou da fatal moeda e meia !»

Depois de alguns instantes de silencio
a leitura se faz. Mestre Domingos
limpa o nariz co'a mão, ou coça a orelha,
sempre em desassocoego...
Ouçamos o que diz Francisco Rego
em versos de parelha :

— «Silverio :

Vou partir. Não sei lutar com brutos !
debalde elevo aos céus os olhos nunca enxutos !
a alma d'espinhos cheia, aberto o coração,
deixo ao gordo Villaça a filha do Falcão !
Lutar? não sei p'ra quê! Prostraraun-me as tormentas...
Vingar-me do Falcão ? Só se lhe fosse ás ventas !
Sabes como eu amei !... sabes como eu soffri !
no jogo das paixões tudo arrisquei ; perdi !
Vou pôr-me, agora, a andar (é negro o meu destino)
por esse mundo além como anda o Rosalino...
e o genio tôrvo e mau que os passos me conduz
nem da razão, sequer, me deixa a frouxa luz !

Não sei se voltarei ; por isso é meu intento
 deixar-te aqui lavrado o pobre testamento :
 A ti... deixo-te o livro onde o meu estro audaz
 os versos archivou dos tempos de rapaz.
 Se achares editor (não rias de desprêso)
 cede-lh'o sem justar ! senão... vende-o a peso.
 D'uma maneira ou d'outra, aquillo que te der
 será para pagar a somma que quizer
 o bom do sapateiro, e se, por triste affronta,
 só der um pinto ou dous... entrega-lh'os á conta.
 Deixo-te mais a cama onde a chorar velei,
 a meza onde escrevia, os quadros que pintei.
 A Delfina... Meu Deus ! a magua é tanta, tanta !
 tenho como que um nó cingindo-me a garganta !
 dize-lhe que outro amor... Não!... mas espera!... Sim!
 que outra mulher... Peior!... que dei cabo de mim !
 que ao mal um termo puz ! que me levou o demonio !
 Não posso mais ! Abraca o teu

Francisco Antonio !

Post scriptum. Chorci ; sinto-me alegre e ufano !
 retomo a penna agora e augmento as doações.
 Não quero que me esqueça o pobre do vet'rano...
 se o livro se vender... dá-lhe quinze tostões !
 e dá-me á tua noiva (á tua noiva só)
 o meu Santo Antoninho... era de minha avó !»



♪ CANTO VIII ♪



NO BRAZIL

CANTO VIII

Nº BRAZIL

Eis-te chegada emfim, hora terrivel
em que eu tenho de andar n'uma atafona !
Eis o fatal momento em que Macario,
e a illudida Jacintha, estao á espera
de me encontrar para os trazer á *baila*
d'onde fugiram no primeiro canto.

Vinde, voae commigo á plaga americana !
 á patria do café, do coco e da banana !
 Macario vive alli, nas taboas do balcão
 firmando a base immensa á estatua d'um barão.
 Jacintha, essa não sei, mas julgo que Macario
 no *Rio* a abandonou deixando que um sicario,
 um negreiro vilão, vendesse a pobre *flôr*!...
 O ex-soldado esta rico... está commendador !

Tento na praia onde os negros
 andam lidando e suando !
 Barca esguia enfuna as velas
 no caes, onde estava á carga,
 e ao clangor das charavelas
 corta, ufana, a onda amarga
 que o vento, *saudoso e brando*,
disparte em flocos d'espuma.

Eil-a se perde entre a bruma
 do mar, que ruge e se alarga !

Uma mulher vae na tolda...
 belleza acabada, extinta!...
 Reconheço-a!... É ella! é ella!
 é ella! a infeliz Jacintha!

Vendida! vendida!
saudosa!... saudosa!...
perdida!... perdida!...
chorosa!... ai! chorosa!

· · · · ·

Florinha já murcha
que um tigre na garra
tomou e desfez!
Florinha... sem jarra,
que um biltre, um malvado,
de sujo soldado
mudado em burguez,
lançou ao monturo!
Que triste futuro
te aguarda, Jacintha!
que mágoas eternas!
algemas nas pernas!
algemas na cinta!

Mulher, porque fitas
a praia distante
e os braços agitas
e dizes *adeus*?
teu sórdido amante,
depois da desfeita,
da praia te espreita
sem medo de Deus!

Junto ao caes, sobre uina pedra,
assomou agora um homem
de chapéu de palha fina,
grandes pés, immenso abdomen.

A barca ao longe se escapa
e elle acena, e grita, e sua:
Não sabe o que faz, vacilla,
ora avança, ora recua !
A dôr lhe dilata as ventas !
a raiva o fascina e cega !
lembra uma pipa que andasse
aos encontrões pela adega...

— «Parac, marotos biltres !
— exclama emfim — tratantes !
Jacintha, a minha amada,
por vós me foi comprada...
mas, se a quereis ahí,
pagae-me o que vos disse,
pois eu não recebi !
Corja de meliantes !
immensa *fajardice!* »

E responde-lhe ao longe a voz serena
da rude marinagem
e o canto acerbo da infeliz *pequena* :

Côro dos marinheiros

—«Nos mares tambem se cosinha
boa vitella e bom carneiro,
e se bebe o sumo da vinha;
não te demores, cosinheiro !

Com presteza
põe a meza!
Ó cosinheiro ! ó cosinheiro !»

Jacintha

—«Perdi tudo ! Estou servida !
ai ! que principio e que fim !
dizer posso : adeus, ó vida !
Ó dor ! escrava... vendida !

Ai de mim !»

E sobre o caes, além, ouve a cantiga
e responde, a suár, cheio de espanto,
o triste dono da fatal barriga :

— «Pagae-me, caloteiros !
 Mas ah! rides á farta...
 que venha d'essas nuvens
 um raio que vos parta !»

E atira o chapéu ao ar,
 que gyra e tomba no mar !

Côro dos marinheiros

— «Pódes gritar, que essa restinga
 não mette medo ao marinheiro !
 Vamos beber a nossa pinga
 á saude... do teu dinheiro !
 É *Cartaxo* !
 Bota abaixo !
 Ó marinheiro ! ó marinheiro !

Jacintha

— «Deixei meu pai na *Barraca*,
 e atraz d'um ingrato eu vim !
 era forte... hoje sou fraca !
 gorda... e estou como uma estaca !
 Ai de mim !... »

E de novo o grunhir do pipo humano
responde á voz da filha do vet'rano:

—«Mal haja o ventre enorme
que de nadar me priva!
Que mal da obesidade
aos homens não deriva!...
Mal haja o Deus dos tolos,
o Deus que não me ajuda,
e em tubarão ou raia
ou polvo me não muda!...»

—*—

Haveis já conhecido aquelles typos
que Deus vai separar, prevendo asneiras,
pelo abysmo das *ondas bolideiras*?...

Não vos lembraes da Foz, onde Macario
junto á *Barraca* seduziu Jacintha?
Pois no quadro que vêdes inda agora
se emprega a mesma tinta!
inda ha vultos e sons que se conhecem,
collocações de grupos como lá!
Mas ah! que tom diverso no conjunto!
Mas ah! oh!... sim! mas... ah!

um tinha o *quê* dos quadros sempre bellos
do cantor da *Pedreira*, insigne poeta;
outro lembra a empastada taboleta
do engenhoso carcunda de Fradellos!
Tinha aquelle o rochedo avelludado
da *Senhora da Luz*—; tinha o *pharol*,
e muitas coisas mais,
que o não tornavam mau!

Este, o mar, e o calor do ardente sol
que nos abraza a testa,
que nos transforma em cinza, em vis torresmos,
e em suor nos desfaz... saccas de assucar,
e farinha de pau...

Se Jaçintha e Macario entram na festa,
se elles são ainda os mesmos,
quão demudados o leitor os acha !

Macario, era um rapaz, magrinho e branco...
Agora, agora é um velho
tão gordo e tão vermelho,
que está pedindo *carta de conselho*...
Só lhe quadram as contas e a borracha !

Falta o vet'rano... Às horas em que estamos,
não sei qual sorte a d'elle se ha tornado,
mas julgo que ha de andar no seu retiro
de lado para lado...

Também nos falta o Chico, o pobre amante !
mas talvez este canto não se acabe
sem que elle surja por milagre, ou sonho !

Quem sabe o que será ? Em vão distante
fique o Brazil da Foz ? A musa altiva
as ondas atravessa n'um instante !

.....
Quem sabe ?....

—*—

A barca desapparece
nas brumas do torvo oceano,
e inda no caes se conserva
o que eu chamei=pijo humano.=

.....
.....

Inspira medo o aspecto de Macario !
em sangue os olhos na orbita sinistra,
cerrado o punho, a testa ou rubra, ou livida,
segundo o sentimento incerto e vario
que lhe dá volta ao miolo !
uma vertigem lhe escurece tudo !
julga que o largo caes no mar desaba !
Impallidece ! A' face cōr de leite
subito volta a cōr da betarraba !

Imagina-se tolo !...

Tenta gritar, berrar, grunhir !... é mudo.
Olha... não vê! o chão dos pés lhe foge,

a febre ardente o sangue lhe incendeia...
sente travada em si profunda briga

entre os restos da ceia
e os muros da barriga !

O pesadelo o esmaga... A dôr, no ventre,
cresce d'instante a instante,
e o ventre lhe tortura e o asphixia...
Quer andar... mas não pôde. Vacillante
gyra um momento e cahe...

A apoplexia
Meu Deus ! foi fulminante !....

.....

Abre o mar, como a fauce abrem as lobas,
revolto, acceso em ira,
o sepulchro ondulante...

Dissereis que algum fardo ao mar cahira
pesando seis arrobas !

.....

Exulta, ó musa, engrinaldando a lyra !
Macario era um velhaco... era um tratante !

.....

E a vaga passa,
une-se o mar,
que da chalaça
mostra gostar...

e uma balêa
que ia a nadar
leva Macario
para o jantar...

Ao longe, no mar sombrio,
resoa o canto fatal,
que eu a custo paródio
d'um outro, que o leitor pio
vê na *Delfina do mal*:

—«Agora sim! morto, o patife
já nos não pede o seu dinheiro!
Por alma d'elle coma-se um bife...
Parce sepulchris, grande bréjeiro!
Sobre os cachópos
ergam-se os copos!
Ó marinheiro! ó marinheiro!»

E Jacintha, alma boa, em dôr se expande,
e empina, em triste dóbre... o *sino grande*!

—«Com meu pae, sentindo mágoa,
a beber vinho aprendi,

tu, Macario, a tua fragoa
vaes apagal-a com agua!...

Ai de ti!...»

.....

—*—

Volta o navio ao caes, temendo o grave risco
da balêa encontrar, que ao longe se rebola!
Alli vae ter Jacintha e alli puz eu Francisco!
Sabe o leitor que mais? Este mundo é uina bola!

CANTO IX

ULTIMO ESFORÇO

CANTO IX

ULTIMO ESFORÇO

Setembro, estação das *ferias* !
mez da *cebola* e da *nóz* !
mez de *penhoras* e *mudas* !
mez dos mergulhos na Foz !

Chorae, parelhas diaphanas,
pobres cavallos sombrios !
Exultae, moços de frete !
folgac, folgae, senhorios !

Na Foz, na praia dos banhos,
 que susurro e animação !
 que vastas f'ridas, que lanhos,
 no amoroso coração
 de naturaes e d'estranhos !
 Ai ! que affectos que não diz
 o afiambrado elegante
 á bella dama inconstante
 de lunetas no nariz !
 que amor não traz pela praia
 as almas n'uma *atafona* !
 Como o dandy a voz ensaia,
 e a posição, e os requebros,
 á espera que um anjo saia
 d'uma barraca de lona !
 Como a donzella desmaia
 vendo o namoro entre as vagas,
 a nadar, só... sem banheiro,
 n'essa canôa de fragas
 que alli se chama o *Caneiro* !

Que animo altivo revela
 a dama que sobre a *cuiá*
 despeja, ufana, a gamella
 em que o pae lavara os pés !

Ha scenas muito engraçadas...
 assim, nenhuma talvez !

Aqui, um grupo d'inglezas,
 filhas da nevoa e do mar,
 como a nevoa transparentes,
 frias talvez como as ondas !
 caras que fazem scismar !
 olhares convalescentes !
 pallidas como o luar !
 visões nos bailes, nos montes,
 ou pelas praias do mar,
 quando lhes bate nas frontes
 o clarão crepuscular
 que enrubece os horisontes...
 mas não visões... ao jantar,
 onde o *port-wine* as colora
 com seus reflexos d'aurora,
 como ao limpido chrystal,
 que a exaltação lhes define
 quando o =*Go save the Queen*=
 lhes quebra a fleugma habitual !

Grunhem, mas sem se movêrem !
 são estatuas, que tem voz !
 entre si discutem rapido
 se os banhos quentes da Foz
 fazem bem ao rheumatismo !
 e vendo o mar, que desgrenha
 o vento com magestade,
 nenhuma d'ellas se prostra
 diante do trémulo abysmo !
 d'elle só pensam... na ostra !

Além, por cima das pedras,
 algumas provincianas,
 timidas rolas do bosque,
 debeis florinhas serranas,
 que a refrescar-se aqui vem !
 casquetes d'abas caídas
 occultam soberbas tranças !
 saias, um pouco franzidas,
 são reposteiros d'un eden
 cheio d'amor e d'esp'rancas !
 que olhar algumas não tem,
 aquellas puras creanças !
 que aroma d'ellas se exala !
 mas a fala... ó Deus !... a fala !
 —«Como paxou?»—«Paxei bem!»

Não digo nada dos tontos
 que aos varios grupos das damas
 se declaram como uns etnas
 fervendo em rábidas chammas !
 Sempre os mesmos !... Se o Pulido
 désse um gyro pela Foz !

Leitor, tomemos sentido,
 e vamos andando, nós.

Vêde que rancho de bellas
que lembra, em escuro exilio,
as mithologicas deusas
nas discussões d'um *concilio*,
pedindo aos deuses auxilio
contra amoroço gatuno
que só por ellas se abraza !
Talvez invoquem Neptuno
á beira da sua casa !

Mas não ! Defronta-as um typo
que o leitor conhece ás legoas !
Cupido que não dá tregoadas
á damas a quem namora,
apezar dos cincoenta annos !
Cupido que só desfecha
settas d'ouro... e cada frecha
que rasga d'um peito as fibras,
faz sorrir os paes e os manos
d'essas, cujo peito fura,
porque sabem que portento
de boas, lucidas libras
está n'aquellea figura !

Do loquaz rancho das damas
uma, alegre e espevitada,
provoca o gordo sujeito,

torna a palestra animada,
e accende amorosas flamas
do nedio typo no peito...

—*—

A senhora espevitada

—«Olhe o mar, como está forte!
mas não tem feia carranca...
quando o mar está mais *vrao*
é quando a espuma é mais *vranca!*»

O ricasso

—«*Bossencia*, em *amergulhando*,
mostra ter muita coragem...
queria-a *bér* no mar alto
quando eu *fez* minha *biagem!*»

Conversa á parte

—«Ó Luiza, olha a tola da Maricas
armando aos pintos do boçal ricasso...»

— «Ella, e mais a sobrinha do Cambiasso,
só desejam ser ricas !»

— «Não fazem mal; no entanto é uma vergonha
que senhoras de boa sociedade
se exponham n'uma praia á hilaridade
das amigas...»

— «Pois não! mas que risonha
ella se mostra assim! cara de pau!»

— «E espcvitada...»

— «Ai! n'isso nem falemos!
não faz senão mudar o *b* em *v*!...»

— «Aquillo é porque vê
que o *v*, na bôca d'elle, é sempre *b*!»

Um litterato comprimentando as senhoras

— «Que grupo! inda ha pouco, ao vêl-as
do terraço da *Assembléa*,
julguei que um *bouquet* de lirios
fôra plantado na areia!»

A senhora espevitada

Lirios!... os lirios são roixos!
Foi no conceito infeliz.

O litterato sorrindo

É que eu tinha os olhos fitos
na ponta do seu nariz !

As outras senhoras á parte

— «Que gracejo de mau gosto !»
— «Podéra ! expostas ao ar !»
— «Mas eu, nas maçãs do rosto
sinto um frio de gelar....
Estarei pallida?»

— «E eu?»

— «Assim, assim ; n'esta roda
nenhuma ainda perdeu
a selecta côr da moda...»

O litterato ao ricasso

— «Vossencia já tomou banho ?

As senhoras em voz baixa

As sereias d'este mar
ao vér um peixe tamanho
tem medo de se mostrar!»

O ricasso respondendo

— «Inda não... por meus peccados
vim depressa... Olhe, já tusso!
tenho os pés muito suados...
reccio agora um defluxo...»

As senhoras voltando a cara

— «Ih! que nojo!» — «Que marido!»
— «Antes amar um carreiro!»
— «Por isso eu tenho sentido
que estava aqui tão mau cheiro!»

Junta-se ao grupo aquelle personagem
que eu já te apresentei, leitor, no *Club*.

— «Olá, barão!

— «Bons dias, meus senhores,

minhas senhoras... venho da cidade,
trago importantes novas...»

Cercam todos
o barão, que se orgulha e, assim, prolonga,
a anciedade geral.—«Francisco Rego
soube no *Rio* que a infeliz Delfina
casou, e vem *di lá* vingar a affronta.
Sabeis que um *velho heroe*, que protegia
aqui na Foz, namôro tão sem geito,
tinha uma filha que fugiu ha tempos
com não sei que soldado? Essa pequena
foi vendida por elle...»

— «Horror!»

Desmaia
uma das bellas que o papá fallido
tentou vender tambem com previo ajuste...
— «E então?»

— «Vendida, a misera Jacintha
a bordo entrou da barca d'uns corsarios,
mas, como uma baleia o mar cruzasse,
voltou a barca ao porto e o bom do Rego
a serva resgatou. Jacintha, ao vê-lo,
contou-lhe tudo, e disse-lhe, entre prantos,
que Delfina casára...»

— «O pobre tolo
ficou, de certo, a arder!»

— «Lá vem Silverio,
amigo e confidente, hade por força
saber do Rego alguma cousa nova.»

Com efeito, Silverio entra no rancho,
com seu ar de desdem, seus modos frios,
e encara a turba que o rodeia anciosa.

— «Que temos?»

— «Diz-nos depressa:
o Rego vem ou não vem?
Põe-te a abanar a cabeça
que não illudes ninguem!
Vês estas damas? são elles
que pedem....»

— «Podéra não!»

— «Minhas senhoras, perdão...
mas nada sei...»

— «Falso ás bellas!
isso é má educação!»

— «O que ha pouco alguem me disse,
foi que o Rego ha de voltar
e em tão solemne tolice
não posso eu acreditar!
Quanto ao vet'rano, sabendo
que estava só, e em apuros,
quiz levar-lhe um companheiro!»

— «Quem?»

— «Um sovina tremendo!
um Piplet que empresta a juros!
o Saraiva, o sapateiro!
Ao avistal-o, o vet'rano,

lá no seu antro silvestre,
 saltou-lhe aos hombros e, ufano,
 cobriu de beijos o *mestre*,
 que a saudação lisongeira
 recebeu ás gargalhadas
 e logo á venda fronteira
 foi buscar duas canadas!»

.....
.....

E poz-se um termo ao *cavaco*,
 e a *má lingua* emmudeceu!
 Silverio sentiu-se fraco,
 a tremer mais do que um junco,
 e sobre o nariz adunco
 fez abaixar-se o chapéu!

Porquê? na face tristonha,
 correm lagrimas em fio,
 e o chapéu tapa a vergonha
 escondendo o desvario!

Ouve-se em torno o ciciar do riso,
 que mal abafa almiscarado lenço;
 prova indelevel de mingoadão *censo*!
 sobeja prova de apagado *sizo*!

E a onda sóbe que as areias lambe !
 e as damas fogem occultando o pé,
 porque bem sabem o que diz Musset :
 — *que l'on devine par le pied la jambe!* —

.....

Apaga-te, morre,
 furtivo gracejo !
 não vês como corre
 minh'alma, que aos pinchos
 ulula nos guinchos
 do meu realejo !
 Alegres meninas,
 chusma encantadora !
 bellas e mofinas,
 ide-vos embora !
dandys parvalheiras,
 cabeças frisadas,
 deixae as banheiras
 de pernas gretadas,
 de mãos com frieiras,
 — moças da Custodia ! (*)

(*) A Custodia é uma das mais antigas e afamadas ba-
 nheiras de S. João da Foz.

Deixaes as alfombras
das sujas esteiras!
deixaí-me co'as sombras
da minha parodia!

—*—

Dez horas da noite! Um vulto
sóbe a terrível ladeira
que vem dar da *Corticeira*
ao muro das *Fontainhas*;
segue a rua d'este nome;
chega ao *Jardim de S. Lazaro*;
como a fadiga o consome
e um callo lhe mata um pé,
descansa por um momento
junto á porta do *Café*...
Da patrulha aos finos olhos
o rosto sem medo furta
e a passo leve e apressado
entra na *rua da Murta*...
Ahi, pára! Olha, sombrio,
uma casa abandonada;
olha as janellas sem vidros
e a velha porta estalada...
á porta encostando o ouvido,
chama, e escuta. Um som plangente
como um ai, como um gemido
d'abandonado doente,

responde; é o ecco das ruinas
que ficam da casa em frente!
Treme o vulto, receiando
alguma traição infame!
tem o cabello erriçado
como vassoura d'arame!

— «A casa que foi minha! O mesmo predio!...

Mas santo Deus! que tedio
me inspira agora esta possilga immunda!
Debalde á mente dou profundos tratos
para vencer esta aversão profunda,
estas scismas estranhas!
Entrar? não posso! Espantam-me as aranhas;
tenho medo dos ratos!

És tu, portal das vagas aventuras
dos tempos d'estudante!

És tu, onde eu beijei, mesmo ás escuras,
mais d'uma bella, dedicada amante!
Diz-me que estás vasio esse *perfume*
do mofo e da humidade
que aos homens denuncia por costume
d'un predio a soledade!

Sótão mysterioso, inda te habita
 o bom do sapateiro,
 que dia e noite allucinado grita
 contra mim, por dever-lhe algum dinheiro ?
 Oh ! não ! Vejo tambem que estás vasio
 com bastante pezar... do senhorio !

.....
.....

Tudo o mesmo que foi, e eu tão mudado !
 Tudo inteiro qual era, e eu só quebrado !
 Misero ! desgraçado !
 morrendo de paixão !
 a alma ralada, apodrecido o peito !
 sem forças o pulmão !
 Podésse eu apanhar-te agora a geito,
 Falcão !... Falcão !...

.....
.....

Eis o marco fatal ! Eis o limite
 da rua onde morei. Jesus ! eu tremo !
 um passo mais, e quebro a sacra jura
 que terrivel prestei aos meus penates !
 Quer o destino mau que vos imite,
 n'este, de desventura
 negro, fatal momento,
 pávidas sombras dos antigos vates !

Dormi nos braços da amorosa inercia;
 segui do estranho os espinhosos trilhos!
 Volto, novo Camões, e acho Nathercia
 casada... e sabe Deus se mãe de filhos?»

.....

Cedendo á mágoa secreta
 que lhe esmaga o nobre seio,
 cão de costas no passeio,
 no espaço os olhos espeta!
 A lua bate-lhe em cheio
 no rosto pallido e alvar!
 Vem, leitora, se és discreta,
 vem, que te quero ensinar
 como se queixa um poeta
 de barriga para o ar!

—«Senhor! venho zangado! Estou como uma bicha!
 mariposa a julguei; saiu-me lagartixa!
 flôr, a quem off'reci por vaso o coração,
 trocou-o a um vaso d'ouro! Estalo de paixão!

Longe andava sósinho, ao clima brazileiro
 pedindo a eterna luz que brota do dinheiro,

..

para tornar-me bello aos olhos do burguez
 que o meu profundo amor, rindo, calcára aos pés !
 Velhaco me tornei, lidando com velhacos ;
 já dentro em meu bahú guardava alguns patacos ;
 sensata economia, ardente labutar,
 parco almoço... ou nenhum ! parquissimo jantar,
 a roupa sempre a mesma, e sempre as mesmas botas,
 cambadas nos tacões, mal engraxadas, rotas,
 isso tudo era em mim prova de immenso amor,
 que só por causa *d'ella* á vida semsabor
 do commercio prestava assiduo acatamento !
 Já letras descontava a seis e a dez por cento ;
 já tinha a manha toda, e toda a humilhação,
 d'um homem que se curva até chegar ao chão,
 sem pejo de baixar-se ao nível d'um lameiro,
 para apanhar no lodo um saco de dinheiro.
 Quando eu contava *cem*, dizia : « hei de ter *mil* ! »
 Sobrava-me a instrucçao da eschola do Brazil !

Um dia (inda estremeço !) á terra da banana
 chega um barco de véla. O frete é carne humana...
a nodoa do presente... escravos e grilhões !
 o que ha de encher de horror... os netos dos barões
 que só com tal negocio o titulo arranjaram !
 (F'ridas que vem assim, meu Deus ! depressa saram !)
 Entre o rebanho vil que se agrupava alli,
 uma pobre mulher a soluçar eu vi !
 não era negra a escrava ! Era bella e distincta.
 Fitou-me, e um grito deu ! Fitei-a : era Jacintha !

Que havia de eu fazer?... compral-a. Essa infeliz contou-me a sua historia; eu era um chafariz de pranto; era um repucho!

— «Agora, me disse ella, vou dar-vos um desgosto...» e, subito, amarella, a tremer, a tremer, na escada do porão cahia por um triz se eu lhe não deito a mão!

— «Vamos! lhe disse, falla!»

— «Ó Deus, a lei divina é dura, negra, atroz! Delfina...»

— «O quê?»

— «Delfina... o anjo do vosso amor que a sorte despenhou... senhor, não desmaieis...»

— «Despacha-te...»

— «Casou!...»

— «Impossivel! gritei; se o dizes por chalaça, desmente-te, Jacintha!»

— «O noivo, um tal Villaça, é gordo e tem fortuna...»

Ouvindo o nome atroz, pallido, eu recuei... mas subito, feroz, lançando a mão nervosa ao mastro que tremia, blasphamei, praguejei, raivei... passado um dia, resolvi-me a partir; parti. Deus, que me vê, sabe as minhas tenções... porquê e para quê...»

Ergue-se o vulto sombrio,
sentindo a pausada bulha

dos passos municipaes!...
 mas a sensata patrulha
 rente passou do vadio
 sem se importar dos seus pais!

Como um phantasma infernal,
 d'um só esforço robusto
 eil-o abre a porta sem custo
 e entra, ousado, no portal!

Tudo deserto e calado
 na loja do sapateiro!
 o mostrador empenado!
 vasias tripeça e estante!
 e o quebrado candieiro,
 n'outr'ora da loja enfeite,
 que, suspenso d'um barbante,
 do tecto pende... apagado!
 sem azeite!...

E o vulto? solta lhe vae
 dentro do seio a procella!
 louco, procura a sovela
 ergue-a do chão, guarda-a, e sác.

Chega um visinho á janella...
 o infeliz disfarça a raiva

que peito e fronte lhe abraza,
e pergunta: «N'esta casa
móra alguém?»

— «Ninguem, que eu saiba.
Em tempo, o senhor Francisco,
e um tal Domingos Saraiva ;
um parvo muito *petisco*,
e um avarento de lei !»
— «Que é feito d'elles ?»

— «Não sei!»

— «Conheceis um tal Silverio que vinha aqui?»

— «Muito bem !
Era um rapaz pouco sério,
que nunca tinha *vintem* !
Alli, no estanco da esquina
deve charutos ; a mim
pediu-me um dia uma c'roa,
perto d'aqui, no *Jardim*,
e a c'roa... foi-se á *divina*...»

— «Sabeis d'elle?»

— «Ouvi contar,
que uma bella dansarina
lhe conseguiu agradar

e que, d'ella em companhia,
fugiu... foi viver na quinta
d'uma rica e velha thia,
que o deixou por seu herdeiro,
o que é bom para o tendeiro
e me salva a pobre c'roa!...»
—«Talvez na Italia?»

—«Essa é boa!
em *Freixo de Espada-á-cinta!*»

—*—

O vulto caminha avante;
inda esp'ranças insensatas
o animam por um instante!
Chegado ao *Poço das Patas*,
de novo pára, a tremer,
prêso d'estranha sezão,
fitando as largas janellas,
onde Delfina Falcão
lhe vinha ás noites dizer
motes de ardente paixão!

Ai! agora é que são ellas
do bardo no coração!

Chegou-se ás grades da porta
que se abre para o quintal,

como a gata traiçoeira
 que vigia a ratoeira
 onde se agacha o rival
 da faminta cosinheira!

Lá dentro, ao longo da horta,
 sob o docel da videira,
 tudo é calado e tranquillo!
 Pobre Chico! apenas ouves
 a voz aguda d'um grillo
 que passa por entre as couves
 em busca de seu azylo!

A porta, ao leve encontrão
 de forte e robusta mão,
 nos velhos gonzos gyrou;
 o bardo, ao vêl-a gyurar,
 poz-se um momento a scismar...
 e entrou!

Tal como o gallo condemnado á morte,
 que, já f'rido, se escapa da gamella,
 nadando em sangue, a imaginar-se forte,
 e vôa, e entorna o caldo da panella,
 cahe de novo! levanta-se espantado,
 seguido, escorraçado!

e procura a cabeça, que não acha
 desde o tremendo corte,
 luta, forceja,
 treme, e por fim se agacha
 sob a carqueja,
 assim o Chico, entrando no quintal,
 onde outr'ora beijára a amante esquiva,
 vê fugir-lhe dos pés o chão fatal
 e anda e desanda n'uma roda viva!

Sente arripios trémulos
 pelo costado !
 escuta uns sons longinquos...
 fica aterrado !

Por entre a penca e o brócolo,
 desponta o canto !
 Conhece a voz pathetica !
 Chora... d'espanto !

— «Tenho um bicho cá por dentro
 que me roe e vae roendo ;
 quanto mais afago o bicho...»

Pára o canto !
 e a estrophe alegre e ratona

termina entanto
n'uns harpejos... de sanfona!...

— «A voz d'ella, meu Deus ! Como consola
ouvir-lhe um canto... e um canto conhecido !
nem penso na desgraça !
mas... horrivel idéa !... aquella viola...
quem a tangêra aqui ?... Quem ? seu marido !
o infame, o gordo, o sordido Villaça !

Ó virgem mãe de Deus !... santas e santos,
vós, que advogaes da humanidade a causa
lá na corte divina,
se me déstes prazer n'aquelles cantos,
destes-me eterna dor n'aquella pausa !
Nada mais quero ; quero ver Delfina !»

— «Quem é ? quem foi que chamou
por esse nome, que é o meu ?»
— «Eu !»

— «Olha ! quem é respondeu,
e eu conheço aquella falla !
Vae ao teu quarto depressa,
e traze a tua bengala...

já, já,
antes que desappareça,
o vulto, que inda alli 'stá !...»

E a *fina* senhora que a voz conhecéra,
 dirige-se ao ponto d'onde ella soára,
 mas vendo Francisco, de branca de cera
 vermelha de rosa tornou-se-lhe a cara!

Recobra-se o bardo ao vêl-a !
 Nem já no marido pensa...
 galga d'um pulo a cancella,
 e, ebrio d'alegria immensa,
 foi dar de cara com ella !

O bardo pára, e ella pára !
 olham-se muito embaçados !
 querem fugir... cousa rara !
 sentem-se á terra chumbados !...
 nenhum se move, nem falla :
 são como estatuas sem vida !
 Elle, commovido a olhal-a !
 ella a olhal-o... commovida !
 n'elle a memoria d'uns beijos
 dados n'aquelle logar,
 e inda uns despojos d'esperança !
 n'ella uns estranhos desejos,
 e entre os dois a vil lembrança
 do *nó gordio*... aos pés do altar !

Eram dois tolos varridos,
 dois videntes, que não crêem
 no vil amor dos sentidos,
 sem calcular que os maridos
 não são *videntes*, mas *vêem*!

— «Delfina!» elle exclama...
 Ninguem lhe responde!

Ajoelha, desvairado! A bella dama
 nas mãos o rosto com vergonha esconde!

— «Delfina!... Onde esse amor que me jurára
 a filha do Falcão n'este quintal?
 Escusas de esconder nas mãos a cara!...
 Traidora!... desleal!...»

— «Rego? que queres tu? Não me persigas!
 eu já não sou *Falcão* mas sou *Villaça*!
 Vaes dizer que fui *vil*!... Por Deus! não digas!
 não culpes a desgraça!»

— «Mas o noivo, o teu noivo promettido,
 que, mais que a Deus, te amava,

repara bem... sou eu !
se teu pae te vendeu como uma escrava
ai d'elle !»

— «Não... meu pae não me vendeu !
Coitado ! está *fallido* !
por isso um brazileiro
mostrou-me o seu dinheiro,
e disse-me :— Olhe lá, senhora *moça* !
eu conheço o seu *bem* ;
pobre peralta que não tem vintem
para presunto, arroz, carvão de choça,
e as mais despezas que uma casa tem !—

.....
Junto á igreja, parou... subiu a escada...
eu subi atraz d'elle... e estou casada !

.....
Escuta... Ó Chico, é elle !
é elle ! é meu marido !
Se tens amor á pelle
foge, ou estás perdido !...»

— «Se o Villaça aqui me pilha,
bem sei, bem sei que me mata,
mas, Delfina, inda uma esp'rança
dentro d'alma explende e brilha !
Vamos não sejas ingrata !
dá-me...»

— «Custou-me a encontral-a !»

— «Jesus!»

— «Não te assustes, filha...
sou eu que trago a bengala.
Vejamos se alguem se esconde
no meu quintal...»

— «Foi além!»

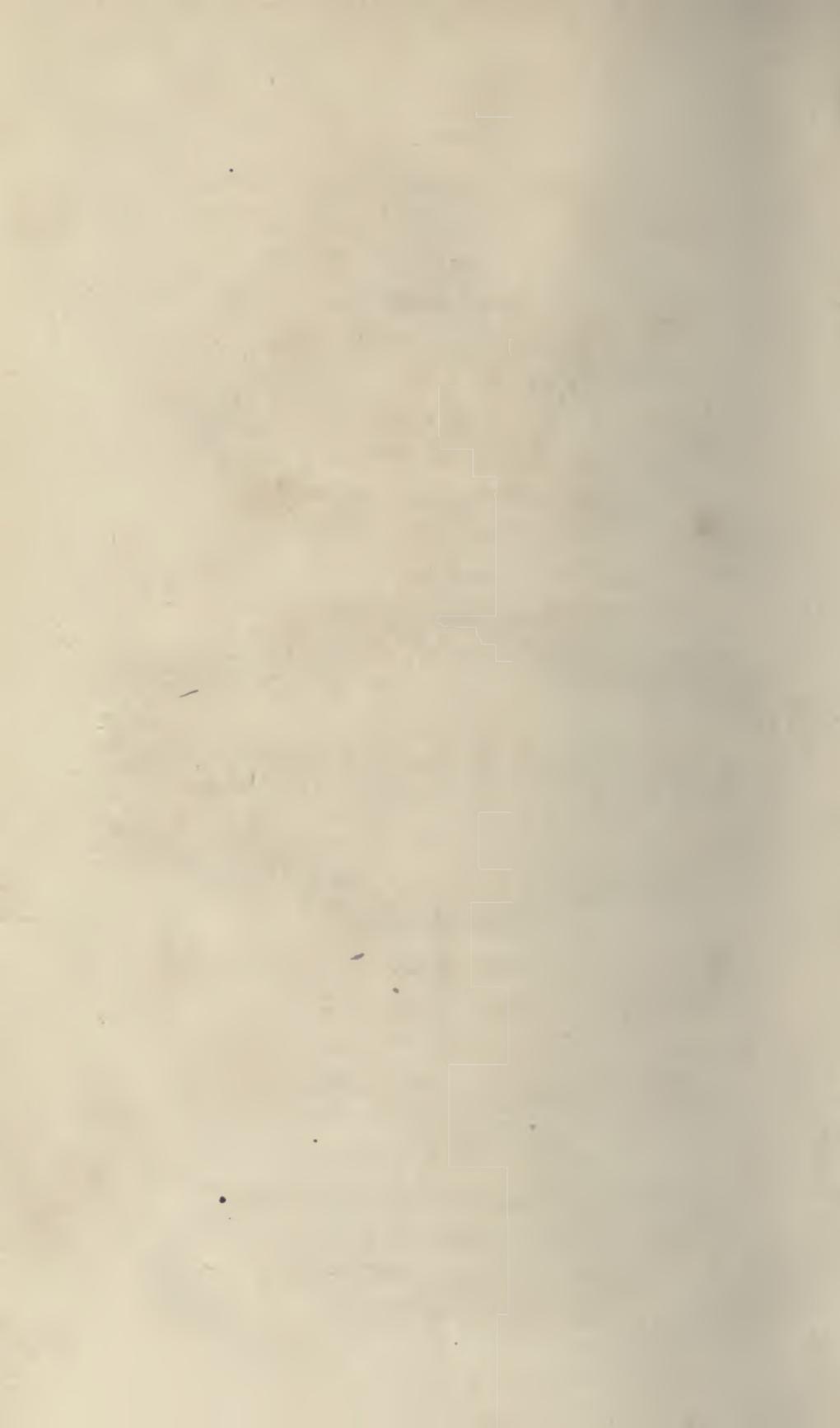
— «Dize-me aonde...»
e o bello par conjugal,
emquanto o Chico, escondido,
tremia atraz da cancella,
andou por longe, entretido
a procurar o importuno,
que, dizia a esposa bella,
talvez fosse algum gatuno!

Viu-os o Chico andar por entre a horta,
viu Delfina cortar largo repolho,
sobraçal-o, e seguir sem cara torta
o homem feliz, que lhe piscava um olho;
viu-os subir, entrar, fechar a porta,
ouviu correr lá dentro um bom ferrolho,
e só então, conhecendo
todo o horror d'isso, que escuta,
em vez de se erguer... olhar...
e cahir... findando a luta...
armou-se da sá prudencia
que nos manda acautelar...

(reticencia)

e lá do reino da lua
d'onde o poz fôra o Villaça,
primeiro saltou á rua,
sem se importar dos vizinhos...
e só no meio da praça
foi que elle desmaiou! (Muitos pontinhos).





CANTO X

À PORTA DA TABERNA

É na praia da *Luz*. Sobre um rochedo,
das tardes ao clarão sinistro e roixo,
vêde-o sentado além!... Parece um mocho,
—ave infeliz que sente e inspira medo!

Não tem veias, tem cordas no pescoço!
livida, a face lhe reflecte a lua,
e alveja-lhe o melão da fronte nua
como d'um fiambre já comido... o osso!

Negro destino que lhe fôra aos queixos,
 mudou do genio o astro... em lamparina !
 Pelo tom do sarcasmo a lyra afina...
 batei-lhe as palmas aos seguintes trechos :

— Adeus, terras amadas !
 Lisboa—a dos vadios ;
 Coimbra—a das queijadas ;
 Guarda—a dos arripios ;
 Regoa—a dos vinhos varios ;
 Lamego—a dos presuntos ;
 Braga—a dos missionarios ;
 Vianna—a flôr do Minho ;
 Porto—o burguez do Douro ;
 Adeus ! partimos juntos
 sem paz, e sem vintem,
 eu e o meu desdouro
 por esse mundo além !

Meu Portugal, adeus, meu pobre velho,
 —leão, que levas couces d'um jumento
 sorrindo á humilhação !
 Vae-te amparando assim ; pede, em S. Bento,
 á economia um mundo de... propostas !
 até que um rubro inglez te leve ás costas
 e te ponha em leilão !

Parte ! assobia ! arremessa-te !
carro sem rodas, nem gado !
n'esse teu gyro apressado
vai digerindo o carvão !
Derruba os montes e as arvores !
rasga campinas e serras !
desprende as molas... já perras !
vôa, ardente carroção !

Ao meio dia (envergonha-te !)
adormeci nas *Devezas*,
já co'as fornalhas accesas
sentindo o monstro bufar !
Queria a *Santa Apolonia*
chegar sem muitas demoras...
acordei: eram tres horas...
e estava perto... d'*Ovar* !

Visão, porque fugiste, archanjo aero?...
Hontem á noite, á luz dos astros bellos,
fui sentar-me a scismar, sério e bem sério,
n'um dos *frades* do caes de Massarellos ;

formam lendas alli o po e a lama !
rasgando á nevoa a gelida cortina,
núa, gentil, como quem sahe da cama,
tu surgiste, Delfina !

Quiz-te abraçar; cedendo ao meu desejo,
correste para mim. Cheio d'assombro,
senti nos labios o calor d'um beijo,
e, logo apoz, uma cabeça loura
 pousar-se no meu hombro!

mas (nem por sonhos a ventura escassa
me quer sorrir, a mim!) eis senão quando
vejo ao meu lado um vulto, manejando.

um cabo de vassoura !
Era a imagem fiel do teu Villaça,
que até nos sonhos vem ! Sempre é desgraça !

Luta, nobre ricasso ! é grande essa mania !
falle a voz do dinheiro á patria taciturna !
verás o nome teu romper, sahir da urna
como explendido sol nos céus da economia !

Agentes do poder! cabos e regedores!
rasgæ da authoridade as listas vergonhosas,
rendei-vos ao fulgor das *c'roas* milagrosas
gritando: «O voto é livre!» aos livres eleitores!

Ricasso, aqui me tens ! Da patria em beneficio,
é justo que eu proteja os homens de fortuna !
Oh ! deixa-me subir ! de pé sobre a tribuna,
hei de eu mostrar quem és no centro d'um comicio !

Mas, se queres vencer, os *meetings* renova,
e aquelles que o teu nome hão de levar á egreja
fecha-os, até que chegue o dia da peleja,
n'um dos teus armazens do Caes de Villa Nova !

.....

Hontem na egreja da Lapa
resmungava o sachristão :
—Ou seja malvado ou tolo,
sempre o tratante me escapa !
se chego a deitar-lhe a mão
ponho-lhe a cara n'um bolo :
Entrar na casa divina,
commettendo o desacato
de desenhar, a carvão,
sobre a parede, um retrato !
é crime que brada ao céu ! —

O retrato... é teu, Delfina ;
o pintor impio... fui eu !

mas deixa fallar o bruto
 que o julgou feito a carvão !
 Foi co'a ponta d'um charuto
 que eu tinha achado no chão !

Dizes que é modo exquisito
 de te amar n'este abandono ?
 mas se até pintando um môno
 as tuas feições imito ?

.

.

O progresso não morre : isso é verdade !
 cada vez mais robusto, eil-o surgindo
 com nova carga aos hombros !
 sirva de nobre exemplo esta cidade
 sobre a qual paira sempre um rancho infindo
 de *prodigios* e *assombros* !

Hontem fez o *Palacio*—alto portento,
 onde o sol do futuro explende claro !
 —espanto dos burguezes !

Que maravilhas lá ! são mais d'um cento !
 Olhae os pés do célebre Genaro !
 as mãos dos japonezes !

Em tudo está o progresso !... até n'um bombo!
nas Carmelitas o palhaço guincha
pedindo espectadores ;
agil se mostra pelo aero tombo,
e, ao lado da tribuna, onde elle pincha,
reina... o *Rei dos Tambores* !

Francisco, não te inclines sobre a tumba !
vae callejar as mãos, obscuro obreiro,
 no trapesio da gloria !
mette o porvir no bojo d'um zabumba !
agora o essencial é ter dinheiro
 tudo o mais... é uma historia !»

Lia o bardo estas cousas n'um caderno
que trazia na mão, e que fechou.
Desceu da rocha e, a vagarosos passos,
triste, ao longo da praia caminhou.
Como Antonio de Padua, erguendo os braços,
—«Habitantes do mar, disse elle—ouvi-me!
já que os homens despresam meus cantares
dae-lhe vocês uma lição sublime!
Ahi tendes meus versos!...» e, lançando
ao mar o livro que na mão trazia,
o poeta infeliz seguiu chorando,
—fatal preza de funebre mania!

.....
.....

— «Eis tudo consummado ! Embora as *folhas*
chamem loucos aos tristes que se deitam
das *Virtudes* abaixo,
aos que tomam, n'um copo d'agua-ardente,
duas caixas de *phosphoros*!... Eu acho,
que um desgraçado, um infeliz, que engeitam,
desnaturados paes, o amor e a esp'rança,
e que frio e gelado o peito sente,
faz bem em se matar, porque descança !

.....
.....

Tudo no mundo se parece á bola
que o mundo dizem ser. Nada é seguro !
tudo falsêa aos pés, tudo rebola !
a gloria, a esp'rança, as crenças no futuro !
Ténta a gente suster-se sobre a esphera
d'uns amores do céu, por nós sonhados !
a esphera põe-se a andar... Triste chymera !
vamos ao chão ! ficamos esmagados !

Cheguei um dia á casa onde morára ;
abri a porta... horror ! Pobre Francisco !
logo uma aranha me pousou na cara !
vi columnas de pó, montes de cisco !

mas nem um companheiro
rabugento, e sovina, o sapateiro,
pude achar! A tal dôr não se resiste!
Nem esse, por dever-lhe algum dinheiro,
quiz mais saber de mim!

Como isto é triste!

.....
.....

Roidas taboas de castanho velho,
porque não desabastes? Como escapo
sempre á morte que busco? Assim, ao menos,
morrera esborrachado como um sapo!

.....
.....

O suicida não se mata!
não!... mata-o sorte mofina!
a mim, matou-me uma ingratã;
mataste-me tu, Delfina!

.....
.....

Dizem que o suicida é fraco!...
será?...
mas eu não lhes dou *cavaco*
e acabo com isto já!

.....
.....
.....
.....
.....

Vive-se para um *fim*, mas, sem ter *meios*,
que *fim* seria o meu?

Desde o *principio* me correram feios
os negocios do amor, que me perdeu!

Leva-me o sofrimento
a alma para o céu,
tal como leva o vento
levissimo chapéu...

.....
.....
.....

São nove horas da noite!... Quando o dia
illuminar o espaço... hei de estar morto!
mas antes vou ceiar á hospedaria
esperregado a um, vitella fria,
e um calice do *Porto*!...

.....

Acaso estarei doido?
Triste, de certo; e muito apoquentado!...
mas doido!... ai! não!... que o diga esta prudencia!

Pensêmos um bocado
co'a mão na consciencia:

Porque quero eu morrer? porque debruço
 a fronte exhausta sobre a cova fria?
 sahe-me o pulmão rallado quando eu tusso...
 cada pranto dos meus, cada soluço,
 conta uma dôr, revela uma agonia!
 Se, em vez da *flôr*, me deram só o *espinho*;
 se Deus me quiz roubar o amor que salva;
 se tenho o peito aberto, a fronte calva,
 e apagado o lampeão do meu caminho;
 se já não vejo um sér que me acompanhe,
 quem vive assim... não vive! Oh não!... vegeta
 entre isto e a morte, aos olhos d'um poeta,
 é bem facil a escolha!
 A mágoa deve ser como o *champagne*
 que atira a rolha ao ar! nós... como a rolha!

.....
.....

Quando tinha esperança amei a gloria,
 meiga visão na febre da vaidade!
 tentei deixar de mim n'esta cidade
 profunda, eterna, explendida memoria
 julguei, julguei passar d'idade a idade,
 —bronzeo vulto em pyramide marmórea!—
 mas quando ás faces me cuspiu zumbaias,
 grosseira e vil, do Porto a sociedade,
 quando tive d'andar por longes praias

despachando laguardente e capa-rosa,
 ou vendendo algodão, como um caixeiro...
 velho, humilde, ignorado, entregue á prosa,
 sem luz, nem fé, nem crenças, nem dinheiro;
 a mim eu disse então :

— Pois isto corre assim? Dá-se este premio,
 dá-se este galardão,
 ao genio altivo que demanda o espaço?
 o talento não passa d'um bohemio?
 o rei da creaçao... d'um vil palhaço?

• •

Quando olho a *lua cheia*
 e abysmo o pensamento
 n'aquella grande bola
 de manchas toda cheia,
 que dão á gente a ideia
 d'uns olhos, d'um nariz,
 ao vél-a, attento, attento,
 supponho que a infeliz...
 padece de morpheia!

Talvez... talvez que um dia
 nos ambitos da lua
 amantes, namorados
 andassem pela rua,
 comendo rebuçados,

a olhar para as janellas
dos anjos adorados !
das timidas donzellas !
E agora ? Deus zangou-se
e, lá, tudo é vasio !
o amor... evaporou-se !
e a lua, entre as estrellas,
anda a tremer com frio !
Era festivo templo
e hoje... só tem abrolhos,
nadando em fria neve !
Ó terra, vê que exemplo,
e põe alli teus olhos !
Bem pôde ser que em breve
tu, que já 'stás enferma,
ó terra, fiques erma
no espaço aos trambolhões,
ridicula, irrisoria,
coberta de baldões !
E ahi tens a eterna gloria
que não prestou
e a immensa luz da historia
que se apagou !

.

Creio meu Deus, que existes...
mas creio que não vês,
lá do teu céu profundo,

o modo porque os tristes
apanham n'este mundo
da sorte os pontapés !

.....

Meu Deus ! Meu Deus !... É justo que eu te diga
que me esperes no seio do infinito ?
a mim... que mais não sou do que o mosquito !
que nem tenho o valor d'uma formiga !...

.....

Nós trazemos cá dentro uma lanterna
de que é torcida a alma e o sangue azeite.
Ha muito quem lhe julgue a luz eterna !
quando o azeite lhe falta—(o sangue é vida)
começa a crepitar
a flamma que se extingue—e que a torcida
trémla, vacillante,
devora n'um instante :
à funebre *partida*
chama-se-lhe : *espichar.*

.....

Já dez horas da noite ! Eis a navalha
fina,
usada
afiada,

com que eu devo cortar o meu pescoço.
 Que sombrio fulgor na dura lama !
 e o cabo? é de marfim... ai, não! é d'osso !
 dize, dize ao cantor calmo e tranquillo
 o teu segredo, ó gelida navalha !...

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

Vejo que minha mão não se atrapalha !
 vaes vêr como eu te *arranjo*, gorgomilo !

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

Resta escolher sepultura...
 será no monte, ou na areia ?
 Junto ao *Pharol*, na espessura
 do matto... não é tão feia!
 na areia... não é tão dura !
 Isso em breve se procura ;
 mas antes... vamos á ceia !

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

São horas. Cedo a minha hospedaria
 se fecha...
 posso levar co'a porta na bochecha !»

Partiu...

Quando rompeu a aurora
no luminoso carro,
pelos espaços fóra,
radiante de belleza...
ind'elle estava á meza
fumando o seu cigarro !
Depois ergueu-se, mudo ;
desceu do *hotel* a escada,
vestindo o *sobre-tudo*,
por causa da geada !
Como ninguem se importa
do trovador mesquinho,
eil-o atravessa a porta
e segue o seu caminho...

Chega á *Senhora da Luz*,
onde a capella destaca ;
fazendo o signal da cruz
pára em frente da *Barraca*,
mesmo á porta da taberna
que fica ao lado do monte,
e cuja apparencia interna
rir parece ao triste moço.
Hesita em entrar ou não...
quer *aquecer-se* primeiro ;
mas vê que não tem dinheiro
nos bolsos, todos *cotão* !...
com isso mais se atrapalha,

mais lhe recresce o alvoroco...
 tira do bolso a navalha,
 encosta o fio ao pescoço,
 e... zás!...

Mas Deus, n'estas pressas,
 quer revelar-se ao suicida,
 porque a navalha homicida
 está voltada ás avessas!

Quando elle deu pelo engano
 e tentou para a garganta
 voltar o gume,
 junto á casa do vet'rano
 ouviu fallar. Não se espanta,
 não receia, mas presume
 que vem alguem. Fica attento,
 a olhar, a ouvir!

A voz já sôa mais perto,
 e taes palavras dizia
 quem pelo monte deserto
 áquellas horas subia:
 —«Olha lá; não vás cahir!
 toma tento!

eu por mim firme e direito
 vou aqui como um sargento!
 Aqui vae agua, cuidado!
 de vagar, vamos... com geito...
 assim... que é lôdo o caminho! »

— «Agua, disseste! coitado!
o que tu queres... é vinho!»
— «Será, mas já vou cançado
d'este tão pessimo trilho!»
— «Que importa? á fé de soldado!
beberás mais um quartilho...»

Rindo sem medo da infernal borrasca
do destino que esmaga o peito humano,
mestre Domingos e o fiel vet'rano
vinham do monte em direcção á tasca...

Trocando mutuamente os seus cuidados,
dos grandes trambolhões fugindo aos riscos,
prestando, o veterano, os olhos piscos,
Domingos, que está cego, os pés cançados!

Milagres divinaes que faz o vinho!
ó sublime poder que vem da parra!
Não! nenhum d'elles cahe... nenhum se esbarra,
apezar de ser mau todo o caminho!

— «Compára bem, covarde a quem Deus ralha!
Aquellos, sim, que entendem esta vida!...»
murmura o pobre Rego em voz tremida,
e no bolso outra vez mette a navalha!»

Prostra-se e exclama : « É Deus que assim m'impede
de fazer n'este sitio a cama... eterna !
Senhor ! eu surjo á porta da taberna !
salva est'alma sem fé, que morre á sede !

O homem não é de si tendo dinheiro !
emquanto vinho houver, beba-se vinho !
emquanto houver no bolso um *pataquinho*,
esse cobre... pertence ao taberneiro !

Nas convulsões crueis de mágoa horrenda,
vinha-me a despenhar, d'olhos vendados !
e sois vós, beberrões dos meus peccados,
que a *venda* me tiraes... perto da *venda* !

Foge, ideia fatal dos meus revezes !
não chores, coração, que eu já te ensópo !
tendeiro, aqui me tens ! Enche um bom copo
ao modesto aprendiz dos teus freguezes ! »



EPILOGO

Era o tempo das *máscaras*. Festivo, ruidoso, alegre, o carnaval do Porto da burguezia cidade enchia as noites. Nos salões do *Palacio* immensa turba remoinhava nas danças, vivo inferno, fremente oceano de animadas ondas, mixto informe de trajes, de costumes! O escocez caçador, o audaz beduino, a revelha pastora, o nobre antigo de casaca de seda e meias... rótas; o classico *princez* de capa curta, chapelinho de plumas, largas botas,

cabello em caracóes e espada á cinta;
 o dominó soturno, o alegre bôbo;
 o impado general, a vivandeira
 de pipo ás costas, de bandeira ao hombro;
 o turco, o mouro, o astrologo, a sultana ;
 o fallador *pierrot* que salta e guincha ;
 o mudo rei de longa cauda a rastos,
 (cauda, sem *calembourg*... cauda... de manto)
 o *careta* sem typo e só *careta*
 por ter na cara um papellão pintado ;
 Toda essa chusma absurda, immensa, vária,
 multicôr, multifórme, esse terrivel
pandemonium do entrudo, ali suáva,
 ria, grunhia, aos empurrões, aos bérros,
 um, d'alegre a cantar; outro já môno;
 este seguindo aquelle, aquelle um outro
 com chôchas graças, com boçal pilheria!

O *restaurante*! Quem dizer-me póde
 o que era o *restaurante*?... Accêso cáhos,
 d'onde surgia, ao *fiat* dos moços,
 completo, um *genesis*... de carne e mólhos !
 d'escandecentes filtros, que sacodem
 com electrica força os dcbeis músculos
 da magra mocidade!

—Ostras.—Um bife.—
 —Cerveja.—Vinho bom...—Pasteis.—Genebra.—
 —Lume.—Charutos.—Meio *groog*.—Um *punch*.—
 Cem mil coisas assim ! Confuso, envolto,

era o rumor da sala. Um só creado
 —Prompto, meus amos...—respondia a vinte,
 a quarenta freguezes, não sabendo
 qual servirá primeiro. Outros corriam
 d'extremo a extremo, co'a bandeija em punho,
 levando um bife a quem pedira um *groog!*
 ostras levando a quem pedira um *punch!*
 Era a nova Babel, cheia de lingoas;
 a ingleza, a hispana, a itálica, a franceza,
 a nossa, a da Allemanha, a brazileira,
 todas ali prestavam leve culto
 aos deuses do pagóde, o amor, e o vinho!
 se até lingoas de porco!

—Ó musa, pára!

Não te esfalfes assim, que me és precisa...

—*—

Um homem baixo, obeso,
 entra no restaurante,
 fitando com desprezo
 a ignára multidão;
 appoia-se-lhe ao braço
 pequena pastorinha,
 com modos de rainha
 cheios de seduçâo!

Quem eram? Dois rapazes
 seguiam-n'os de perto,
 impávidos, audazes,

a rir, a conversar...
 Bufava de ciume
 o cidadão roliço,
 mas ella nem por isso
 deixava de os olhar.

Sentaram-se a uma mesa; os dois janotas
 de pé, na frente d'elles, como estatuas
 de comico terror, ficaram juntos!

— «Que toma o senhor Villaça?»
 — Traz-me paio com ervilhas.
 — «E esta senhora, que manda?»
 — Um *cognac* e dois *manilhas*...

Passava um *dominó*, d'estes phantasmas
 que sabem tudo, e tudo nos revelam
 durante o carnaval; terríveis sombras,
 que atraz de nós, sem compaixão, sem pena,
 caminham sempre ; inquisição moderna,
 que tem como tortura os epigrammas,
 e como auto da fé *baldas sabidas*.

— «Villaça, és caçador d'antiga fama,
 tens lebreus e *falcões*, vives da caça!...
 Mas ai de ti, se consta a certa dama

que andas caçando agora... uma perdiz!
 Escusas de fitar, pobre Villaça,
 em mim teus olhos de suino aspecto!
 Eu sou juiz fatal, sombrio e recto,
 Não pões medo ao juiz!»

O gordo cidadão mordia os beiços;
 riam-se os dous rapazes. A pastora,
 ria tambem, e o mascarado ria,
 e ria o moço que trouxera o paio,
 o cognac, os charutos.

— «Não conheces?
 baixo disse o Villaça á companheira:
 Julgo ser um ratão que eu *fez* ha *munto*
 embaçar, entre gente d'alta esphera,
 e que por isso me tem *osga*.»

— Calle-se;
 não grunha mais, olhe que paga as custas!

Percebe o dominó que fallam d'elle,
 aproxima-se um pouco, e, em voz mais alta,
 recomeça o discurso, a que o Villaça
 mudo responde co'o ranger dos dentes...

— «Villaça, és um heroe! Passaste um dia
 na *rua da Alegria*,
 e viste uma donsella
 pendida da janella,

como um lyrio, da jarra debruçado!
 ficaste apaixonado.
 Era uma costureira
 bonita e palradeira!
 conquistaste a pequena, e foste embora!
 D'ahi por uma hora
 no *Bomjardim*, á esquina de *Fradellos*,
 com outra suspiravas!
 (suspiros amarellos
 no bolso tu levavas!)
 Hontem seguiste uma mulher casada;
 hoje uma actriz; agora uma pastora!
 velhas e raparigas
 a ti, tudo te agrada!
 nem eu sei de mulher que tu não sigas!
 salvo... a tua senhora! »—

—É de mais! ruge o Villaça,
 e hirto, heroico se levanta!
 —Vale-lhe o ser n'esta casa...
 por isso você me canta!
 —Inda assim,—e agita os braços
 como as rodas d'um *engenho*—
 sú biltre! sú malcreado!
 não sei como me contengo...»

Uma risada atroz, sécca, vibrante,
 responde aos uivos do roliço amante.

Alegre, a *pastorinha*, em quanto o bruto
braços e lingoa com furor estafa,
vae despejando aos poucos a garrafa,
e accendendo, tranquilla, o seu charuto.

— «Que bem que ella bebe e fuma!
diz um dos *dandys*. Que mão!
mas não tem graça nenhuma
que a possúa um *tubarão*!»

— Toda essa gente que passa,
murmura o outro, não vês?
fica medindo o Villaça
desde a núca até aos pés!»

— «E então? Se é grande o concurso,
não o provoca elle só...
Tambem pasmavam d'um urso
que trazia o Bernabó !



Villaça engulia em sêcco,
crispava os punhos, tremia,
e do suor da agonia
tinha o pescoço a escorrer.

Debalde a testa limpava
co'o enorme lenço vermelho.
Debalde! O triste do velho
que podia ali fazer?

O *dominó*, sempre firme;
seguia-lhe os movimentos
com grandes olhos attentos
como os da fera voraz.
Pobre cordeiro, Villaça,
o mais infeliz do globo,
que tinhas na frente... o lobo!
e a parede por de traz!

A situação era critica,
quiz sahir d'ella o ricasso,
e, á dama off'recendo o braço,
pagou ao moço... e passou ;
mas d'elle empoz o *careta*,
que o rir da turba entusiasma,
como sinistro phantasma,
passo a passo caminhou!

Chegam á sala do baile,
com pés que parecem azas,
e, como gato por brasas,
passam por ella a bufar.

Eil-os cá fóra. A *donzella*,
p'ra mostrar affecto ao rico,
diz que vae dar-lhe um fanico,
grita que vae desmaiár.

Pára o rotundo sujeito
e o *dominó* tambem pára,
deixando cahir da cara
a outra cara... d'aluguer.
Da testa o capuz afasta,
e o brazileiro, aterrado,
ao vél-o desmascarado
de novo deita a correr.

No entretanto um dos janotas
off'rece o braço á pastora,
que acceita, e, por ali fóra,
vae caminhando entre os dois,
enquanto o anonymo espectro,
corre atraz do brazileiro
como no circo um toireiro
vendo o touro em *maus lençóes*.

Alcança-o... de novo param !
solta o bruto um grande bérro
sentindo uma mão de ferro
prender-lhe a papuda mão!

Mas o terrivel phantasma
diz-lhe com frio socego :
—Conheces Francisco Rego ?
Vamos! de rojo, poltrão!

Assim... não grunhas!... Silencio !
agora, ao vér-te ajoelhado,
de Delfina estou vingado,
vingado por úma vez!
No entanto, ahí tens o premio
da tua paixão indina ;
vae contar isto a Delfina...»
E deu-lhe dois pontapés!

—*—

Delfina estava só, no quarto onde a prendia
d'um Nero conjugal tyrannica mania;
baixinho suspirava a filha do Falcao
sentindo uma saudade a abrir no coração.
Saudade... d'outro amor! Tristissima lémbrança
d'uns sonhos que sonhou nos tempos de creança.
—Quem sabe?—ella dizia. A Deus tudo lhe apraz !
quem sabe se está morto aquelle bom rapaz !
morto!.. e por minha causa!.. Ó céus! que mágoa a minha!

N'isto assomou á porta á moça da cosinha.

—Minha, senhora...;

—«És tu, Martha?»

—Sou eu, sim, minha, senhora.—

«A, que vens?»

—Trago, uma carta...

«Deixa-a vêr; chega essa luz.

A letra..., espera!... Impossivel!...

mas este D. com rabisco?...

jurára ser de Francisco

se fosse crivel!... Jesus!»

Rasga, convulsa, o *enveloppe*,
desdobra a carta com ancia,
e os olhos lança a galope
sobre o querido papel.

Desfallece... inclina a fronte,
fica absorta e pensativa,
deixa cahir a *missiva*
e diz baixinho:—Es cruel!—

Nós, leitor, que n'este mundo
somos como Mephistof'les,
e que sabemos a fundo
o que não sabe ninguem,
nós, de quem nunca na vida
do demo o condão se aparta,
nós vamos erguer a carta,
e vamos lél-a tambem:

—Senhora D. Delfina;
 (eis como ella principia)
 não quiz a graça divina
 juntar dinheiro e poesia.
 Fez bem; nem lh'o levo a mal,
 nem me assiste esse direito;
 mas era nobre o meu peito,
 e o meu affecto leal!

A vossos pés pequeninos
 curvei-me, soberbo e forte,
 depondo ali meus destinos,
 meu futuro, e minha sorte.
 De mim zombastes sem dó,
 como quem d'um bruto zomba!
 Féro desprêso da pomba
 pelo amor d'um noitibó!

Mas a pomba, nos espinhos
 f'rindo um'aza, em vôo errado,
 foi cahir sob os focinhos
 de gordo, immundo cevado!
 Do ultra-estupido animal
 brutal fogo inflamma o sangue,
 e a pobre pombinha exangue
 prêsa ficou no curral!

Ah! se nascerem meninos
do *hymeneu* das duas raças,
uns cevados pequeninos,
uns pequeninos Villaças,
por elles a Deus rogaes,
para que Deus os não puna,
e que herdem com a fortuna
a estupidez de seu pae!

Senhora, o meu coração
já vos serviu de capacho,
mas, fugindo á escravidão
d'esse jugo infame e baixo,
vae, sem mágoa, nem canceira,
ligar-se, á luz do futuro,
ao coração nobre e puro
de Jacintha d'Oliveira!

Antes, porém, d'este enlace,
que me traduz outra signa,
não quiz que a affronta ficasse
sem desaffronta condigna;
vosso marido encontrei,
fiz-lhe uma immensa *chacota*,
e, co'a biqueira da bota,
d'alma os affectos vinguei!

Quando elle fôr para casa
 dizei-lhe que sabeis tudo,
 que lhe *empataräm* a vasa
 co'ás arrelias do *entrudo*;
 perguntae-lhe, em boa fé,
 sem odio, nem raivas falsas,
 se nos fündilhos das cálças
 tem inda a märca d'um pé!...

E sabei que vósso esposo,
 (terror de mães e de filhas)
 ém *tête-a-tête* amoroso
 comeu paio com ervilhas!
 que mascarada Beatriz
 acoimpanhava este Dante,
 e que elle é um grande tratante
 e vós... um anjo... infeliz!

Vingado estou! Posso unir-me
 a Jacintha, sem receio,
 porque d'um amor tão firme
 a vingança é novo esteio!
 Vou passar os dias meus
 n'uma existencia divina!...
 senhora D. Delfina,
 adeus!... para sempre adeus!»

Um mez depois, na egreja de Paranhos,
de Jacintha e Francisco um gordo abbade
os nomes lia, no correr dos *banhos*...

Delfina, que do esposo a crueldade
levára a padecer do infido peito,
e a definhar-se, em triste soledade;

como sentisse do pulmão desfeito
fugir-lhe o ar, e a morte macilenta
lhe fizesse namoro a traz do leito,

n'uma manhã d'abril, que o peito alepta,
de Paranhos seguindo a bella estrada,
a passeiar os leites de jumenta,

ia a scismar na infamia inesperada
do marido boçal, quando ouve um sino
balançando-se em mystica toada!

—«Que me vens tu dizer, bronze divino?
Ah! sim! convidas a infeliz consorte
ás orações que juntas ao teu hymno?»—

Disse, e na egreja entrou, serena e forte,
por entre nuvens de cheiroso incenso,
como a affrontar, sem medo, as leis da sorte !

Ao entrar, que viu ella?... um grito immenso
lhe sahe dos labios! trémula rectúa,
leva aos olhos as mãos, tapa-os c'um lenço!

Aos pés do altar, por sobre o qual fluctúa
não sei que ethereo véu de luz divina,
como o que envolve a scismadora lua,

Francisco Rego, o martyr de Delfina,
de bonet de galões, de espada á cinta,
enlaça a mão na mão d'uma menina!

Fulge o prazer nos olhos de Jacintha,
nos olhos de Francisco explende o affecto.
Ai! quadros d'estes, que Murillo os pinta?

Nos seios da mulher, oceano inquieto, .
o ciume é tempestade, e raio, e inferno ;
'struge, fulmina, abraza !

(Ai! que me *espéto*

se entro em estylo grave, ou meigo e terno,
ou sublime e feroz! Fujo do p'rigo,
e as velas solto ao jovial galerno !

Porque a final a inspiração, que eu sigo,
a inspiração, que facil me rebenta
como um *tumôr* já molle como um figo,

é boa por alegre e pachorrenta,
não por tétrica, horrivel, pavorosa,
como as scenas que o Rossi representa !

Mas basta, musa ; a tua voz maviosa
não cances no mister mal celebrado
de estar cantando o *ferro* d'uma esposa !

Se Delfina chorou (negro peccado !)
chorar devêra a sá moralidade !
Leitor, está o parenthesis fechado.)

Rego, ao dar com Delfina, uma saudade
sentiu no coração, mas foi tão fria,
tão sem consolação, tão sem piedade,

que por ella passou, todo alegria,
levando a noiva ufana pelo braço,
e atraz d'elles a alegre companhia !

Graças a empenhos d'un barão ricasso,
que dos barões na estupida milicia
dispõe d'un valimento em nada escasso,

Rego, que n'isto andou com gran malicia,
(de fino heroe o epitheto lhe quadra)
encaixou-se nos corpos da policia,

de fórm'a que era já chefe d'esquadra,
quando a mão de Jacintha uniu á sua !
Debalde a turba dos *policias* ladra !

Elle deixa-os ladrar ! trabalha, sua,
para inda mais subir, e faz de conta
que, acima d'esses cães, é como a lua !

Delfina engole a merecida affronta,
sahe da egreja a chorar, e chega a casa,
e diz a Martha: — «Ai! 'stou aqui, 'stou prompta!»

Como os olhos em lagrimas arraza,
sobrevém-lhe uma febre, e cahe de cama,
e sente o peito a arder, a arder em brasa,
justo castigo á desditosa dama !



Dos noivos á meza que grande restólho,
que immensos festejos a cada petisco !
mas houve quem visse que o pobre Francisco
trazia uma lagrima ao canto d'um olho !

Ergueu-se o velho vet'rano
de taça em punho, direito,
cheio de jubilo, ufano,
impondo a todos respeito !

— «Bebo, disse elle, á saúde
de meu genro e minha filha,
para que Deus m'os ajude
e os engrandeça a virtude
já que o passado os humilha !

D'ella foi longo o fadario !
e d'elle a sorte mofina !
Ella, a braços com Macario !
Elle, a braços com Delfina !

Bebamos ao casamento !
ao puro amor ! á belleza !
á gloria ! á honra ! ao talento !
quem não sahir do aposento,
fica debaixo da meza !

Vá, que tudo me acompanhe ! —
E erguem-se todos á uma,
e o vaporoso champagne
nos cópos fervido espuma !

.....
.....

No mesmo instante, em que isto se passava,
 Delfina succumbia... (alto mysterio !)
 e dois dias depois, morta, cruzava
 os soturnos hombraes do cemiterio !

Villaça, entregue á vida horrenda e feia
 do clandestino amor, da solta orgia,
 cóme uma noite uma pescada á ceia,
 e rápido o fulmina a apoplexia !

José Falcão, já velho, ao duplo abálo,
 não pôde resistir... — coração *tenro*!...
 sente no peito um pavoroso estálo,
 e segue atraz da filha e atraz do genro !

O LEITOR

Tres mortes em tres quadras? Que ferino
 que duro seio tem de bronze ou ferro?!

O AUCTOR

Mas que lh' hei d'eu fazer, eu, o assassino?!

O LEITOR

Cada quadra é um caixão?... faça-lhe o *enterro*!

NOTA INDISPENSAVEL

São poucos, e de nenhuma importancia, os erros de revisão que escaparam n'este livro. A paginas 101, por exemplo, ha um *queijo* visto n'um *pranto*, que só ficará sendo *pranto* para as intelligencias chatas como um *prato*.

A paginas 49, porém, a coisa é um pouco mais séria, por ser menos verdadeira. O seguinte verso

d'aquelle bom rapaz do Luiz XVIII

está pedindo piedade á historia, pelo sacrilegio, embora o snr. Antonio Feliciano de Castilho, e depois d'elle Horacio, me venham pedir tambem piedade pela *metrificação* e pela *arte*.

Luiz XIII é que é, não Luiz XVIII ! Eu não sei quem teve a bondade de me accrescentar cinco Luizes á minha ideia, mas supponho que imaginaram o verso curto... e zás; deram-lhe logo uma ajuda de *cinco reis*... que não vale *cinco reis*.

Melhor andariam se déssem duas syllabas a Luiz, no que não fariam nada de mais, e se deixassem o verso como estava

d'aquelle bom rapaz do Luiz XIII...

Ficamos n'isto ? --

INDICE

	Pag.
Dedicatoria, carta-prologo, conversação preambular, ou como quiererem chamar-lhe	VII
Introduçao	3
	CANTO I
A caçada	11
	CANTO II
A barraca	33
	CANTO III
Coisas	45
	CANTO IV
O club	61
	CANTO V
Prenda d'annos	85
	CANTO VI
Á luz do pharol	109
	CANTO VII
Parenthesis	129
	CANTO VIII
No Brazil	149
	CANTO VIX
Ultimo esforço	163
	CANTO X
Á porta da taberna	195
EPILOGO	217

